

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL**

**LUCIANA SANCHEZ MENDES**

## A Quantificação Adverbial em Karitiana

São Paulo

2009

**LUCIANA SANCHEZ MENDES**

## **A Quantificação Adverbial em Karitiana**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras/Linguística.

**Orientadora: Profa. Dra. Ana Müller**

**EXEMPLAR REVISADO**

**“De acordo” do orientador:**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Müller

Ass: \_\_\_\_\_

São Paulo

2009

**LUCIANA SANCHEZ MENDES**

**A Quantificação Adverbial em Karitiana**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras/Linguística.

**Orientadora: Profa. Dra. Ana Müller**

Aprovada em: 03/07/2009

**BANCA EXAMINADORA:**

Profa. Dra. Ana Muller

Instituição: FFLCH – USP

Presidente

Prof. Dr. Marcelo Barra Ferreira

Instituição: FFLCH – USP

Titular

Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira

Instituição: UFSC – Externo

Suplente

Aos meus pais, João e Lúcia

## Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à Ana Müller pela orientação deste trabalho. A Ana se tornou, ao longo dos últimos quatro anos, uma pessoa realmente especial em minha vida. Pela ética com que trabalha, pela paciência e disposição em ajudar e por acreditar em tudo que faço. E como se não bastasse, ainda é uma pessoa amiga e disposta a auxiliar nos assuntos não acadêmicos. É dela, com certeza, qualquer mérito que possa ter este trabalho.

Agradeço aos professores do Departamento de Linguística que contribuíram diretamente na lingüista que estou me tornando. Ao Marcelo Ferreira, pelas contribuições em minha qualificação, por discutir meu trabalho em várias oportunidades e por me convidar para ser sua monitora – momento em que, certamente, aprendi mais do que ajudei. Ao Marcello Modesto, também pelas contribuições em minha qualificação e por me mostrar que valia a pena estudar mais Sintaxe. À Esmeralda Negrão, pelas aulas de Sintaxe que me convenceram de que preciso estudar ainda mais Sintaxe. Ao Marcos Lopes, pelas aulas de Filosofia da Linguagem e, claro, pelo boxe. Agradeço em especial à professora Luciana Storto pela generosidade em ajudar quem estuda Karitiana, pela paciência em corrigir meus dados e por ter nos levado a Rondônia numa viagem certamente inesquecível para mim.

Agradeço aos secretários do departamento pelo apoio burocrático necessário. À Érica, pelas fofocas femininas e socorros com a impressora/xerox. Ao Ben Hur, por me oferecer café na manhã em que fui entregar minha qualificação e entreguei em minha cara que não tinha dormido aquela noite. E também pela ajuda com a impressora/xerox. Ao Robson, pelas conversas descontraídas de futebol e pela ajuda com a impressora/xerox. Sim! Só os três entendem como funciona aquela impressora/xerox!

Agradeço aos informantes Karitiana que trabalharam comigo durante esta pesquisa com paciência e dedicação. Sua contribuição foi, certamente, muito importante para esta pesquisa. Agradeço em especial à Claudiana, ao Cláudio, à Edelaine, ao Elivar, ao Inácio, ao Luiz, à Maria de Fátima, ao Mauro e ao Nelson.

Agradeço à FAPESP pelo apoio financeiro.

Agradeço aos bons amigos que fiz na Linguística durante esses dois anos de mestrado. Vou me lembrar de pequenas coisas de alguns deles, mas certamente teria muito para contar, já que essas pessoas são aquelas com quem passei a maior parte do meu tempo nos últimos anos. Foram meus companheiros de congressos, ótimas viagens (Curitiba), viagens nem tão boas assim (Goiânia), festas, pedidos de intervalo nas aulas, organização do ENAPOL, dúvidas sobre bolsas, relatórios e etc.

Agradeço em especial à Lídia, pelo companheirismo e ajuda desde o início, à Nize, por me receber tão bem no Piauí e pelos conselhos, à Ana Gomes, pela paciência em me ouvir e me ajudar sempre que precisei, à Ana Russo, pelas conversas filosóficas desde a graduação, à Letícia, pelas ótimas conversas sempre tão profundas a respeito da vida.

Agradeço também aos amigos não semanticistas, mas não menos importantes por isso. Ao Júlio, pelas conversas de futebol e por ter um *HomeR* incrível! Ao Rerisson, pela casa de

localização estratégica para nossas baladas. Agradeço em especial à Leonor que se tornou uma grande amiga e foi muito importante pra mim no último ano. Me ajudou, foi minha companheira de cafés, compras, cinema, teatro, bares e de ótimas conversas. Essas três pessoas foram bem presentes em 2008, principalmente em eventos não acadêmicos.

Agradeço aos meus amigos não lingüistas, e também não menos importantes por isso.

Aos membros do lar “Clube dos Cinco”, que no ano passado me aceitaram como membro efetivo do grupo. Ao Maurício, pelas boas conversas sobre educação e pelas risadas (quase sempre da educação). Ao Roger, por me fazer tantos cafés e pelas conversas no meio de tarde em que o trabalho era tanto e a cortina reproduzia uma cena de *Beleza Americana*. À Carol, por me acolher antes mesmo de me conhecer e por continuar gostando de mim, mesmo depois de me conhecer. Agradeço em especial à Cris por ser meu anjo da guarda que me ajuda em tudo e por um dia ter aceitado eu vir morar nesta casa. Companheira de choros e alegrias, saladas e corridas ao “tio do doce”, dietas e escapadas para tomar cerveja.

Ao trio osasquense: Cecil, Ana e Mário. Pelas fugas do mundo USP sempre regadas a muitas conversas. Por me aturarem falando do mestrado, da dúvida do doutorado e de todas as coisas da USP que me perseguem sempre. Nunca vou me esquecer daquela tarde de domingo em Itanhaém: a gente bebendo cerveja e conversando tão sério sobre a vida.

Ao Rubens, pelo apoio importante em parte deste trabalho. Ao Cléber, pelas conversas e almoços no japonês. Ao Márcio, pela amizade não corrompida pela distância. À Mari, pela diversão, amizade e pela ajuda na mudança e nas idas ao aeroporto.

Aos cinco amigos: Rodrigo, Mateus, André, Kelly e Marcela por serem os amigos de adolescência ausentes mais presentes que uma pessoa pode ter. Por, mesmo com a distância, conseguirmos manter um contato que, mesmo às vezes sendo raro, é tão importante pra mim.

Agradeço em especial aos meus pais João e Lúcia. Pelo esforço em pagar o colégio que um dia me pôs na USP. Por me apoiarem em tudo que faço mesmo não entendendo bem o que é. Pelo orgulho que sentem das minhas conquistas, mesmo não estando tão perto e pela compreensão por minhas idas raras a Franca. Ao meu pai por não “ter cortado as minhas asas”, como ele disse um dia. À minha mãe pelas longas conversas e pelo apoio em minhas decisões. Aos poucos, eles e eu fomos aprendendo que elas não eram tão descabidas assim.

Pai, Mãe, este trabalho é dedicado a vocês.

“A única atitude digna de um homem superior é o persistir tenaz de uma actividade que se reconhece inútil, o hábito de uma disciplina que se sabe estéril, e o uso fixo de normas de pensamento filosófico e metafísico cuja importância se sente ser nula.”

Fernando Pessoa  
(Livro do Desassossego)

## RESUMO

SANCHEZ-MENDES, L. **A Quantificação Adverbial em Karitiana**. 2009. 140f. - Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Esta dissertação apresenta uma descrição e uma análise semântica dos advérbios de quantificação *kandat*, *ahop* e *pitat* ‘muito’/‘muitas vezes’ da língua Karitiana, uma língua brasileira do tronco Tupi e da família Arikém, usando conceitos da Semântica Formal. Do ponto de vista morfossintático, este trabalho demonstra que os itens sob discussão são quantificadores ligados aos predicados verbais e não quantificadores nominais. Eles são analisados como advérbios, sendo que *kandat* tem uma distribuição sintática idêntica à dos outros advérbios da língua e *ahop* e *pitat* formam um composto com o verbo ao qual estão associados. Do ponto de vista semântico, *kandat* e *ahop* são tratados como advérbios de frequência. A operação de frequência é revista neste trabalho levando em conta a proposta de Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b de que o domínio verbal é de natureza contável, não possuindo uma distinção de natureza contável-massivo como a que é encontrada nos nomes. Essa operação é entendida aqui como uma contagem direta no domínio contável dos eventos e que não depende de nenhum componente especial dos quantificadores. Essa análise difere da de Doetjes 2007 que, seguindo o trabalho de Bach 1986, considera que os predicados verbais são divididos em contáveis e massivos e que a operação de frequência é realizada pelos operadores nesses dois contextos graças a um componente especial que eles possuem. Nossa proposta para o tratamento da frequência difere também, em parte, da proposta de De Swart 1993 que elabora diferentes soluções para usos proporcionais e não-proporcionais dos advérbios envolvidos nessa operação. O presente trabalho oferece uma proposta mais econômica para os diferentes usos dos advérbios de frequência, levando em conta dados do francês (oferecidos por Doetjes 2007 e De Swart 1993), do português brasileiro e do Karitiana. *Pitat*, por outro lado, é tratado como um quantificador adverbial de grau que, diferentemente dos quantificadores de frequência, possui um componente especial que permite tanto uma quantificação sobre ocorrências quanto uma especificação de grau. A análise apresentada demonstra, baseada nos dados das três línguas e nas suas possíveis leituras, como é mais interessante considerar que os advérbios de grau é que possuem um componente exclusivo e não os de frequência. Este trabalho propõe, portanto, uma análise dos quantificadores *kandat*, *ahop* e *pitat* da língua Karitiana usando como base uma revisão teórica da quantificação de frequência e de grau respaldada em dados de diferentes línguas naturais.

Palavras-chave: quantificação, advérbios, frequência, grau, línguas indígenas brasileiras



## ABSTRACT

SANCHEZ-MENDES, L. **The Adverbial Quantification in Karitiana**. 2009. 140pp. Thesis (Master's Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

This dissertation presents both a description and a semantic analysis of the quantificational adverbs *kandat*, *ahop* and *pitat* ‘a lot’/‘many times’ in Karitiana, a Brazilian language from the Tupi Stock, Arikém family, using the concepts of Formal Semantics. From the morphosyntactic point of view, this work demonstrates that the items under discussion are quantifiers related to verbal predicates rather than to nominal quantifiers. They are analyzed as adverbs, *kandat* having a syntactic distribution identical to all the other adverbs in the referred language, whereas *ahop* and *pitat* form a compound with the verb they are associated with. From the semantic point of view, *kandat* and *ahop* are treated as frequency adverbs. We propose a revision of the frequency operation, taking into account Rothstein's 1999, 2004, 2008a, 2008b proposal that there is a countable nature to the verbal domain, that is, the verbal domain does not have a mass/count distinction similar to the one found in the nominal domain. The frequency operation is understood here as a direct counting in the countable domain of events that does not depend on any special component of the quantifiers. The analysis we propose differs from the one in Doetjes 2007; this author, following Bach 1986, considers that verbal predicates are divided into count and mass, and the frequency operation is carried out by the operators in these two contexts, because of a special component that they possess. Our approach to frequency also partially differs from De Swart's 1993 proposal, in which she elaborates different solutions for proportional and non-proportional uses of the adverbs involved in the mentioned operation. The present work offers a more economic proposal for the different uses of frequency adverbs, taking into account data from French (Doetjes 2007 and De Swart 1993), Brazilian Portuguese and Karitiana. *Pitat*, on the other hand, is considered a quantificational adverb of degree which, unlike frequency quantifiers, has a special component that allows either quantification over occurrences or a degree specification. The analysis presented here shows, based on data from the three languages previously mentioned (and their possible readings), that it is more interesting to assume that it's the degree adverbs that have an exclusive component – as opposed to the frequency ones. This work therefore proposes an analysis of the quantifiers *kandat*, *ahop* and *pitat* in Karitiana based on a theoretical revision of frequency and degree quantification supported by data from three different languages.

Keywords: quantification, adverbs, frequency, degree, Brazilian Indian languages

## Abreviaturas

1	concordância de primeira pessoa do singular
1POSS	primeira pessoa do singular possessivo
2s	concordância de segunda pessoa do singular
3	concordância de terceira pessoa
3ANAF	terceira pessoa anafórica
3s	pronome de terceira pessoa do singular
AspP	sintagma aspectual
ASS	assertivo
AUX	auxiliar
C	núcleo do sintagma complementizador
CP	sintagma complementizador
CAUS	causativa
CONC.ABS.	concordância com o absoluto
DECL	declarativa
DUPL	duplicação
EXPL	expletivo
FUT	futuro
NFUT	não-futuro
OBL	oblíquo
PART	particípio
PERF	perfectivo
PL	plural
POS	posposição
PP	sintagma preposicional
SG	singular
SUB	subordinador
TP	sintagma de tempo

## Sumário

Introdução.....	12
Forma de apresentação dos dados.....	15
Metodologia.....	16
O Karitiana.....	20
CAPÍTULO 1	
DISCUSSÃO TEÓRICA.....	25
1 Modificação X Quantificação.....	25
2 Da Rotulação.....	29
3 Quantificação-A X Quantificação-D.....	31
3.1 A Quantificação Nominal.....	34
3.2 A Quantificação Adverbial.....	35
3.3 A pluracionalidade em Karitiana.....	37
3.4 Quantificadores Flutuantes.....	40
4 Advérbios de Quantificação.....	44
4.1 Advérbios de quantificação como quantificadores não-seletivos.....	45
4.2 Advérbios de quantificação como quantificadores generalizados.....	48
5 Restrições de quantificadores do tipo ‘muito’ sobre o tipo de predicado....	53
5.1 A distinção contável-massivo como propriedade de predicados nominais.....	55
5.2 A distinção contável-massivo como propriedade de predicados verbais.....	57
6 Iteratividade, Frequência e Grau.....	59
6.1 Quantificadores de Julgamento de Valor.....	71
7 Refinando as noções contabilidade e massividade no domínio verbal – a proposta de Rothstein.....	73
7.1 A contagem no domínio verbal na proposta de Rothstein.....	77
8 Revendo Iteratividade, Frequência e Grau.....	83

## CAPÍTULO 2

ANÁLISE.....	91
1 Quantificação-A X quantificação-D em Karitiana.....	91
2 A distribuição morfossintática de <i>kandat</i> , <i>ahop</i> , e <i>pitat</i> .....	93
2.1 <i>Kandat</i> .....	93
2.2 <i>Ahop</i> .....	102
2.3 <i>Pitat</i> .....	105
3 A semântica de <i>kandat</i> , <i>ahop</i> e <i>pitat</i> .....	110
3.1 <i>Kandat</i> e <i>Ahop</i> .....	111
3.1.1 <i>Kandat</i> e <i>Ahop</i> : quantificadores sobre eventos.....	111
3.1.2 <i>Kandat</i> e <i>Ahop</i> não são quantificadores iterativos.....	117
3.1.3 <i>Kandat</i> e <i>Ahop</i> : quantificadores de frequência nos termos de Doetjes 2007.....	120
3.1.4 <i>Kandat</i> e <i>Ahop</i> : quantificadores de frequência nos termos de De Swart 1993.....	127
3.1.5 Contra uma análise de quantificadores de julgamento de valor.....	130
3.2 <i>Pitat</i> .....	131
4 Conclusões.....	133
Referências.....	135

## Introdução

O objetivo desta dissertação é apresentar o trabalho feito na descrição e análise semântica de três elementos quantificacionais com a noção de ‘muito’ da língua Karitiana: *kandat*, *ahop* e *pitat*.

Os fatos que este trabalho deseja explicar surgem de sentenças como esta abaixo:

- |     |        |                   |        |                    |
|-----|--------|-------------------|--------|--------------------|
| (1) | ĩonso  | nakaot            | kandat | ese <sup>1</sup> . |
|     | ĩonso  | Ø-naka-ot-Ø       | kandat | ese                |
|     | mulher | 3-DECL-pegar-NFUT | muito  | água               |

Essa sentença é verdadeira nas situações descritas pelas seguintes sentenças do português:

- |     |    |  |
|-----|----|--|
| (2) | a. | Muitas mulheres pegaram água             |
|     | b. | A mulher pegou muita água                |
|     | c. | As mulheres pegaram muita água           |
|     | d. | Uma mulher pegou muita água              |
|     | e. | Umhas mulheres pegaram muita água        |
|     | f. | A mulher pegou água muitas vezes         |
|     | g. | As mulheres pegaram água muitas vezes    |
|     | h. | Uma mulher pegou água muitas vezes       |
|     | i. | Umhas mulheres pegaram água muitas vezes |

As possibilidades de interpretação plural e singular, definida e indefinida do sintagma nominal são devido a uma característica da língua que será discutida posteriormente: o Karitiana não possui determinantes e nem morfologia de número no sintagma nominal (cf. Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006). Essas possibilidades não são as que serão tratadas nesta pesquisa. O que é relevante para a análise que vamos apresentar

---

<sup>1</sup> As sentenças com verbos no não-futuro (NFUT) serão traduzidas com o passado perfeito do português, embora haja outras interpretações para esse tempo, conforme será apresentado. No entanto, essa variação não é relevante para este trabalho.

é entender a semântica de quantificadores como *kandat* ‘muito’. Os dados mostram que a leitura de ‘muito’ desse elemento pode ser entendida ora relacionada com o sujeito (2a), ora com o objeto (2b, 2c, 2d e 2e) e ora com sintagma verbal (2f, 2g, 2h e 2i).

Uma vez que essa sentença pode ser verdadeira nesses contextos, as questões que surgem são: que tipo de quantificação está ocorrendo?; o elemento *kandat* está quantificando sobre as entidades ou sobre os eventos; ou sobre os dois?

Um outro fato que será parte deste trabalho pode ser visualizado no seguinte grupo de dados somado ao dado em (1) acima:

- (3) Inácio nakakydnkydn pitat.  
 Inácio Ø-naka-kydn-kydn-Ø pitat  
 Inácio 3-DECL-esperar-DUPL-NFUT muito  
 ‘O Inácio esperou muito’
- (4) Yn nakahit ahop erembyty ypan’in.  
 yn Ø-naka-hit-Ø ahop eremby-ty y-pan’in  
 eu 3-DECL-dar-NFUT muito rede-POS 1POSS-irmã  
 ‘Eu dei muito rede para minha irmã’

Como se pode observar, a língua apresenta diferentes quantificadores para expressar o que em português podemos expressar com a mesma palavra: *muito*. As perguntas que surgem desse fato são: esses quantificadores são do mesmo tipo?; eles realizam as mesmas operações?; quais as diferenças entre eles? Responder a essas questões vai ser o objetivo deste trabalho.

Desse modo, esta dissertação está focada nos seguintes problemas: (i) que tipo de quantificadores são *kandat*, *pitat* e *ahop*; (ii) que restrições gramaticais possuem; (iii) quais leituras proporcionam; e (iv) qual a sua semântica. Essas questões serão perseguidas com os conceitos da Semântica Formal como pano-de-fundo.

A Semântica Formal investiga o significado das sentenças levando em consideração o significado de suas partes e sua estrutura sintática. Saber o significado de uma sentença é, segundo esse paradigma, saber suas condições de verdade, ou seja, um

falante sabe o significado de uma sentença se ele sabe quais as condições que fazem essa sentença ser verdadeira. Não é importante que ele saiba se a sentença é verdadeira ou falsa, mas que ele saiba quais as condições que fazem a sentença verdadeira. Para expressar o significado das sentenças, a Semântica Formal usa como metalinguagem as ferramentas da lógica e da matemática<sup>2</sup>. Dada essa agenda do paradigma, as sentenças do Karitiana foram testadas e são discutidas neste trabalho em relação aos contextos que são apropriados, ou seja, aqueles em que as sentenças são verdadeiras.

Pretende-se argumentar neste trabalho que *kandat*, quanto à distribuição sintática, é um advérbio que se comporta do mesmo modo que os outros advérbios da língua Karitiana, aparecendo nas mesmas posições em que aparecem advérbios como *mynda* ‘vagarosamente’ e *gokyp* ‘à noite’. *Ahop* e *pitat* também são elementos adverbiais no sentido que operam sobre o significado do verbo, mas não se comportam como os outros advérbios da língua. Eles formam uma palavra composta com verbo ao qual estão associados (VERBO+ADVÉRBIO), sendo que *ahop* carrega marcas de tempo enquanto que *pitat* não.

Quanto à semântica desses elementos, este trabalho vai defender que *kandat* e *ahop* são quantificadores sobre ocorrências que operam sobre domínios contáveis do verbo fornecendo uma leitura de frequência que pode ser proporcional ou cardinal. Já *pitat* é um quantificador de grau que pode expressar multiplicação de eventos ou especificar um grau.

O trabalho está dividido da seguinte forma: discussão teórica (capítulo 1) e análise (capítulo 2). Na discussão teórica apresento como a teoria semântica tem tratado dos quantificadores adverbiais dando ênfase àqueles tópicos que estão relacionados aos quantificadores com a noção de muito como *kandat*, *ahop* e *pitat* que se pretende estudar nesta dissertação. Na parte de análise aproximamos os dados da língua Karitiana à discussão teórica a fim de investigar a semântica desses elementos.

---

<sup>2</sup> Essa breve definição e apresentação dos objetivos da Semântica Formal foram tirados de Heim & Kratzer 1998.

### Forma de apresentação dos dados

Os dados do Karitiana usados nesta dissertação foram retirados dos meus *corpora* formados pelos dados recolhidos nos trabalhos de campo feitos durante minha pesquisa de iniciação científica<sup>3</sup> e nos trabalhos de campo do meu mestrado – realizados em agosto de 2007, fevereiro de 2008 e setembro de 2008 – com nove informantes no total. Os dados da língua inseridos neste trabalho que não vieram desses *corpora* têm indicação de sua origem (com citação do trabalho e página):

Os dados são apresentados da seguinte forma:

(número)      transcrição ortográfica da sentença  
                   segmentação morfológica  
                   glosa morfema a morfema  
                   ‘tradução para o português’<sup>4</sup>

É importante notar que as traduções dadas para as sentenças são aquelas oferecidas pelos falantes. Na maioria das vezes, são possíveis outras interpretações que não serão apresentadas. A variabilidade de traduções possíveis com os nomes a qual foi tratada anteriormente, por exemplo, não será apresentada em todos os dados citados por não estar relacionada diretamente ao assunto desta dissertação, como ficará claro ao longo da argumentação. Os dados vão trazer normalmente a tradução com nome definido, mas essa é só uma das possibilidades.

---

<sup>3</sup> Realizei Iniciação Científica sob orientação de Ana Müller do período de fevereiro de 2005 a dezembro de 2007 com bolsa do CNPq. Nesse período, estudei a expressão do plural de eventos na língua Karitiana por meio do fenômeno da pluracionalidade.

<sup>4</sup> Esse modelo de apresentação foi retirado da proposta do trabalho de David Beck “How to format interlinearized linguistic examples” disponível em <[www.linguistics.ualberta.ca/pdf/ILEG.pdf](http://www.linguistics.ualberta.ca/pdf/ILEG.pdf)>. Acesso em fevereiro de 2009. O autor não sugere, no entanto, a primeira linha de transcrição ortográfica. Decidiu-se colocá-la neste trabalho como o objetivo de apresentar os dados do modo mais claro possível.



## Metodologia

Nesta seção, será apresentada a metodologia utilizada na coleta dos dados usados neste trabalho e sua justificativa. Todos os dados que são apresentados aqui sem informações adicionais de sua fonte foram obtidos por mim em trabalhos de campo por meio de elicitación controlada. Uma vez que há uma parte de lingüistas que não aprova o uso de dados que não tenham sido retirados de discurso espontâneo, será feita uma breve justificativa do método utilizado para este trabalho tendo como base os argumentos apresentados em Matthewson 2004<sup>5</sup>.

Esta pesquisa assume, juntamente com a autora, que é impossível coletar as informações necessárias para um trabalho como este, que faz uma investigação sobre o significado das sentenças, apenas através do discurso espontâneo ou de textos. Os dados que podem ser obtidos pelo uso exclusivo desses métodos são deficientes, no sentido de que não possuem as informações necessárias para uma análise do tipo que se pretende fazer aqui. Desse modo, esse processo de coleta não é suficiente, pois o pesquisador necessita de evidências negativas, que são cruciais para esse tipo de investigação, e não são possíveis de serem obtidas através de textos ou transcrições de fala espontânea. Assim, a elicitación é uma ferramenta metodológica indispensável para o trabalho de campo em Semântica Formal, que precisa ter acesso ao significado das sentenças, que é, muitas vezes, sutil e dependente do contexto.

Embora a elicitación seja considerada como o melhor método possível para o trabalho de campo no paradigma em que está inserido este trabalho, não é possível ter acesso direto às condições de verdade e de felicidade através desse método (cf. Matthewson 2004). O que o pesquisador consegue, na verdade, são pistas das condições de verdade e de felicidade das sentenças. As condições de verdade de uma sentença representam, como foi dito acima, o seu significado. Já as condições de felicidade são as condições de uso de uma sentença. Há sentenças que são adequadas a um contexto pelas condições de verdade, ou seja, são sentenças verdadeiras, mas não são adequadas por questões de uso – condições de felicidade – como falha de pressuposição ou mesmo de inadequação pragmática. Segundo

---

<sup>5</sup> Entre os autores que rejeitam o tipo de elicitación utilizada nesta pesquisa e descrita nesta seção estão Schütze 1996, Dimmendaal 2001 e Mithun 2001 (*apud* Matthewson 2004).

Matthewson 2004, o pesquisador de campo interessado no significado das sentenças deve estar atento à diferença entre essas duas noções.

As pistas indiretas das condições de verdade e felicidade de uma sentença podem ser obtidas, segundo Matthewson 2004, por dois tipos de elicitación: pedindo traduções e pedindo julgamentos. Nesses dois tipos, a autora defende o uso de uma meta-língua como instrumento, uma língua que não seja a língua que está sendo investigada e que seja conhecida pelo pesquisador e pelo consultor. O pesquisador já deve ter um conhecimento básico da fonologia, morfologia e sintaxe da língua em estudo e deve ser capaz de reconhecer e construir sentenças gramaticais nessa língua objeto. Esse é exatamente o cenário em que esta pesquisa está inserida. Os informantes consultados são falantes nativos de português e de Karitiana e os pesquisadores da língua são falantes de português e não são falantes de Karitiana, mas têm conhecimento dessa língua suficiente para elaborar sentenças e elicitar os dados. A meta-língua utilizada no nosso caso é, desse modo, o português.

As traduções, como foi mencionado, formam uma parte do trabalho de elicitación. Elas representam ferramentas importantes para o trabalho de campo, mas devem ser utilizadas como pistas e não como resultados, constituindo a menor parte do trabalho de elicitación.

Matthewson 2004 defende que sejam pedidas traduções de sentenças completas e nunca de palavras ou sintagmas menores que uma sentença. Isso porque não é fácil, para o consultor, isolar a seqüência que é relevante em sua língua ou muitas vezes a tradução pode não ser possível porque uma seqüência de três palavras numa língua pode ter apenas uma numa outra. Deve-se partir de cenários descritos na meta-língua que descrevem o contexto no qual está inserida a sentença que se quer traduzir para depois o pesquisador falar a sentença. Se a sentença vier antes, ela pode induzir o consultor a contextos diferentes daquele que o pesquisador quer elicitar. A autora afirma que a influência da meta-língua sobre o consultor é desprezível, uma vez que ela exerce tanta influência no dado quanto ele sofreria da língua objeto se o contexto fosse criado nesta língua. As sentenças de que se parte na meta-língua devem ser gramaticais e deve-se assumir que as sentenças obtidas na língua objeto são também gramaticais.

É preciso ter em mente, no entanto, que as pistas semânticas de que se necessita não aparecem diretamente nas traduções. Essas informações só são possíveis de ser encontradas através de julgamentos de valor de verdade em contextos particulares. Quando se pede, por exemplo, a tradução de uma sentença em português para o Karitiana, a sentença obtida não corresponde exatamente à sentença em português. Pode acontecer de a sentença em Karitiana poder ser usada em situações em que a sentença em português não é apropriada e vice-versa, ou seja, as sentenças podem não ter as mesmas condições de verdade. Além disso, o consultor não vai produzir espontaneamente uma sentença agramatical. Portanto, para a pesquisa de evidência negativa é crucial que se trabalhe com condições de verdade e não com traduções. As traduções podem levar à tentativa de se fazer um paralelo com as estruturas sintáticas das duas línguas que pode induzir ao erro, uma vez que uma sentença agramatical na meta-língua pode ser gramatical na língua investigada. Assim, é crucial a elicitación através de julgamentos.

O guia sugerido pela autora para os julgamentos segue o modelo sugerido para as traduções: o pesquisador fala na meta-língua primeiramente o contexto no qual está inserida a sentença e, em seguida, a sentença na língua objeto.

Os julgamentos que se pode obter são de três tipos: (i) julgamento de gramaticalidade; (ii) julgamento de valor de verdade; e (iii) julgamento de felicidade. Como o primeiro tipo de julgamento está mais relacionado aos estudos sintáticos, Matthewson 2004 vai focar somente nos dois últimos. Para a elicitación de julgamentos, o uso do contexto é fundamental. Mais até do que para as traduções. É impossível questionar sobre os valores de verdade e de felicidade de uma sentença sem apresentação de um contexto. A relação da sentença com o contexto pode ser de dois tipos:

- A) Se um falante aceita a sentença S num contexto C, S é verdadeira em C.
- B) Se uma sentença S é falsa num contexto C, o falante vai rejeitar S em C.

Nota-se que, se o consultor rejeita uma sentença num contexto, isso não é suficiente para se assumir que a sentença é falsa. Pode acontecer de a sentença ser verdadeira, mas ser infeliz nesse contexto. A infelicidade de uma sentença pode estar associada a falhas de pressuposição ou inverossimilhanças pragmáticas. Um fato que surgiu

da coleta com o Karitiana ilustra um caso como esse. Na coleta de dados com *kandat*, a primeira versão do dado (1) acima, repetido aqui em (5), com *mulher e pegar água* era com homens e não com mulheres. A sentença foi rejeitada sem nenhum motivo ligado à gramaticalidade ou às condições de verdade. O que ocorre nesse caso é uma impossibilidade ou improbabilidade pragmática: não são os homens que buscam água na aldeia Karitiana, mas as mulheres. Foi elaborada, então, nesse caso, uma sentença infeliz.

- (5)    ĩonso    nakaot                    kandat    ese.  
       ĩonso    Ø-naka-ot-Ø            kandat    ese  
       mulher   3-DECL-pegar-NFUT muito    água  
       ‘As mulheres pegaram água muitas vezes’

A metodologia de elicitación controlada descrita foi a escolhida desde o início desta pesquisa porque fazer um trabalho com a semântica de quantificadores exige um conhecimento de sutilezas contextuais impossível de ser obtido em textos espontâneos transcritos (que formam os únicos textos disponíveis na língua). Além disso, vale lembrar que o Karitiana é uma língua apenas parcialmente descrita, cuja semântica foi muito pouco estudada de uma perspectiva teórica formal<sup>6</sup>.

Os dados que formam os *corpora* desta pesquisa foram coletados seguindo, basicamente, o protocolo em Matthewson 2004. Eles foram, em sua grande maioria, obtidos através da elicitación por julgamento. Uma parte pequena foi adquirida através de traduções. Nenhum foi retirado de textos transcritos de fala espontânea.

Para desenvolver este trabalho, procedeu-se, primeiramente, pedindo traduções, ou seja, informando um contexto e perguntando como o consultor falaria em Karitiana um

---

<sup>6</sup> Os primeiros pesquisadores que trabalharam com o Karitiana foram David Landin e Rachel Landin, que fizeram descrições da sintaxe e da fonologia da língua (Landin, D. 1983, 1984, 1988; Landin, R. 1982, 1987, 1989; Landin & Landin 1973). Depois deles, há os trabalhos (também de sintaxe e fonologia) de Daniel Everett (1985, 1993, 1994). Luciana Storto – que tem trabalhado na descrição e análise do Karitiana desde meados de 1992 – fez uma análise de aspectos fonético-fonológicos e sintáticos da língua em sua tese de doutorado de 1999 e publicou vários artigos também sobre a fonologia e a sintaxe da língua (Storto 1994, 1995, 1997a, 1997b, 1998, 1999a, 2000, 2001, 2002a, 2002b, 2003, Storto & Baldi 1994, Storto & Demolin 2002a, 2002b, 2005, entre outros trabalhos). Além dos trabalhos citados, há a tese de Caleb Everett (2006) também sobre aspectos fonológicos e sintáticos. Sobre a semântica do Karitiana, há os recentes trabalhos de Coutinho-Silva (2006, 2008), Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006), Sanchez-Mendes (2006) e Sanchez-Mendes & Müller (2007).

determinado enunciado oferecido em português referente a esse contexto. Essa fase foi importante para a obtenção de um domínio maior da língua. Em seguida, trabalhou-se com julgamentos, já com interesse em contextos que dessem pistas para a investigação semântica feita na pesquisa dos quantificadores. Os contextos foram criados levando-se em conta as operações dos itens analisados de acordo com o que é discutido na literatura lingüística.

Como os exemplos e contextos usados na elicitación controlada dos dados deste trabalho foram criados levando-se em conta a teoria na qual ele está embasado, pode-se dizer que a discussão teórica foi absolutamente indispensável na composição do *corpus* desta pesquisa tanto quanto na sua análise. Mais do que isso, a teoria neste trabalho não só organizou e analisou os dados, mas determinou seu *corpus*, uma vez que ela foi crucial para as escolhas dos dados e contextos elicitados.

### **O Karitiana**

O Karitiana é uma língua da família Arikém – uma das dez famílias do tronco Tupi – formada pelas línguas Arikém (extinta) e Karitiana. É uma língua falada hoje por aproximadamente 320 pessoas numa reserva localizada no município de Porto Velho, Rondônia (cf. Storto & Vander Velden 2005).

Segundo Storto 1999, o Karitiana é uma língua de verbo final que exige movimento obrigatório do verbo – associado à presença de concordância e tempo – para o núcleo do sintagma complementizador (C) em sentenças-matriz. Em sentenças encaixadas, a inexistência de morfologia de tempo e concordância faz com que o verbo permaneça *in situ* ou, no máximo, se mova para o sintagma aspectual (uma vez que a autora assume que essas sentenças não projetam CP ou TP). O movimento obrigatório do verbo em sentenças finitas aproxima o Karitiana de línguas V-2 como o alemão<sup>7</sup>. No entanto, segundo Storto 1999, no alemão não é possível o verbo aparecer na primeira posição, enquanto que o Karitiana permite o verbo em posição inicial, embora haja uma tendência a se preencher essa posição.

---

<sup>7</sup> Línguas V-2 são línguas em que o verbo flexionado aparece sempre na segunda posição da sentença.

O exemplo (6) abaixo mostra o verbo na segunda posição com marcas de concordância e tempo:

- (6) Taso            naokyt                    boroja.  
 taso            Ø-na-oky-t                boroja  
 homem        3-DECL-matar-NFUT    cobra  
 ‘O homem matou a cobra’

(exemplo 2 de Storto 1999, p. 125)

Na sentença abaixo, o verbo *oky* ‘matar’ está na posição final da sentença encaixada sem marcas de tempo e concordância:

- (7) [Boroja        taso            oky    tykiri] nakahyryp            ãwã.  
 boroja        taso            oky    tykiri    Ø-naka-hyryp-Ø        ãwã  
 cobra        homem        matar    PERF    3-DECL-chorar-NFUT    criança  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou’

(exemplo 4 de Storto 1999, p. 125)

Segundo Storto 1999, em sentenças-matriz o verbo se encontra: (i) na primeira posição (VSO ou VOS) – em narrativas, sendo que a ordem VSO é mais comum com verbos intransitivos que apresentam objeto obliquo opcional; ou (ii) na segunda posição (SVO ou OVS). OVS é uma ordem especial para sentenças com objeto focalizado. Em sentenças subordinadas a ordem encontrada no Karitiana coloquial é OSV, como a encontrada no dado (7) acima.

Karitiana é uma língua que, embora não tenha marca de caso nos nomes, apresenta o padrão de concordância ergativo-absolutivo em que há concordância com o absoluto, ou seja, o verbo concorda com o sujeito em sentenças intransitivas (8) e com o objeto em sentenças transitivas (9) (cf. Storto 1999, p. 157).

- (8) Ytaopisot yn.  
 y-ta-opiso-t yn  
 1-DECL-ouvir-NFUT eu  
 ‘Eu ouvi’

(exemplo 4 de Storto 1999, p. 161)

- (9) Yn ataokyj an.  
 yn a-ta-oky-j an  
 eu 2S-DECL-matar-FUT você  
 ‘Eu vou matar você’

(exemplo 1 de Storto 1999, p. 157)

Na construção mais comum em que aparecem os dados desta pesquisa, os verbos na língua carregam marcas de concordância, modo declarativo e tempo na seguinte ordem: PESSOA-MODO.DECLARATIVO-verbo-TEMPO<sup>8</sup>. As marcas possíveis de tempo na língua, segundo Storto 2002c, são futuro e não-futuro.

- (10) Taso naokyt boroja.  
 taso Ø-na-oky-t boroja  
 homem 3-DECL-matar-NFUT cobra  
 ‘O homem matou a cobra’

(exemplo 2 de Storto 1999, p. 125)

- (11) Taso naokyj boroja.  
 taso Ø-na-oky-j boroja  
 homem 3-DECL-matar-FUT cobra  
 ‘O homem vai matar a cobra’

---

<sup>8</sup> As construções com modo declarativo são consideradas por Everett 2006 como construções de participante de ato de fala (do inglês *Speech Act Participant*). Como essa questão foge do escopo deste trabalho, não será discutido qual é o modo mais apropriado de analisar essas construções. Os morfemas *na(ka)-/ta(ka)-* serão considerados como marcas de modo declarativo, mas sem qualquer comprometimento com essa análise.

O Karitiana apresenta uma gama de morfemas de modo. Os que interessam para este trabalho são os do modo declarativo e do modo assertivo. O modo declarativo é expresso pelos morfemas *na(ka)-/ta(ka)-*. *Na(ka)-* é o alomorfe usado quando a concordância é de terceira pessoa (que é expressa pelo morfema zero), enquanto que *ta(ka)-* é usado nos outros casos. O modo declarativo aparece na estrutura PESSOA-MODO.DECLARATIVO-verbo-TEMPO apresentada acima. O modo assertivo é expresso pelo morfema *pyt<y>-*, que aparece numa estrutura parecida, mas sem a concordância de pessoa: MODO.ASSERTIVO-verbo-TEMPO<sup>9</sup>.

- (12) Pyryponyn            taso            sojxaaty        kyynt.  
 Pyry-pon-yn            taso            sojxaaty        kyynt  
 ASS-atirar-NFUT        homem        queixada        em  
 ‘O homem atirou em queixada’

Tabela 1: Sufixos de tempo do Karitiana

<b>MODO</b>	<b>FUTURO</b>	<b>NÃO-FUTURO</b>
Declarativo	-i (se o verbo termina em vogal) -j (se o verbo termina em consoante)	-t (se o verbo termina em vogal) -∅ (se o verbo termina em consoante)
Assertivo	-i (se o verbo termina em vogal) -j (se o verbo termina em consoante)	-<y>n

<sup>9</sup> As sentenças no modo assertivo são verbo iniciais em Karitiana.



Tabela 2: Prefixos de concordância de pessoa do Karitiana

<b>FLEXÃO</b>	<b>DECLARATIVAS</b>	<b>NÃO DECLARATIVAS</b>
1ª SG	y-	y-
2ª SG	a-	a-
1ª PL inclusiva	yj-	yj-
1ª PL exclusiva	yta-	yta-
2ª PL	aj-	aj-
3ª pessoa (SG ou PL)	∅-	i-

As sentenças não-declarativas são as sentenças que aparecem sem marca de modo (sentenças encaixadas, citações diretas, sentenças negativas e perguntas). As sentenças nos modos citativo, assertivo e condicional não apresentam marcas de pessoa. Além desses morfemas, a língua apresenta outras marcas, como de aspecto e evidencialidade, que não serão descritos aqui por não estarem relacionados diretamente ao tema deste trabalho.

Esta seção apresentou algumas características básicas da morfossintaxe do Karitiana que ajudarão a deixar mais claros os exemplos deste trabalho para aqueles que nunca tiveram nenhum contato com essa língua.

# CAPÍTULO 1

## DISCUSSÃO TEÓRICA

### 1 Modificação X Quantificação

Nesta seção, é apresentada a distinção entre modificação e quantificação, com o intuito de deixar claro porque elementos adverbiais como *muito/muitas vezes* do português e como *kandat*, *ahop* e *pitat* do Karitiana, que se pretende analisar neste trabalho, estão inseridos nos estudos dos advérbios de quantificação, não podendo ser analisados como advérbios modificadores.

Na estrutura formal de uma sentença, além da predicação, relação básica e fundamental da constituição de uma frase - em que um predicador é saturado por seus argumentos, encontram-se elementos que são satélites, no sentido de que são elementos secundários e dispensáveis na formação da proposição.

Chierchia 2003 discute de forma bastante didática a análise semântica das várias maneiras de se modificar expressões predicativas. Os sintagmas nominais (NPs) podem ser modificados por adjetivos, sintagmas preposicionais e orações relativas. Já os sintagmas verbais (VPs) podem ser modificados por elementos adverbiais de vários tipos.

Como ficará claro no decorrer deste trabalho, esta pesquisa está interessada em elementos que são adverbiais. Desse modo, nesta seção serão focados os itens que estão ligados ao sintagma verbal, deixando de lado expressões modificadoras e quantificadoras do sintagma nominal. Chierchia 2003 mostra que uma das possibilidades de modificação de VPs é através de sintagmas adverbiais preposicionais:

(13) Léo corre no parque Ibirapuera.

(exemplo 58 de Chierchia 2003, p.346)

Nesse caso, o sintagma modificador grifado acrescenta informações ao VP. Para esse tipo de modificação, é sugerida a ocorrência de uma operação intersectiva: Léo corre e

quando corre está no parque Ibirapuera. A intersecção é entendida como uma operação entre classes, nesse caso entre a classe expressa pelo predicado *correr* e a expressa pelo item *no parque Ibirapuera*. Essa operação faz uma restrição no predicado, uma vez que *correr no parque Ibirapuera* é um conjunto menor do que o conjunto formado por *correr*.

Chierchia 2003 trata, em seguida, da modificação de VPs por meio dos advérbios formados pelo sufixo *-mente*:

(14) Léo corre velozmente.

(exemplo 56a de Chierchia 2003, p.345)

Nesse caso, não é interessante analisar o advérbio como intersectivo, como no caso anterior. Não é adequado dizer que Léo corre e é veloz enquanto corre. Isso porque num caso em que Léo corre velozmente enquanto canta lentamente essa análise prevê que seria possível dizer que, enquanto corria, Léo cantava e era veloz e lento. Essa afirmação é contraditória e mostra que essa não é uma análise apropriada para advérbios desse tipo.

Os advérbios terminados em *-mente* se aplicam aos predicados e retornam novos predicados. Nesse sentido, eles podem ser entendidos como operadores. O que há, nesse caso, é uma aplicação funcional do advérbio no predicado:

(15) Velozmente (correr)

Esses advérbios são, portanto, funções de predicados a novos predicados. Chierchia 2003 sugere a seguinte descrição para a análise para os modificadores de VP:

(16) Se o V' for modificado por um sintagma preposicional (PP), procure-se a intersecção do significado do V' com o do PP

Se o V' for modificado por um advérbio em *-mente* P, forme-se um novo predicado aplicando P ao significado do V'.

Chierchia 2003 rediscute a análise apresentada acima, quando do tratamento do significado das sentenças levando em conta uma Semântica de eventos (cf. Davidson 1967). Observe o seguinte grupo de dados:

- (17)
- a. Léo corre velozmente no parque.
  - b. Léo corre no parque velozmente.
  - c. Léo corre velozmente.
  - d. Léo corre no parque.
  - e. Léo corre.

(exemplos 40 de Chierchia 2003, p.516)

A análise que o autor havia apresentado até então não dá conta do fato de que (17a) e (17b) são sinônimas e têm como conseqüências as sentenças (17c) e (17d). Não há nada que garanta que o predicado complexo formado por *correr velozmente mais no parque* terá a mesma extensão do predicado formado por *correr no parque mais velozmente*.

Chierchia 2003 descreve como, com o trabalho de Parsons 1990, foi possível resolver esse problema com uma Semântica de eventos. Sob essa perspectiva, os adjuntos adverbiais passam a ser considerados predicados de eventos. Assim, para a sentença (17a) temos as seguintes condições de verdade:

- (18)
- Há um evento *e* tal que
- a. *e* é um evento de correr de Léo
  - b. *e* é velozmente
  - c. *e* é no parque<sup>10</sup>

(Chierchia 2003, p. 520)

---

<sup>10</sup> Não estão sendo considerados aqui o tempo e o aspecto porque essas são noções que não são relevantes para o propósito deste trabalho.

(19)  $\exists e [ \text{correr}(e) \ \& \ \text{Agente}(e, \text{Léo}) \ \& \ \text{velozmente}(e) \ \& \ \text{no-parque}(e) ]^{11}$

Essas condições de verdade são as mesmas de (17b), o que dá conta do fato de que (17a) e (17b) são sinônimas. Além disso, essa análise dá conta do fato de que de (17a) ou de (17b) decorrem (17c) e (17d), uma vez que suas condições de verdade formam um subconjunto das condições dadas acima. Desse modo, mostrou-se como Chierchia 2003 defende uma Semântica de eventos, uma vez que ela consegue dar conta de modo simples de questões que representavam um problema para a análise da denotação dos modificadores de VPs. Assim, foi mostrada aqui uma motivação para se tratar da modificação adverbial assumindo uma Semântica de eventos. Mais adiante, com a discussão da quantificação feita pelos advérbios, essa motivação ficará ainda mais evidente.

Há certas particularidades dos advérbios de quantificação que fazem com que eles sejam considerados uma classe diferente da dos advérbios de modificação. A modificação é uma operação amplamente entendida como uma forma de acréscimo de informação, uma espécie de restrição (cf. De Swart 1993). Por isso a modificação de VPs é entendida em Parsons 1990, como uma predicação de eventos. Já os advérbios de quantificação como *três vezes* ou *muito* não fazem nenhuma restrição no predicado, mas atribuem um valor de quantidade aos eventos de uma sentença<sup>12</sup>. Não é possível analisar uma sentença como esta abaixo com o advérbio modificando o evento, como nos casos dos advérbios em *-mente* e dos sintagmas preposicionais:

(20) Léo correu muito.

Não é apropriado dar para essa sentença a seguinte forma lógica:

(21)  $\exists e [ \text{correr}(e) \ \& \ \text{Agente}(e, \text{Léo}) \ \& \ \text{muito}(e) ]$

<sup>11</sup> As formas lógicas com representações de eventos são baseadas em Parsons 1990. Levando em conta o que foi dito na nota anterior, não serão colocadas as informações de tempo e aspecto nas fórmulas apresentadas neste trabalho.

<sup>12</sup> A noção de quantidade está sendo utilizada aqui em sentido amplo. Ela não se refere necessariamente à quantidade plural dos eventos denotados pela sentença, mas a uma quantidade no sentido geral. No decorrer deste trabalho, esta noção vai ser refinada para as operações de iteratividade, frequência e grau.

Essa impossibilidade ocorre porque *muito* não é uma característica do evento do mesmo modo que *velozmente*. Embora seja possível entender *muito* como acrescentando algum tipo de informação ao predicado, informando que a sua quantidade é, em certo sentido, grande, acrescentar especificações de modo e lugar ao predicado não é o mesmo que atribuir uma quantidade. A primeira operação restringe os conjuntos formados pelos predicados, enquanto que a segunda fala da quantidade associada a esses conjuntos.

Esta seção apresentou as diferenças entre as operações de modificação e quantificação. A quantificação é entendida neste trabalho como uma operação que está envolvida numa noção de quantidade. É importante deixar isso claro porque é muito freqüente no estudo da Semântica Formal o tratamento da quantificação como o meio pelo qual as variáveis de uma sentença são ligadas através dos quantificadores universal ( $\forall$ ) e existencial ( $\exists$ ). Os quantificadores que se quer analisar neste trabalho não estão envolvidos na ligação de variáveis, mas numa noção que envolve quantidade.

Os advérbios que estão envolvidos nessa noção de quantidade são chamados na literatura de *advérbios quantificacionais* ou *advérbios quantificadores*. Neste trabalho, serão usados os termos *quantificacional* ou *de quantificação* por serem mais comuns na literatura da Semântica Formal. Esses termos são muito amplos e servem para designar uma classe muito heterogênea de advérbios. Desse modo, há subcategorizações desses quantificadores. Vale a pena destacar o fato de que advérbios com a noção de muito e pouco recebem, freqüentemente, rótulos diferentes em diferentes trabalhos, dependendo da análise oferecida. Disso tratará a próxima seção.

## 2 Da Rotulação

Há na literatura modos de se classificar elementos quantificacionais com a noção de muito e pouco de acordo com diferentes autores: Advérbios Aspectuais (Ilari 1992), Intensificadores (Guimarães 2007), Quantificadores de Freqüência (De Swart 1993, Doetjes 2007), Modificadores de Grau (Doetjes 2007), Advérbios Iterativos (De Swart 1993, Doetjes 2007)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Mais abaixo será visto que Doetjes 2007 e De Swart 1993 oferecem esses rótulos para elementos diferentes por conta de suas operações serem distintas. Isso ocorre porque há operações que são distintas e que são

Neste trabalho, não há o interesse em se esgotar o modo como esses advérbios são ou foram classificados segundo este ou aquele autor, esta ou aquela corrente teórica, esta ou aquela gramática<sup>14</sup>. O foco aqui será tentar entender que operações semânticas fazem esses elementos na língua Karitiana tentando, sempre que possível, compará-las com o português brasileiro.

Guimarães 2007 classifica esses quantificadores como intensificadores, mas segundo ele próprio, a atribuição que se faz de termos como *intensidade/ intensificação/ intensificador*, *quantidade/ quantificação/ quantificador* e *grau* é feita, freqüentemente, de forma intuitiva e/ou evocativa. Tentaremos deixar claro neste trabalho que a nossa escolha na nomenclatura estará associada a uma justificativa baseada na análise semântica que será apresentada.

A despeito de como serão nomeadas essas operações, o que se vê é que esses advérbios estão claramente envolvidos em uma noção de quantidade. Vejamos os seguintes dados do português:

- (22) a. O João ia muito a São Paulo.  
b. O João ama muito a Maria.

É possível notar que o dado (22a) traz uma informação sobre a quantidade de idas do João a São Paulo e (22b) trata, de certa forma, da intensidade de amor que o João tem pela Maria. Pela referência explícita à “quantidade” de eventos em (22a) ao “tamanho” da eventualidade em (22b)<sup>15</sup>, nota-se mais uma motivação para o uso de uma semântica de eventos para tratar dos advérbios.

Assim, os advérbios *kandat*, *ahop* e *pitat* do Karitiana, que serão analisados neste trabalho, serão analisados como advérbios quantificacionais (ou de quantificação)<sup>16</sup> através de uma Semântica de eventos neo-davidsoniana (cf. Parsons 1990) em que se assume que os verbos possuem um argumento evento e os argumentos do verbo como sujeitos e objetos

---

expressas pela mesma palavra *muito* do português. Em francês há, por exemplo, *plusieurs fois*, *souvent* e *beaucoup* para expressar noções diferentes que são, freqüentemente, traduzidas adequadamente para o português como  *muitas vezes*.

<sup>14</sup> Para um levantamento detalhado dessa classificação, ver Guimarães 2007.

<sup>15</sup> Mais adiante, com a exposição do trabalho de Vendler 1967 ficará claro que aqui temos um tipo de eventualidade que é intitulada “estado”.

<sup>16</sup> Esses termos serão usados como sinônimos.

possuem uma relação com o evento mediada por papéis temáticos. Assim, para a sentença (23) abaixo, tem-se a seguinte forma lógica:

(23) Brutus esfaqueou César.

(24)  $\exists e$  [ esfaquear (e) & agente(e, Brutus) & tema(e, César) ]

### 3 Quantificação-A X Quantificação-D

Considerando o que foi discutido acima, este trabalho lida com expressões quantificacionais. Esta seção apresenta uma introdução à questão da quantificação nas línguas naturais do ponto de vista da Semântica Formal, introduzindo a distinção entre quantificação nominal ou de determinante (quantificação-D) e quantificação adverbial (quantificação-A). O fato de já ter sido anunciado que os elementos *kandat*, *ahop* e *pitat* são adverbiais pode levar à idéia de que essa discussão não é relevante para este trabalho. No entanto, essa distinção entre quantificadores-D e quantificadores-A será útil para a argumentação da análise desses itens como advérbios e não determinantes.

Segundo Bach et al. 1995, muitos estudos têm sido feitos no campo da quantificação desde quando se iniciou a tentativa de caracterização das sentenças genéricas. Desde então, várias pesquisas vêm sendo elaboradas procurando responder as seguintes questões gerais: (i) até que ponto a quantificação é um domínio natural das línguas humanas?; (ii) o que há de universal nas estruturas quantificacionais das diferentes línguas?; e (iii) de que forma essas estruturas estão relacionadas a outros domínios das línguas?

A dificuldade em se responder essas questões se encontra no fato de que a noção quantificacional é expressa por uma grande variedade de mecanismos nas línguas do mundo. Bach et al. 1995 indicam alguns:

- (I) quantificadores generalizados formados por um determinante e mais um constituinte nominal:



(25) Todo pássaro voa.

(II) quantificadores adverbiais:

(26) Pássaros sempre voam.

(III) expressões modais de quantificação:

(27) Pássaros são capazes de voar.

(IV) combinação de um determinante com um adjetivo mais um substantivo comum criando um quantificador generalizado:

(28) Os pássaros típicos voam.

(V) estrutura elaborada por uma sentença condicional e um advérbio quantificacional:

(29) Geralmente, se é pássaro, então voa.

(exemplos adaptados de 2 a 8 de Bach et al. 1995, p.2)

Bach et al. 1995 aproximaram a discussão da quantificação às propostas de Davidson 1967 e Parsons 1986, entre outros, que propuseram que os predicados verbais das sentenças têm um argumento evento que é quantificado existencialmente.

Partindo desse fato, questionou-se se haveria, então, alguma diferença entre quantificar sobre eventos ou sobre entidades. Haveria uma afinidade entre o tipo de expressão quantificacional (quantificador) e os seus diferentes domínios (domínios quantificacionais), assim como com as categorias gramaticais relacionadas a cada um deles? Diferentes formas de quantificação estariam ligadas a diferentes categorias gramaticais? Haveria, então, alguma diferença entre a quantificação feita a partir de

sintagmas nominais (NPs) e a quantificação gerada a partir de não NPs - como advérbios de sentença, afixos verbais e auxiliares<sup>17</sup>? Ou ainda, de modo mais geral, existe algum tipo de quantificação que toda língua possui?

Partee et al. 1987 introduzem a terminologia quantificador de determinante (nominal) - quantificador-D - e quantificador adverbial - quantificador-A para distinguir a quantificação feita pelo determinante da feita por advérbios, auxiliares, quantificadores flutuantes, afixos, etc.

No português, por exemplo, o quantificador *algum* é um quantificador nominal, ou seja, está sempre associado a substantivos e quantifica entidades:

(30) [ Algum homem ] chegou.

Já o advérbio *sempre*, que pode ser considerado um quantificador sobre eventos, associa-se a sintagmas verbais, como em (31), por exemplo:

(31) Este quadro sempre cai.

Dessa forma, quanto à discussão das possibilidades de quantificação nas línguas naturais, há uma diferença importante entre a quantificação que opera no domínio nominal e aquela que está associada a outros domínios, chamada de adverbial. Essa é uma distinção que vai ser importante para a análise do Karitiana e vai ajudar a investigar como operam os elementos quantificacionais que esta pesquisa pretende analisar. Será demonstrado que *kandat*, *ahop* e *pitat* são quantificadores exclusivamente adverbiais e não são como o *muito* do português que pode ser um quantificador nominal ou adverbial, como é possível notar pelos exemplos abaixo em que *muito* está ora associado ao predicado verbal (32a), ora ao nominal (32b).

(32) a. O João correu muito.  
b. Muitos alunos chegaram.

---

<sup>17</sup> Estamos considerando como sintagmas nominais tanto o que a Teoria Gerativa atual chama de sintagmas nominais, como o que ela chama de sintagmas de determinante (DPs).

### 3.1 A Quantificação Nominal

Quando se fala em quantificação, é freqüente se fazer uma associação aos quantificadores da lógica-matemática que têm a função de prender as variáveis da proposição e são representados pelos símbolos  $\forall$  (quantificador universal) e  $\exists$  (quantificador existencial)<sup>18</sup>. Como nas línguas mais estudadas pela literatura lingüística essa quantificação é expressa por determinantes – em português pelos determinantes *todo* e *algum* – a operação de quantificação é mais largamente entendida como uma operação sobre o domínio dos indivíduos.

Exemplos típicos desse tipo de quantificação podem ser representados pelos que seguem:

(33) Todo homem é mortal.  
 $\forall x [ x \text{ é homem} \rightarrow x \text{ é mortal} ]$

(34) Algum homem é mortal.  
 $\exists x [ x \text{ é homem} \& x \text{ é mortal} ]$

No entanto, Bach et al. 1995, baseados em dados tipológicos, defendem a hipótese de que nem todas as línguas têm quantificação de determinante (nominal), mas todas as línguas têm quantificação adverbial. Essa tese é importante porque, como será visto abaixo, a hipótese desta dissertação é a de que o Karitiana é uma língua que não possui quantificadores nominais. Essa hipótese é apoiada pelos dados em Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006 que mostram que essa língua não possui material funcional na posição de determinante. A quantificação nominal não será, portanto, tratada em detalhes neste trabalho.

---

<sup>18</sup> Como a Semântica Formal tem suas raízes na Lógica, esse é o modo como é tratada, tradicionalmente, a quantificação.

### 3.2 A Quantificação Adverbial

Conforme foi citado anteriormente, a classe dos quantificadores adverbiais é bem heterogênea. Nela encontram-se desde afixos verbais e auxiliares até advérbios. No geral, o que se diz é que todos os modos de quantificação que não se encaixam no rótulo de quantificadores nominais acabam sendo chamados de quantificadores adverbiais. O objetivo desta seção é mostrar diferentes tipos de quantificação adverbial, dando ênfase naqueles que são relevantes para a análise do Karitiana que se pretende fazer aqui.

Um dos tipos de quantificação-A citados por Bach et al. 1995 é o realizado pelos afixos verbais. Há línguas, por exemplo, que possuem afixos no verbo que estão associados à noção de número. No exemplo do Tubatulabal abaixo, ocorre a duplicação do verbo indicando a repetição do evento:

- (35) a. loho'm  
entrar
- b. loho:m'loho:ma't  
ele entra repetidamente (entra e sai)

(exemplo de Cusic 1981, p.90)

Essa noção pode ser expressa de outras formas, como através de mudanças na raiz. Os exemplos da língua Chechen mostram a alternância vocálica indicando multiplicação dos eventos:

- (36) a. molu  
'beber'
- b. myylu  
'beber repetidamente'

- (37) a. loocu  
           ‘capturar’  
 b. loecu  
           ‘capturar repetidamente’

(exemplos 5 de Yu 2003, p. 293)

Lasersohn 1995 foi um dos autores que estudou esse fenômeno da marcação de eventos plurais através de afixos verbais classificando-os de marcadores pluracionais. Segundo o autor, marcadores pluracionais são morfemas, normalmente afixos do verbo (freqüentemente reduplicativos) que expressam a ocorrência de múltiplos eventos e não refletem uma concordância com os argumentos do verbo.

Lasersohn 1995 formaliza a descrição de sentenças com verbos pluracionais da seguinte forma: uma sentença com verbo pluracional será verdadeira para um grupo de eventos se o correspondente singular desse verbo for verdadeiro para cada evento individual do grupo, conforme expressa a forma lógica em (38).

$$(38) \quad V - PA(X) \Leftrightarrow \forall e \in X [ V(e) ] \ \& \ \text{card}(X) \geq n$$

em que:

**V** é o verbo

**V-PA** é a combinação de verbo+marcador pluracional,

**X** é o grupo de eventos denotado por **V-PA**

**e** representa os eventos individuais.

**n** é pragmaticamente determinado e normalmente quer dizer ‘muito’.

(Lasersohn, 1995, p. 121)

Abaixo mais alguns dados de línguas pluracionais apresentados por Lasersohn 1995:

(39) Língua: Nahuatl:

tlania: perguntar;

tlatlania: perguntar insistentemente.

(exemplo de Lasersohn 1995, p.246)

(40) Língua: Dyirbal:

balgan: golpear;

balbalgan: golpear muito.

(exemplo de Lasersohn 1995, p.246)

Um outro tipo de quantificação-A citada por Bach et al. 1995 é a feita pelos advérbios estudados por Lewis 1975 como os das sentenças abaixo. Esse tipo de quantificação será bastante discutido no decorrer deste trabalho e, portanto, não será apresentado em detalhes nesta seção.

(41) Pássaros sempre voam.

Sempre, se x é passaro, então x voa.

(exemplo 4 de Bach et al. 1995, p.2, tradução nossa)

Nesta seção foram apresentados brevemente alguns mecanismos lingüísticos que as línguas possuem para expressar quantificação que não estão ligados à quantificação nominal. A próxima seção tratará do modo como o fenômeno da pluracionalidade, um dos tipos de quantificação adverbial discutidos acima, é expresso na língua Karitiana.

### **3.3 A pluracionalidade em Karitiana**

Nesta seção, será apresentado como a pluralidade de eventos é expressa na língua Karitiana através da duplicação verbal (cf. Sanchez-Mendes 2006 e Sanchez-Mendes e Müller 2007). A hipótese é de que os marcadores pluracionais nessa língua estão associados somente à semântica de plural, não disparando leitura de intensidade como nos dados acima apresentados em Lasersohn 1995.

Sanchez-Mendes e Müller 2007 afirmam que os marcadores pluracionais em Karitiana fazem uma operação de pluralização na denotação cumulativa do verbo – eles excluem de sua denotação os eventos atômicos (cf. Ferreira 2005 para nomes e verbos e Müller 2000 para nomes)<sup>19</sup>. É o que mostram os seguintes dados:

- (42) João i'ot.  
 João i-'ot-∅  
 João PART-cair-CONC.ABS.  
 'João caiu'

Contexto: uma vez/mais de uma vez

- (43) João i'orot.  
 João i-'ot-'ot-∅  
 João PART-cair-DUPL-CONC.ABS.  
 'João caiu'

Contexto: \*uma vez/mais de uma vez

O trabalho segue a linha de raciocínio de Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006 de que os nomes têm denotação cumulativa nas sentenças do Karitiana e afirma que os verbos também têm denotação cumulativa na língua<sup>20</sup>, seguindo o postulado do Universal da Cumulatividade de que todos os predicados simples nas línguas naturais nascem cumulativos (cf. Krifka 1992, Landmann 1996 *apud* Kratzer 2003, Kratzer 2008). Kratzer 2003 argumenta que a cumulatividade lexical deve estar disponível em todas as línguas a custo zero e não deve depender do tipo do constituinte sintático (sintagmas de determinantes – DPs – ou sintagmas verbais - VPs)<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> Aqui a proposta formalizada:

Verbos intransitivos:

$$PL = \lambda P\langle s,t \rangle. \lambda E. P(E) \ \& \ |E| > 1$$

Verbos transitivos:

$$PL = \lambda P\langle e\langle s,t \rangle \rangle. \lambda X. \lambda E. P(X)(E) \ \& \ |E| > 1$$

<sup>20</sup> O trabalho de Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006 será retomado mais abaixo quando da apresentação dos tipos de quantificação que o Karitiana apresenta.

<sup>21</sup> Definição formal para cumulatividade:

Cumulatividade (propriedades de indivíduos):

No entanto, essas raízes podem sofrer operações na sintaxe ou no léxico que mudam sua denotação. Kratzer 2003 argumenta que, no inglês, pode haver um classificador embutido nos nomes contáveis que faz essa operação. Algo assim também poderia ocorrer com os verbos. Desse modo, o fato de na sintaxe todos os verbos não pluracionalizados do Karitiana possuírem denotação cumulativa é uma propriedade não óbvia da língua. Essa propriedade pode ser vista no dado (44). Esta sentença pode ser usada tanto para descrever uma situação em que houve apenas uma queda do João quanto para descrever uma situação em que houve mais de uma<sup>22</sup>.

- (44) João i'ot.  
 João i-'ot-∅  
 João PART-cair-CONC.ABS.  
 'O João caiu'

Literalmente: João caiu uma ou mais vezes

A grande possibilidade de leituras encontradas para uma sentença como a (45) abaixo é resultado da combinação das denotações cumulativas do substantivo com as denotações cumulativas do verbo.

- (45) Taso naka'yt boroja.  
 taso ∅-naka-'y-t boroja  
 homem 3-DECL-comer-NFUT cobra  
 'Homens comeram cobras'  
 'O(s) homem(s) comeu/comeram cobra(s)'  
 'Um(s)/algum(s) homem(s) comeu/comeram uma(s)/alguma(s) cobra(s)'

Literalmente: 'Um número não específico de homens comeu um número não específico de cobras um número não específico de vezes'

---

$\lambda P_{(et)} \forall x \forall y [ [P(x) \& P(y)] \rightarrow P(x+y) ]$   
 Cumulatividade (propriedade de eventos):

$\lambda P_{(st)} \forall e \forall e' [ [P(e) \& P(e')] \rightarrow P(e+e') ]$

<sup>22</sup> Nota-se que em português brasileiro a sentenças 'O João caiu' também pode se referir uma queda singular do João ou a uma pluralidade.



Segundo Sanchez-Mendes e Müller 2007, os marcadores pluracionais do Karitiana fazem uma operação de plural nos verbos: eles subtraem os eventos singulares da sua denotação cumulativa. O dado (46) abaixo mostra a possibilidade de ocorrência da pluracionalidade em contexto com apenas dois eventos:

(46)	Sypomp	nakaponpon	João	sojxaaty	kyynt.
	sypom-t	∅-naka-pon-pon-∅	João	sojxaaty	kyynt
	dois-OBL	3-DECL-atirar-DUPL-NFUT	João	queixada	em
	'João atirou em queixada em/de dois'				

A ocorrência de marcadores pluracionais indica que a sentença fala sobre dois ou mais eventos e não de um número considerável de eventos que supera o normal, como nas línguas apresentadas em Lasersohn 1995 e Cusic 1981. A análise apresentada nesta seção além de mostrar como o Karitiana expressa um dos tipos de quantificação adverbial introduz a pesquisa de elementos que estão relacionados à noção de muito nessa língua. Como a pluracionalidade não está associada a leituras de intensidade nessa língua, é relevante estudar os elementos que estão associados a essa noção e que não são redundantes com os marcadores pluracionais.

### 3.4 Quantificadores Flutuantes

Esta seção pretende apresentar a análise dos quantificadores flutuantes segundo Sportiche 1988. A discussão apresentada aqui é importante porque será utilizada na investigação do estatuto morfossintático de *kandat* no próximo capítulo. Quantificadores flutuantes são analisados diferentemente por diferentes autores. Há autores os consideram como quantificadores nominais como Sportiche 1988, mas há trabalhos que os analisam como adverbiais (Kayne 1975, Belletti 1982, Jaeggli 1982, Klein 1976 e Dowty e Brodie 1984 *apud* Sportiche 1988; e Bach et al. 1995).

Sportiche 1988 apresenta uma análise do quantificador flutuante *tous* 'todos' do francês em sentenças como:

- (47) a. Tous les enfants ont vu ce film<sup>23</sup>.  
 todas as crianças têm visto este filme  
 ‘Todas as crianças viram esse filme’
- b. Les enfants ont tous vu ce film.  
 as crianças têm todas visto este filme  
 ‘Todas as crianças viram esse filme’

(exemplos 2a e 2b de Sportiche 1988, p. 426)

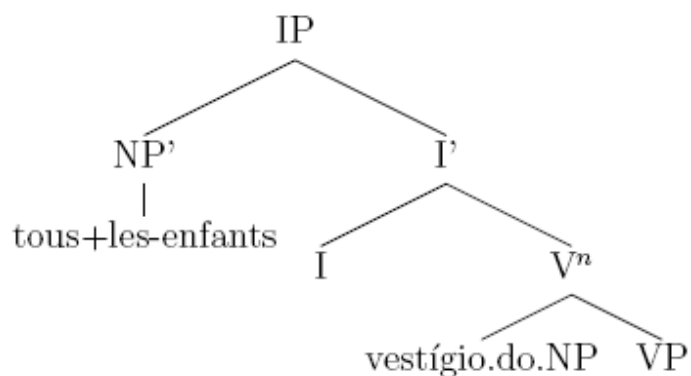
O autor assume que essas duas sentenças são muito próximas ou idênticas em algum nível da representação sintática porque o quantificador *tous* quantifica sobre o conjunto denotado pelo NP *les enfants* em ambas as sentenças. O autor assume, portanto, que há uma dependência sintática entre o quantificador e o NP.

Sua proposta é a de que há um NP vazio na posição direita do quantificador flutuante. Nessa estrutura, Sportiche 1998 assume (seguindo Koopman e Sportiche 1985, 1987 *apud* Sportiche 1998) que o núcleo flexional (*Infl*) é categoria de alçamento em línguas como o inglês, o francês e o holandês. A hipótese é que o NP seja gerado interno ao VP, mas que se mova para especificador de IP, podendo deixar o seu quantificador flutuando na posição em que foi gerado junto ao NP, neste último caso o quantificador tem que estar numa posição entre o núcleo flexional e VP. Abaixo a estrutura relevante quando o sintagma quantificado inteiro se move para a posição de especificador de IP em (48) e a estrutura com *les enfants* movido sem o quantificador, que fica flutuando em (49):

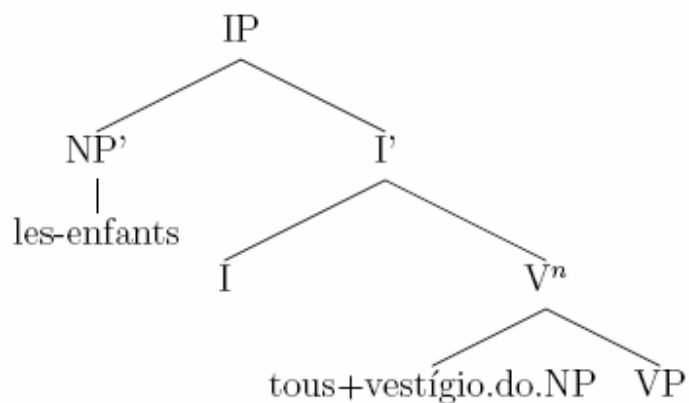
---

<sup>23</sup> Para os dados do francês e do inglês, optou-se por apresentar uma linha de tradução palavra a palavra e uma terceira com a tradução da sentença.

(48)



(49)



Sportiche 1988 reconhece que tem sido freqüentemente sugerido que os quantificadores flutuantes têm propriedades adverbiais (cf. Kayne 1975, Belletti 1982, Jaeggli 1982, Klein 1976 e Dowty e Brodie 1984 *apud* Sportiche 1998). O autor, no entanto, questiona essa proposta mencionando a dificuldade de se classificar que tipo de advérbio seria o quantificador flutuante. Ele cita a dificuldade de se apresentar a distribuição que cada advérbio tem e, portanto, do problema de caracterizar a distribuição da classe de advérbios a qual os quantificadores flutuantes pertenceriam. O autor ilustra que os quantificadores flutuantes não têm a mesma distribuição de advérbios sentenciais ou de modo.

Advérbios sentenciais são advérbios que tem escopo sobre o IP e não o VP. A sentença 'João provavelmente saiu' está associada a 'É provável que João tenha saído' e não a 'A saída do João foi provável'. Isso faz com que esse tipo de advérbio sempre tenha que ter escopo sobre o núcleo flexional:

- (50) Probably,                      John left.    (Adv irmão de IP)  
               provavelmente        John saiu.  
               'Provavelmente, John saiu'
- (51) John probably                      will leave.    (Adv irmão de I)  
               John provavelmente        FUT sair  
               'John provavelmente vai sair'
- (52) John will probably                      leave.    (Adv irmão de I)  
               John FUT provavelmente        sair  
               'John provavelmente vai sair'
- (53) \*John will buy probably shoes.    (Adv dentro de VP)  
               John FUT comprar provavelmente sapatos  
               'John vai comprar provavelmente sapatos'

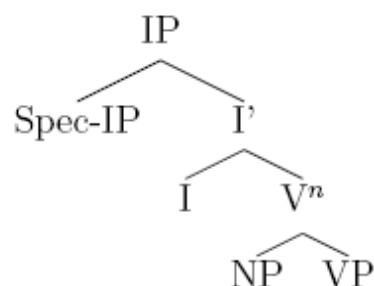
(exemplos 8a, 8b, 8c e 8d de Sportiche 1988, p. 430)

Uma vez que os quantificadores flutuantes aparecem entre o I e o VP e os advérbios sentenciais têm escopo sobre o IP, os quantificadores flutuantes não podem ser considerados advérbios sentenciais.

Sportiche 1988 afirma que os quantificadores flutuantes também não se comportam como os advérbios de modo, sem, no entanto, oferecer mais argumentos, como fez no caso acima com os advérbios sentenciais. Segundo o autor, os quantificadores flutuantes estariam mais próximos, mas não exatamente, de advérbios orientados para o sujeito. No entanto, ele diz que equiparar esse quantificadores aos advérbios orientados

para o sujeito pode dar uma explicação adequada empiricamente, mas não explica a natureza da distribuição desses elementos. O autor diz, por fim, que se a estrutura abaixo for adotada, não há a necessidade de se atribuir propriedades adverbiais a esses quantificadores porque ela dá conta de prever a sua distribuição.

(54)



As propriedades que dizem respeito às possibilidades de flutuação desses quantificadores serão apresentadas em detalhes na seção 2 do capítulo de análise, em que os dados e as propriedades de quantificadores como o *tous* do francês serão aproximados das possibilidades de posição de *kandat*.

Essa análise será importante quando da investigação dos quantificadores em Karitiana porque, como foi visto, quantificadores nominais podem ter uma distribuição relativamente livre e não apenas aparecer ao lado do constituinte nominal sobre o qual opera. Desse modo, o fato de um elemento quantificador não estar ao lado do NP o qual quantifica não significa que ele não é nominal. Essa análise servirá como mais um argumento de que os elementos que esta dissertação pretende analisar são advérbios e não quantificadores nominais. Isso ficará claro com os argumentos que serão mostrados de que eles não podem ser analisados como quantificadores flutuantes.

#### 4 Advérbios de Quantificação

O próximo capítulo mostrará as vantagens da análise dos itens *kandat*, *ahop* e *pitat* como elementos sintaticamente adverbiais e que estão semanticamente envolvidos num processo de quantificação. Desse modo, esta seção apresentará duas propostas discutidas na

literatura semântica para a análise dos advérbios de quantificação (advérbios-Q): advérbios-Q como quantificadores não-seletivos e advérbios-Q como quantificadores generalizados.

Segundo De Swart 1993, uma teoria adequada para os advérbios de quantificação tem que dar conta da sua interação com NPs (in)definidos, além de estar integrada com uma teoria de escopo, anáfora e ligação. A motivação dessa integração se encontra na discussão na literatura semântica de qual seria o objeto da quantificação de advérbios desse tipo em sentenças como a seguinte:

(55) Se um homem tem um burrinho, sempre bate nele.

As questões relevantes que dados como esse suscitam e que as duas propostas têm que responder são: (i) qual a denotação dos sintagmas indefinidos e (ii) qual o tipo de objeto que o advérbio quantifica.

#### 4.1 Advérbios de quantificação como quantificadores não-seletivos

Na teoria que analisa os advérbios-Q como quantificadores não-seletivos (cf. Lewis 1975, Heim 1988), esses advérbios são tratados como quantificadores que podem prender qualquer variável sob seu escopo indiscriminadamente. A proposta de Lewis 1975 rejeita a idéia de que esses quantificadores sejam quantificadores sobre tempo, uma vez que parece difícil encontrar quais seriam os momentos adequados de tempo que receberiam quantificação.

Na sentença em (56) abaixo, por exemplo, a sentença modificada pelo advérbio é verdadeira na maioria dos dias e não na maioria dos momentos relevantes.

(56) The fog usually lifts before noon here.  
 o(s)/a(s) neblina freqüentemente se levanta antes meio-dia aqui  
 ‘A neblina freqüentemente se levanta antes do meio dia aqui’

(exemplo 7 de Lewis 1975, p. 178)

O autor também recusa a hipótese de que esses advérbios quantifiquem sobre eventos. Se *always* fosse um quantificador sobre ocorrências de eventos, a sentença abaixo seria inconsistente:

- (57) A man who owns a donkey always beats it now and then.  
 um(a)homem que tem um(a) burro sempre bate ele de.vez.em.quando  
 ‘Um homem que tem um burrinho sempre bate nele de vez em quando’  
 (exemplo 10 de Lewis 1975, p. 179)

Além disso, os advérbios de quantificação podem ser usados para tratar de entidades abstratas que não tem nenhuma localização no tempo e que não tem participação em ocorrências de eventos, como ilustra a sentença (58) abaixo:

- (58) A quadratic equation never has more than two solutions.  
 um(a)quadrática equação nunca tem mais que dois soluções  
 ‘Uma função de segundo grau nunca tem mais de duas soluções’  
 (exemplo 11 de Lewis 1975, p. 179)

Lewis 1975 argumenta que advérbios como *sempre*, *às vezes*, *nunca*, *freqüentemente* e *raramente* são quantificadores sobre casos. “Casos” é o termo utilizado pelo autor para se referir a uma grande variedade de noções que podem estar envolvidas em contextos de quantificação adverbial: podem ser períodos adequados de tempo (56), equações de segundo grau (58), relacionamentos entre um homem e seu burrinho (59), etc.

- (59) A man who owns a donkey always beats it.  
 um(a) homem que tem um(a) burro semprebate ele  
 ‘Um homem que tem um burrinho sempre bate nele’  
 (exemplo adaptado de 10 de Lewis 1975, p. 179)

Formalmente, um caso corresponde a cada atribuição de valor possível para uma seqüência de variáveis que ocorrem livres na sentença modificada pelo advérbio. O capítulo

de análise fornecerá argumentos de que *kandat*, *ahop* e *pitat* do Karitiana são quantificadores sobre eventos e não sobre casos como defende Lewis 1975 para os advérbios de quantificação.

Lewis 1975 sugere que a forma canônica de sentenças com advérbios de quantificação é uma construção em três partes. Todas as outras formas são derivadas dessa forma canônica.

(60) {advérbio} + se  $\Psi, \Phi$

Heim 1988 utiliza a proposta de que os advérbios de quantificação são quantificadores não seletivos de Lewis 1975 e nomeia cada parte da estrutura oferecida por ele:

(61) [ OPERADOR [RESTRICÇÃO] [ESCOPO NUCLEAR] ]

Heim 1988 usa a análise de Lewis 1975 para oferecer uma explicação para os indefinidos em sentenças-*donkey* como a seguinte:

(62) Se um homem tem um burrinho, ele sempre bate nele.

(exemplo 1 de Heim 1988, p. 123, tradução nossa)

Segundo a autora, os indefinidos não têm força quantificacional própria. Eles são como variáveis que podem ser presas por outros quantificadores. Assim, os indefinidos são mais parecidos com variáveis do que com quantificadores. Na sentença acima, a força quantificacional universal vem claramente do advérbio de quantificação que tem como propriedade prender as variáveis em seu escopo. Em outros casos, a força quantificacional pode vir de outro lugar. Na sentença abaixo, por exemplo, a força quantificacional universal vem, segundo Heim 1988, de um operador de necessidade não realizado morfologicamente<sup>24</sup>:

---

<sup>24</sup> Heim 1988 diz que esse operador é como se fosse um *always* 'sempre' invisível.



(63) Se um homem tem um burrinho, ele bate nele.

(exemplo 2 de Heim 1988, p. 44, tradução nossa)

Para dar conta de sentenças simples com indefinidos, como (64) abaixo, Heim 1988 aplica uma regra de *existential closure* que dá a força existencial para sentenças como esta.

(64) Um cachorro entrou.

(exemplo 1 de Heim 1988, p. 5, tradução nossa)

Assim, segundo a autora, nem em casos como esse, em que os indefinidos parecem típicos quantificadores existenciais, estamos lidando com verdadeiros quantificadores. Também aqui o indefinido é uma variável sem força quantificacional própria presa pela regra de *existential closure*.

Esta seção apresentou como são analisados os advérbios de quantificação, sob a teoria de quantificadores não-seletivos (cf. Lewis 1975 e Heim 1988), como quantificadores que prendem invariavelmente variáveis sob o seu escopo. Essa proposta, somada à idéia de que indefinidos são variáveis e não quantificadores, ofereceu uma explicação simples para as sentenças-*donkey*. A próxima seção apresentará uma análise diferente dos advérbios de quantificação que está baseada numa teoria de quantificadores generalizados e que é contra a proposta de quantificadores não-seletivos.

#### 4.2 Advérbios de quantificação como quantificadores generalizados

Nesta seção, pretende-se apresentar a proposta de De Swart 1993 para os advérbios de quantificação. Ela analisa esses advérbios sob a perspectiva da teoria de quantificadores generalizados (QG) propondo que esses advérbios sejam analisados como relações entre conjuntos, assim como os QG na proposta de Barwise e Cooper 1981.

Segundo a autora, os advérbios quantificacionais não são bem analisados pela abordagem de quantificadores não seletivos. Entre os problemas que ela levanta dessa

análise, destaca-se o problema apontado por Partee 1984 e Bäuerle e Egli 1985 (*apud* De Swart 1993) como Problema da Proporção<sup>25</sup>:

(65) A maioria das mulheres que tem um cachorro é feliz.

Pensando numa situação em que há, por exemplo, dez mulheres, sendo que uma delas tem cinquenta cachorros e é feliz, enquanto que as outras nove têm um cachorro cada uma e são infelizes, intuitivamente a sentença acima é falsa. Mas, segundo a abordagem de quantificadores não seletivos, ela é verdadeira porque há cinquenta pares <mulher,cachorro> em que a mulher é feliz versus nove pares do mesmo tipo em que a mulher é triste.

A proposta de De Swart 1993 é baseada numa versão enriquecida da teoria de quantificadores generalizados que Barwise e Cooper 1981 propuseram para os quantificadores nominais. A teoria de Barwise e Cooper 1981 analisa unificadamente todos os NPs (incluindo nomes próprios) como quantificadores generalizados (QGs). Essa proposta apresentou um avanço nas limitações da interpretação da quantificação nas línguas naturais na lógica de primeira ordem. Além do fato de que nem todos os NPs quantificados são passíveis de serem analisados através da lógica de primeira ordem, as fórmulas no cálculo de primeira ordem de sentenças quantificadas são estruturalmente muito distantes das disposições sintáticas dessas sentenças. Desse modo, esse tipo de interpretação lógica está muito distante da análise composicional em que se baseia a Semântica Formal. A sentença (66) abaixo apresenta uma estrutura sintática (67) que não é espelhada na fórmula lógica em (68):

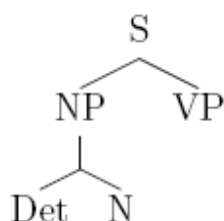
(66) All children laught.  
 todos(as) crianças riram  
 ‘Todas as crianças riram’

(exemplo 1b de De Swart 1993, p. 128)

---

<sup>25</sup> Não serão apresentados todos os problemas levantados porque eles envolvem questões que não estão no escopo deste trabalho.

(67)

(68)  $\forall x (C(x) \rightarrow L(x))$ 

(fórmula 2b de De Swart 1993, p. 128)

Como se vê, na estrutura sintática em (67), o determinante se junta primeiro ao nome formando um sintagma nominal e depois se junta ao sintagma verbal. Já na fórmula em (68), o quantificador aparece como um operador que se relaciona com o conjunto formado pelo predicado nominal e aquele formado pelo predicado verbal numa hierarquia diferente daquela vista em (67).

A proposta da teoria de quantificadores generalizados trata todos os NPs como sendo do mesmo tipo, uniformizando-os e interpretando-os numa lógica de segunda ordem. Assim, ao invés de possuir o tipo  $\langle e \rangle$  (tipo dos indivíduos), os NPs têm tipo  $\langle \langle e, t \rangle, t \rangle$  e são eles que tomam os VPs como argumentos e não o contrário. Assim, são os NPs que são os QGs e não os determinantes<sup>26</sup>. Assim, a proposta é que o determinante se junte ao NP, tomando-o como argumento e, em seguida, o sintagma quantificado tome o VP como argumento, formando a sentença:

(69)  $((D N) (VP))$ 

De Swart 1993 utiliza a idéia de que os determinantes podem ser entendidos numa perspectiva relacional em que estabelecem relações entre dois conjuntos, o conjunto denotado pelo N e o conjunto denotado pelo VP. O que interessa para a autora não é tanto

<sup>26</sup> Na análise de QG, o NP tem tipo  $\langle \langle e, t \rangle, t \rangle$  e toma o VP (tipo  $\langle e, t \rangle$ ) como argumento. Os NPs são, nessa proposta, conjuntos de conjuntos e a sentença será verdadeira se o conjunto denotado pelo VP for um dos conjuntos do conjunto de conjuntos do NP. No cálculo semântico tradicional, o VP, que tem tipo semântico  $\langle e, t \rangle$  toma como argumento o NP, que tem tipo  $\langle e \rangle$ , para formar a sentença (do tipo  $\langle t \rangle$ ). Os eventos não estão sendo levados em conta neste momento para que fique clara a proposta de QG para os NPs.

essa hierarquia em o determinante toma os conjuntos, mas o fato de que ele estabelece uma relação entre eles.

Ela parte do princípio de que o termo “quantificador generalizado” pode ser usado para tratar de todas as expressões que denotam relações entre dois conjuntos. Conseqüentemente, outros elementos podem receber esse nome como os conectivos booleanos como *e*, *ou*, *se...então* e advérbios de quantificação.

Segundo a autora, os advérbios de quantificação estabelecem relações entre situações ou eventualidades e indefinidos são quantificadores existenciais e não variáveis como na proposta de Heim 1988. A estrutura que ela vai usar que reflete essa relação dos quantificadores é a seguinte:

(70) Q(A,B)

Esse modelo se assemelha à estrutura tripartite, em que o quantificador denota uma relação entre dois argumentos, através da qual são usualmente analisadas expressões quantificacionais (conforme a oferecida por Heim 1988 mostrada acima). Assim, nota-se que, embora a proposta de De Swart 1993 se afaste da análise dos advérbios de quantificação como quantificadores não-seletivos, essas duas análises oferecem estruturas semelhantes para as estruturas quantificacionais.

Para os quantificadores nominais, os argumentos da estrutura são N e VP, como podemos ver em (71) abaixo.

(71) Todo homem é mortal.  
 Todo (homem,é mortal)

No caso das condicionais, dos modais, e dos quantificadores adverbiais esses argumentos são objetos sintáticos e semânticos de outros tipos, como mundos possíveis e eventualidades. Não será discutido como esses conjuntos de eventualidades sobre os quais os quantificadores adverbiais quantificam são escolhidos na sentença porque há tantas possibilidades que, a nosso ver, torna-se impossível determiná-las de modo não idiossincrático.

De Swart 1993 afirma que há certos contextos em que os advérbios de quantificação, no entanto, não têm leitura quantificacional e não introduzem estrutura tripartite: advérbios iterativos e advérbios de frequência fracos. Ela desenvolve uma proposta para esses casos que seja compatível com a teoria de QG<sup>27</sup>. Essa análise vai ser apresentada com detalhes mais abaixo quando da apresentação de particularidades que alguns advérbios possuem de apresentar diferentes leituras.

Segundo essa proposta, os advérbios iterativos descrevem a cardinalidade absoluta de um conjunto fechado de situações e não têm leitura quantificacional. Sentenças com esse tipo de advérbio não têm estrutura tripartite, mas uma estrutura bem parecida com a de sentenças com evento simples. Assim, sentenças como (72) e (73) abaixo com advérbios iterativos falam de uma quantidade absoluta de situações.

(72) Je l'ai rencontré deux fois.  
 Eu ele.tenho encontrado dois vezes  
 'Eu o encontrei duas vezes'

(73) Je l'ai appelé plusieurs fois, mais il n'était jamais chez lui.  
 eu ele.tenho telefonado muitas vezes mas ele NEG.estava nunca casa dele  
 'Eu telefonei pra ele muitas vezes, mas ele nunca estava em casa'

(exemplos 5a e 5b de De Swart 1993, p. 264)

Já os advérbios de frequência têm um comportamento diferente. Eles têm como característica o fato de apresentarem duas leituras que possuem estruturas diferentes. Há uma leitura que introduz estrutura tripartite e pode ser analisada segundo a teoria de quantificadores generalizados e há uma leitura que expressa uma pura frequência e não é possível de ser analisada segundo a proposta de QG. A seção 6 deste capítulo apresentará a proposta de De Swart 1993 para esses casos.

---

<sup>27</sup> Ela trata ainda de outros casos com quantificadores universais e existências que, como não são interessantes para este trabalho não serão tratados aqui. Ver De Swart 1993 para mais detalhes.

## 5 Restrições de quantificadores do tipo ‘muito’ sobre o tipo de predicado

Os elementos que se pretende analisar neste trabalho (*kandat*, *ahop* e *pitat*) são traduzidos por ‘muito/muitas vezes’ e uma característica dos quantificadores com essa noção, que aparece com frequência na literatura semântica, é sua restrição com propriedades contável-massivo dos elementos quantificados. Essa propriedade é bastante discutida na literatura tanto dos quantificadores nominais quanto dos adverbiais<sup>28</sup>. A propriedade contável-massivo dos nomes em inglês, por exemplo, restringe o uso de certos quantificadores de determinante:

(74) Um quantificador seleciona apenas nomes contáveis:

- a. Many books  
‘muitos livros’
- b. \*many water  
‘muita água’

(75) Um seleciona apenas nomes massivos

- a. much water  
‘muita água’
- b. \*much books  
‘muitos livros’

(76) Um seleciona nomes massivos e plurais

- a. a lot of wine  
‘muito vinho’
- b. a lot of books  
‘muitos livros’

---

<sup>28</sup> Ver Doetjes 2007, Higginbotham 1994, Matthewson 2001, Rothstein 1995, 2007c entre outros.

- c. \*a lot of book  
'muitos livros'

(exemplos de Rothstein 2007, p. 3)

Há casos em que o que ocorre não é uma restrição entre o quantificador e o alvo da quantificação, mas uma diferença de significado de um mesmo quantificador em contextos lingüísticos diferentes. Em francês, o advérbio *beaucoup* tem leitura de grau quando aparece com predicados verbais do tipo massivo como *pleuvoir* 'chover', e leitura iterativa quando aparece com predicados verbais contáveis como *aller au cinema* 'ir ao cinema'<sup>29</sup>:

- (77) Il a plu beaucoup.  
ele tem chovido muito  
'Choveu muito'

(Exemplo 2 de Doetjes 2007, p. 2)

- (78) Sylvie va beaucoup au cinema.  
Sylvie vai muito ao cinema  
'Sylvie vai muitas vezes ao cinema.'

(Exemplo 1a de Doetjes 2007, p. 1)

A seção 6 deste capítulo mostrará como as operações de grau (77) e de iteratividade (78) podem ser entendidas como operações relacionadas à distinção contável-massivo. Esta seção mostrou que para se trabalhar com as restrições e mudanças de sentido dos advérbios com noção de muito, é preciso atentar para a distinção contável-massivo no domínio verbal. Essa será uma discussão bastante importante neste trabalho porque auxiliará no entendimento dos usos dos quantificadores do Karitiana. A próxima seção trata da distinção contável-massivo no domínio nominal para introduzir a discussão no domínio verbal.

---

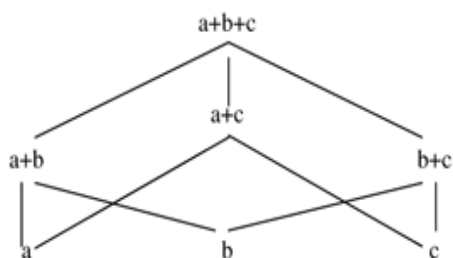
<sup>29</sup> A distinção contável-massivo como propriedade de predicados verbais bem como a diferença entre leitura de grau e iterativa serão discutidas em detalhes nas próximas seções deste capítulo.

### 5.1 A distinção contável-massivo como propriedade de predicados nominais

Link 1983 investiga a denotação de nomes contáveis e massivos utilizando uma estrutura algébrica de semi-reticulado. Segundo sua proposta, nomes massivos denotam porções de matéria e nomes contáveis denotam átomos singulares cujos plurais são formados por operações sobre esses indivíduos singulares. A proposta de distinção entre nomes massivos e contáveis feita pelo autor é baseada numa relação de ‘parte-material’. Assim, *ouro* é um nome massivo que pode representar a matéria de que é feito um *anel*, por exemplo. A diferença estrutural dos nomes massivos e contáveis está no fato de que os nomes massivos têm domínio não-atômico, enquanto os nomes contáveis têm domínio atômico. No reticulado do domínio contável, o conjunto dos átomos ( $a$ ,  $b$  e  $c$ ) do reticulado representa a denotação do nome contável singular, enquanto que o plural é representado pelo reticulado inteiro. O nome massivo é representado num reticulado não-atômico de porções de matéria (neste caso,  $a$ ,  $b$  e  $c$  são porções e não átomos).

Abaixo o modelo do reticulado (79) e um exemplo de denotação com um nome contável singular (80), um contável plural (81) e um massivo (82):

(79)



(80)  $[[\text{menino}]] = \{\text{menino}_a, \text{menino}_b, \text{menino}_c, \dots\}$

(81)  $[[\text{meninos}]] = \{\text{menino}_a, \text{menino}_b, \text{menino}_c, \dots, \{\text{menino}_a, \text{menino}_b\}, \{\text{menino}_a, \text{menino}_c\}, \{\text{menino}_b, \text{menino}_c\}, \dots, \{\text{menino}_a, \text{menino}_b, \text{menino}_c\}, \dots\}$



$$(82) \quad [[\text{água}]] = \{\text{porção}_a, \text{porção}_b, \text{porção}_c, \dots, \{\text{porção}_a, \text{porção}_b\}, \{\text{porção}_a, \text{porção}_c\}, \\ \{\text{porção}_b, \text{porção}_c\}, \dots, \{\text{porção}_a, \text{porção}_b, \text{porção}_c\}, \dots\}$$

A distinção oferecida entre matéria denotada pelos nomes massivos e átomos denotados por nomes contáveis apresentada em estruturas não-atômicas e atômicas, respectivamente, pode ser representada diretamente em termos de cumulatividade e homogeneidade, segundo Rothstein 2007. Abaixo as definições dessas propriedades (tiradas de Krifka 1998):

(83) Cumulatividade:

$P$  é cumulativo se:  $x \in P$  e  $y \in P$  e  $\neg x = y$  então  $x \cup y \in P$

Em palavras:  $P$  é um predicado cumulativo se, e somente se, quando  $x$  e  $y$  são diferentes e ambos têm a propriedade  $P$ , então a soma de  $x$  e  $y$  também tem a propriedade  $P$

(84) Homogeneidade:

Se  $x$  é homogêneo, então para qualquer  $x \in P$ , e para qualquer  $y$ :  $y \subseteq x \wedge \neg y = x \rightarrow y \in P$

Em palavras: Se  $x$  tem a propriedade  $P$  e  $y$  é uma parte de  $x$ , então  $y$  também tem a propriedade  $P$

Predicados contáveis não são homogêneos e nem cumulativos porque eles têm átomos em sua denotação e a estrutura reticulada não atômica dos massivos de Link 1983 é homogênea e cumulativa (Rothstein 2007).

Como a proposta de Link 1983 considera que o domínio massivo é não-atômico, ela não dá conta da denotação de nomes massivos como *mobília* que possuem átomos em sua denotação. Chierchia 1998 propõe analisar os nomes massivos como atômicos para dar conta de casos como esse. Os nomes massivos denotam, segundo este autor, átomos e porções de matéria. O domínio contável dessa proposta é semelhante àquele apresentado por Link 1983, com exceção dos plurais que, para Chierchia 1998, não incluem átomos. Vemos abaixo exemplos da denotação proposta por Chierchia 1998:

- (85)  $[[\text{menino}]] = \{\text{menino}_a, \text{menino}_b, \text{menino}_c, \dots\}$
- (86)  $[[\text{meninos}]] = \{\{\text{menino}_a, \text{menino}_b\}, \{\text{menino}_a, \text{menino}_c\}, \{\text{menino}_b, \text{menino}_c\}, \dots, \{\text{menino}_a, \text{menino}_b, \text{menino}_c\}, \dots\}$
- (87)  $[[\text{móvel}]] = \{\text{mesa}_a, \text{cadeira}_b, \text{cama}_c, \dots, \{\text{mesa}_a, \text{cadeira}_b\}, \{\text{cadeira}_a, \text{cama}_c\}, \{\text{mesa}_b, \text{cama}_c\}, \dots, \{\text{mesa}_a, \text{cadeira}_b, \text{cama}_c\}, \dots\}$

Esta seção apresentou brevemente como a distinção contável-massivo está associada aos nomes comuns. Esse assunto não será prolongado porque, como foi dito, o interesse desta pesquisa está nas características relacionadas ao predicado verbal, já que ela investiga elementos que são adverbiais. As propostas de Link 1983 e Chierchia 1998 apresentadas serão retomadas nas propostas relacionadas para o domínio verbal. A seção seguinte mostra o modo como a distinção contável-massivo foi aplicada aos verbos por Bach 1986.

## 5.2 A distinção contável-massivo como propriedade de predicados verbais

Bach 1986 foi o primeiro trabalho a falar, baseado na distinção entre nomes contáveis e massivos de Link 1983, das propriedades contáveis e massivas como propriedades também de predicados verbais. O autor trabalha com a relação de semelhança entre eventos e coisas (*things*) por um lado e processos e matéria (*stuff*) de outro. Ele usa a seguinte divisão proposta por Carlson 1981 (*apud* Bach 1986):

(88)



Tabela 3: Eventualidades

<b>Eventualidade</b>	<b>Exemplos</b>
estado dinâmico	sentar, ficar em pé
estado estático	estar em Nova Iorque, amar $x$
processo	andar, empurrar um carro
evento prolongado	construir $x$ , andar até Boston
evento momentâneo acontecimento	reconhecer, perceber
<i>evento momentâneo culminação</i>	alcançar o topo, morrer

Aplicando a mereologia de Link 1983 ao domínio das eventualidades, Bach 1986 considera que os eventos são análogos a indivíduos singulares e plurais enquanto que os processos são semelhantes às porções de matéria que constituem a extensão material desses indivíduos. Assim, os eventos são considerados contáveis e os processos massivos.

O autor não discute em detalhes como é possível testar ou decidir a que tipo de eventualidade corresponde cada verbo. Ele utiliza, porém, as propriedades de cumulatividade e homogeneidade (chamadas por ele de adição e indivisibilidade). Um predicado como *morrer* é contável porque nenhuma parte própria de *morrer* é *morrer* e a soma de um evento de morte mais um evento de morte não é um evento de morte. Por outro lado, *correr* é um predicado massivo porque a fusão de um evento de correr mais um

evento de correr é também um evento de correr. Disso se segue que *courrer* é um predicado que possui partes que são partes próprias de correr.

Desse modo, segundo a proposta de Bach 1986, os predicados contáveis são aqueles que não possuem nenhuma parte própria em sua denotação. Levando em conta a definição de telicidade de Krifka 1998, que afirma que um predicado X é télico se as partes de X têm como ponto inicial e ponto final o mesmo ponto inicial e final de X. Ou seja, um predicado X é télico se nenhuma parte de X – que não seja o próprio X – é uma parte própria de X, é possível dizer que, predicados télicos são contáveis e atélicos são massivos na proposta de Bach 1986.

A distinção apresentada nesta seção será retomada na próxima seção quando da análise das operações de frequência e grau nos advérbios do francês.

## 6 Iteratividade, Frequência e Grau

Nesta seção, serão apresentadas em detalhes propostas de diferentes autores para as operações que frequentemente aparecem associadas a advérbios que tem podem ser traduzidos para ‘muitas vezes’, a saber: iteratividade, frequência e grau. Em francês, há três itens diferentes que expressam essas três noções: *plusieurs fois*, *souvent* e *beaucoup*, respectivamente. Numa proposta como a de Doetjes 2007, essas operações podem ser analisadas levando-se em conta as propriedades contável-massivo dos verbos aos quais os advérbios se aplicam.

Doetjes 2007 apresenta a diferença entre as operações de frequência e grau investigando as diferenças de leituras de sentenças com os advérbios do francês *beaucoup* (‘muito/muitas vezes’) e *souvent* (‘muitas vezes/freqüentemente’). A autora afirma que *beaucoup* é um modificador de grau porque quando ele se aplica a um predicado massivo não necessariamente indica a leitura de que o evento ocorreu muitas vezes. Para a sentença (89) ser verdadeira, basta ter chovido bastante, mas não é necessário ter chovido muitas vezes. Já *souvent*, que é um advérbio de frequência, sempre implica leitura de muitos eventos. Para a sentença (90) ser usada apropriadamente, tem que ter chovido muitas vezes no contexto.

(89) Il a plu beaucoup.  
 ele tem chovido muito  
 ‘Choveu muito’

(90) Il a plu souvent.  
 ele tem chovido freqüentemente  
 ‘Choveu freqüentemente’

(Exemplos 2a e 2b de Doetjes 2007, p. 2)

Para investigar as operações feitas pelos advérbios de grau e de freqüência, Doetjes 2007, baseada em Bach 1986, investiga a distribuição desses advérbios e as leituras das sentenças em que aparecem levando em consideração a natureza contável-massivo dos predicados verbais aos quais se aplicam.

A autora considera que tanto *souvent* como *beaucoup* são advérbios de quantidade que denotam uma mesma quantidade de referência dependente do contexto e que, em alguns casos, têm significados bastante semelhantes, como em (91a) e (91b)<sup>30</sup>.

(91) a. Sylvie va beaucoup au cinema.  
 Sylvie vai muito ao cinema  
 ‘Sylvie vai muito ao cinema.’

b. Sylvie va souvent au cinema.  
 Sylvie vai freqüentemente ao cinema  
 ‘Sylvie vai ao cinema freqüentemente.’

(Exemplos 1a e 1b de Doetjes 2007, p. 1)

Por outro lado, há contextos em que não é possível trocar um pelo outro, como em (92a) e (92b) ou essa troca gera conseqüências semânticas, como em (93a) e (93b).

---

<sup>30</sup> As quantidades que são dependentes do contexto aparecerão na forma lógica formalizadas como **n**.

- (92) a. \*Pierre a beaucoup acheté trois kilos d'olive.  
 Pierre tem muito comprado três quilos de azeitona  
 'Pierre comprou muito três quilos de azeitona.'
- b. Pierre a souvent acheté trois kilos d'olive.  
 Pierre tem frequentemente comprado três quilos de azeitona  
 'Pierre comprou frequentemente três quilos de azeitona.'
- (93) a. Sylvie a beaucoup apprécié ce film.  
 Sylvie tem muito gostado este filme  
 'Sylvie gostou muito deste filme.'
- b. Sylvie a souvent apprécié ce film.  
 Sylvie tem frequentemente gostado este filme  
 'Sylvie frequentemente gostou deste filme.'

(Exemplos 1c, 1d, 1e e 1f de Doetjes 2007, p. 1)

Antes de apresentar a proposta para a diferença entre frequência e grau, Doetjes 2007 oferece primeiramente uma distinção entre advérbios de frequência e grau de um lado e as expressões iterativas como *trois fois* 'três vezes' de outro. A autora diz que *beaucoup*, *souvent* e *trois fois* são expressões diferentes porque se por um lado *beaucoup* e *souvent* dependem de uma quantidade de referência *n* definida através do contexto, *trois fois* é uma expressão de quantidade que independe de uma quantidade fixa contextualmente.

A autora afirma que tempos lingüísticos que têm interpretação homogênea, como o tempo presente ou o tempo imperfeito do francês, por exemplo, são incompatíveis com uma expressão adverbial que define uma quantidade absoluta, como *trois fois*, (exemplo 94a), mas não com expressões cuja quantidade é definida contextualmente (exemplos 94b e 94c com *souvent* e *beaucoup*). *Trois fois* é compatível nesses contextos somente se usarmos uma expressão com a forma 'por unidade de tempo' como *par semaine* (exemplo 94d).

- (94) a. #Jean va/allait trois fois au cinéma.  
 Jean vai/ia três vezes ao cinema  
 ‘Jean vai/ia três vezes ao cinema’
- b. Jean va/allait souvent au cinéma.  
 Jean vai/ia fréquemmente ao cinema  
 ‘Jean vai/ia fréquemmente ao cinema’
- c. Pierre va beaucoup au Louvre.  
 Pierre vai muito ao Louvre  
 ‘Pierre vai muito ao Louvre’
- d. Pierre va au Louvre trois fois par semaine.  
 Pierre vai ao Louvre três vezes por semana  
 ‘Pierre vai ao Louvre três vezes por semana’

(Exemplos 4b, 4a, 7a e 5 de Doetjes 2007, p. 3 e 4)

No entanto, essa diferença proposta por Doetjes 2007 entre ser ou não dependente de um **n** contextual não é suficiente para distinguir quantificadores de frequência e grau por um lado e iterativos por outro. Isso porque há quantificadores que são dependentes do contexto, ou seja não expressam uma cardinalidade determinada como *três vezes*, mas que são considerados por Doetjes 2007 e De Swart 1993 como expressões iterativas. É o caso do *plusieurs fois* do francês e *several times* do inglês, ambos traduzidos para ‘muitas vezes’ em português.

Vamos considerar, portanto, que a particularidade dos advérbios iterativos está no fato de apresentarem uma restrição temporal com tempos abertos como o presente e o imperfeito do francês e, como ficará claro mais abaixo, por expressarem uma cardinalidade que é absoluta no sentido de que é limitada e não no sentido de ser determinada.

Segundo De Swart 1993, o que diferencia os advérbios de frequência dos advérbios iterativos é que advérbios de frequência exigem uma distribuição regular dos

eventos sobre o tempo induzindo significado cíclico enquanto que advérbios iterativos contam eventos como entidades individuais e especificam uma cardinalidade absoluta. O conceito de absoluto aqui é entendido como fechado, limitado e não como específico, já que, como foi vista anteriormente, há expressões iterativas dependentes de um quantidade *n* no contexto. *Plusieurs fois* do francês e *several times* do inglês exprimem, desse modo, uma quantidade que não é definida, uma vez que não sabemos de quantas vezes especificamente se trata, mas que é absoluta, no sentido que se trata de uma quantidade limitada, uma cardinalidade absoluta. Eles são, portanto, advérbios iterativos.

De Swart 1993 também menciona que os advérbios iterativos são limitados na interação de tempo e aspecto, não sendo compatíveis com o presente e o imperfeito do francês – a menos que estejam em contexto freqüentativo ou habitual – ocorrendo, na maioria das vezes, com o passado (simples ou composto).

- (95) Anne a joué du piano deux fois. *Passado Composto*  
 Anne tem tocado do piano duas vezes  
 ‘Anne tocou o piano duas vezes’  
 (exemplo 35a de De Swart 1993, p.25)
- (96) Anne joua du piano deux fois. *Passado Simples*  
 Anne tocou do piano duas vezes  
 ‘Anne tocou o piano duas vezes’  
 (exemplo 35b de De Swart 1993, p.25)
- (97) ?? Anne jouait deux fois du piano. *Imperfeito*  
 Anne tocava duas vezes do piano  
 ‘Anne tocava duas vezes o piano’  
 (exemplo 36a de De Swart 1993, p.25)



- (98) ?? Anne joue deux fois du piano. *Presente*  
 Anne toca duas vezes do piano  
 ‘Anne toca duas vezes o piano’  
 (exemplo 36b de De Swart 1993, p.25)

Já os advérbios de frequência não têm, segundo a autora, qualquer restrição com tempo e aspecto:

- (99) Anne jouait souvent du piano. *Imperfeito*  
 Anne tocava frequentemente do piano  
 ‘Anne tocava frequentemente o piano’  
 (exemplo 37a de De Swart 1993, p.25)

- (100) Anne joue souvent du piano. *Presente*  
 Anne toca frequentemente do piano  
 ‘Anne toca frequentemente o piano’  
 (exemplo 37b de De Swart 1993, p.25)

Doetjes 2007 afirma, no entanto, que apenas essa distinção baseada nos diferentes tempos verbais não é suficiente para distinguir a operação de iteratividade da de frequência. De Swart 1993 diz que se um advérbio não tem restrição com tempos verbais como o imperfeito e presente do francês, ele é um quantificador de frequência. Doetjes 2007 diz, no entanto, que *beaucoup*, que não é um advérbio de frequência, mas de grau, é compatível nesses contextos. Conclui-se que seria mais preciso dizer, portanto, que, sendo um advérbio compatível com os tempos imperfectivos, ele não é iterativo, podendo ser de frequência ou de grau.

Foram apresentadas até neste ponto as características das expressões iterativas em oposição às de frequência e grau. Esta seção enfocará agora a distinção entre frequência e grau baseada no trabalho de Doetjes 2007 para os advérbios *souvent* e *beaucoup* do francês. Para a autora, o que diferencia esses dois advérbios é o fato de que *souvent* sempre introduz interpretação de muitos eventos, enquanto que *beaucoup*, não. O fato de a frase abaixo não

ser contraditória indica, segundo ela, que esses dois advérbios estão fazendo operações diferentes.

- (101) Il a plu souvent, mais n'a pas plu beaucoup.  
 EXPL tem chovido freqüentemente mas não tem não chovido muito  
 'Choveu freqüentemente, mas não choveu muito'

(Exemplo 3 de Doetjes 2007, p. 2)

Segundo Doetjes 2007, advérbios de grau como *beaucoup* não envolvem contagem, no sentido de que eles não possuem essa operação como característica. Quando eles são combinados com VPs ou expressões nominais, a quantidade de referência que esse sintagmas denotam pode ser plural (iterativa)<sup>31</sup> ou massiva (não-iterativa), não tendo ocorrência possível com singulares<sup>32</sup>.

- (102) a. beaucoup de livres [NP contável plural]  
 muito de livres  
 'muitos livros'

(Exemplo 16a de Doetjes 2007, p. 11)

- b. Jean va beaucoup au Louvre. [VP contável plural]  
 Jean vai muito ao Louvre  
 'Jean vai muito ao Louvre'

(Exemplos 7a de Doetjes 2007, p. 4)

<sup>31</sup> Quando falamos em leitura iterativa, estamos nos referindo à leitura de muitos eventos. A leitura iterativa é uma possibilidade em advérbios de vários tipos. Se um advérbio tem leitura iterativa isso não significa, necessariamente, que ele seja um advérbio iterativo nos termos usados aqui emprestados de Doetjes 2007 e De Swart 1993.

<sup>32</sup> *Beaucoup* se diferencia de *souvent* porque este não pode ser usado como modificador de expressões nominais:

- I) \*souvent (de) livres/de soup  
 freqüentemente (de) livres/sopa  
 'freqüentemente livros/sopa'

(Exemplo 17 de Doetjes 2007, p. 12)

- c.        *beaucoup*        de        *soup*                                        *[NP massivo]*  
           *muito*        de        *sopa*  
           ‘muita *sopa*’

(Exemplos 16b de Doetjes 2007, p. 11)

- d.        *Il a plu beaucoup.*                                        *[VP massivo]*  
           *Ele tem chovido muito*  
           ‘Choveu *muito*’

(Exemplos 2a de Doetjes 2007, p. 2)

- e.        #*beaucoup* de        *théière*                                        *[NP contável singular]*  
           *muito*        de        *bule*  
           ‘*muito* *bule*’

(Exemplos 21e de Doetjes 2007, p. 14)

- f.        #*Jeane a beaucoup écrit la lettre.*                                        *[VP contável singular]*<sup>33</sup>  
           *Jeana tem muito escrito a carta*  
           ‘*Jeane* *escreveu* *muito* *a carta.*’

(Exemplos 21f de Doetjes 2007, p. 14)

Como mostram os dados (102a) e (102b), o uso adverbial de *beaucoup* permite tanto uma interpretação plural quanto massiva. A ilusão de ambigüidade de *beaucoup* entre um advérbio de grau ou sobre ocorrências deve-se, segundo Doetjes 2007, à semântica dos predicados aos quais ele se aplica. *Beaucoup* tem interpretação de múltiplos eventos se estiver associado a um predicado contável plural, como ‘ir ao cinema’. Já com predicados massivos como ‘chover’, ele é ambíguo, podendo ter interpretação iterativa ou de grau. Quando a leitura é de plural de eventos, segundo essa proposta, não é o *beaucoup* que introduz essa leitura.

<sup>33</sup> São considerados VPs singulares os predicados únicos chamados em inglês de *once only* como ‘escrever a carta’ que são incompatíveis tanto com *beaucoup* quanto com *souvent*.

A interpretação iterativa dos advérbios de grau é devido à interpretação plural do predicado contável ao qual se aplica e não obtida por quantificação. Doetjes 2007 afirma que *beaucoup* opera sobre o significado de um predicado que tem que ser interpretado como uma escala elaborada em relação a uma quantidade *n* considerada normal. *Beaucoup* aplicado a um sintagma nominal ou a um sintagma verbal gera uma escala contínua, no caso de sintagmas massivos, e a uma escala discreta, no caso de sintagmas contáveis.

Já advérbios como *souvent* são, segundo Doetjes 2007, inerentemente iterativos. A noção de iteratividade aqui não se confunde com a dos advérbios iterativos que contam eventos numa quantidade limitada. A noção que a autora está usando é no sentido de que esses advérbios sempre introduzem uma interpretação de muitos eventos, independentemente da propriedade contável-massivo do predicado. Ao invés de selecionar um predicado contável, sua proposta é de que *souvent* contém uma operação plural correspondente a ocorrências (*times* no inglês). A presença no advérbio dessa entidade plural é o que faz a multiplicação dos eventos possível.

A presente análise faz a multiplicidade de eventos no contexto de *beaucoup* bem diferente do que no contexto de *souvent*. Numa sentença com *souvent*, essa multiplicação é obtida via quantificação feita pelo advérbio enquanto que em sentenças com *beaucoup* a iteratividade surge da natureza contável do predicado. Viu-se como a natureza do predicado aos quais se aplicam *beaucoup* e *souvent* ajudou a desvendar as operações que realizam, segundo essa proposta. O quadro abaixo resume as características apresentadas dos quantificadores iterativos, de frequência e de grau segundo as propostas de Doetjes 2007 e De Swart 1993.

Tabela 4: Características dos advérbios iterativos, de frequência e de grau

<b>CARACTERÍSTICAS</b>	<b>Advérbios Iterativos (<i>trois fois</i>)</b>	<b>Advérbios de Frequência (<i>souvent</i>)</b>	<b>Advérbios de Grau (<i>beaucoup</i>)</b>
Define uma cardinalidade absoluta	✓	✗	✗
Compatível com o presente e o imperfeito (francês)	✗	✓	✓
Denota sempre múltiplos eventos	✓	✓	✗
Pode denotar múltiplos eventos ou especificar um grau	✗	✗	✓

De Swart 1993 avança na análise dos quantificadores de frequência afirmando que eles possuem como característica a possibilidade de apresentarem duas diferentes leituras: a relacional e a cardinal. Há advérbios do francês como *parfois* ('algumas vezes'), *souvent* ('muitas vezes'/'frequentemente') e *jamais* ('nunca') que apresentam estrutura tripartite quando alternam com quantificadores de frequência fortes como *toujours* ('sempre')<sup>34</sup>. Nesses casos eles apresentam o que De Swart 1993 chama de leitura relacional e são passíveis de serem analisados pela teoria de quantificadores generalizados, uma vez que estabelecem uma relação entre conjuntos. Esse é, segundo a autora, o uso quantificacional de fato desses advérbios. Em outros tipos de sentença, esses advérbios podem denotar o que a autora chama de pura frequência. Nesses casos, eles não denotam uma relação entre dois conjuntos, mas descrevem uma frequência relacionada ao universo do discurso. Deste modo, segundo essa proposta, advérbios de frequência forte estão associados ao uso quantificacional e os de frequência fracos ao uso de pura frequência. Os exemplos abaixo ilustram essa distinção:

<sup>34</sup> Sobre a distinção entre quantificadores fortes e fracos ver Milsark 1974 e De Swart 1993.

(103)

- a. Jeanne se plaint souvent quand elle remplit sa déclaration  
Jeanne se queixa freqüentemente quando ela preenche sua declaração

d'impôts.

de.impostos

'Jeanne se queixa freqüentemente quando preenche sua declaração de impostos'

- b. Jeanne se plaint souvent.  
Jeanne se queixa freqüentemente  
'Jeanne se queixa freqüentemente'

(exemplos 8a e 8b de De Swart 1993, p. 266)

A sentença (103a) pode ser analisada em uma estrutura tripartite fornecida pela interpretação relacional da sentença. Há o conjunto de situações em que a Jeanne preenche sua declaração de impostos e o conjunto de situações em que ela se queixa. O advérbio se relaciona com esses conjuntos indicando que muitas das situações em que ela preenche a declaração se estendem a situações em que ela se queixa.

Sentenças como (103b) podem expressar também uma leitura relacional se o conjunto da restrição do advérbio estiver implícito e dado pelo contexto. Nesse caso, a interpretação da sentença poderá ser a mesma da sentença (103a) se no contexto estiver claro que se trata das situações em que a Jeanne preenche sua declaração de impostos. No entanto, uma outra possibilidade de leitura para (103b) é a que indica uma freqüência no universo do discurso. Nesse caso, não há um conjunto restrição do advérbio, portanto esse uso de *souvent* é não-quantificacional. A autora chama essa leitura de pura freqüência ou cardinal, por sua aproximação com os advérbios iterativos.

No entanto, a cardinalidade nesses casos não é usada apenas para contar um número de eventos num domínio restrito e descrever uma quantidade absoluta (como no caso dos advérbios iterativos). O que há nessas leituras com advérbios de freqüência é uma cardinalidade somada a uma repetição que leva à interpretação de freqüência. É nesse sentido que a autora os considera como iterativos numa perspectiva cíclica. Nesses usos, os

advérbios funcionam exatamente da mesma forma que expressões como *duas vezes por semana* com a diferença de que o período de repetição, que nesse caso é *por semana*, no caso de *souvent* é vago. Nos usos desses advérbios de frequência sem restrição explícita como em (103b), esses advérbios são vagos, na verdade, tanto com leitura proporcional quanto com leitura de pura frequência. Na leitura proporcional o que está vago é o conjunto da restrição do advérbio e na leitura de pura frequência, os ciclos nos quais as situações se repetem.

Segundo essa proposta, quando há leitura proporcional, existe uma relação entre situações A e B e uma proporção ( $m/n$ ) de situações do tipo A que pode ser estendida para situações do tipo B.

$$(104) \quad 0 < m/n < 1$$

Já com a leitura não-quantificacional, a vagueza se encontra no número de situações por unidade de tempo e na escolha da unidade de tempo.

(105) pelo menos  $m$  vezes por unidade de tempo

⇒ em que o valor de  $m$  é alto e a unidade de tempo é dada via contexto.

Esta seção apresentou como são analisadas as operações de iteratividade, frequência e grau levando em conta os trabalhos de De Swart 1993 e Doetjes 2007. Mostrou-se que a iteratividade é uma operação entendida como uma contagem de cardinalidade absoluta de eventos num domínio temporal fechado, enquanto que a frequência é uma contagem de eventos de cardinalidade relativa num domínio temporal aberto. A operação de grau não é entendida como uma quantificação por Doetjes 2007, mas como uma operação que gera escalas discretas ou contínuas, dependendo se o predicado é contável ou massivo respectivamente. Essas características serão retomadas na seção 8 deste capítulo para a revisão dessas operações com as análises propostas nesta dissertação.

## 6.1 Quantificadores de Julgamento de Valor

Um outro modo possível de se analisar advérbios com noção de muito é através da teoria dos quantificadores de julgamento de valor (cf. Guimarães 2007). Essa análise propõe que *muito* do português brasileiro é um tipo de quantificador que, além de trazer uma denotação de quantidade, tem embutido o julgamento do falante sobre a quantidade. Partindo da idéia de que *muito* está relacionado a uma quantidade maior que uma quantidade dita normal, o autor sugere que esse quantificador pode ser entendido de dois modos: (i) em grande quantidade; e (ii) em quantidade acima das expectativas.

Keenan e Stavi 1986 (*apud* Guimarães 2007) analisaram determinantes do inglês como *many* ‘muito’ e *few* ‘pouco’ como quantificadores de julgamento de valor. Ao contrário dos quantificadores existencial e universal da lógica, os quantificadores de julgamento de valor denotam quantidades e proporções diferentes dependendo do tamanho do conjunto denotado pelo sintagma quantificado. A maior particularidade desses quantificadores, segundo essa perspectiva, é que, além de indicar quantidades e proporções, eles trazem informações de avaliações do falante em relação a essas quantidades e proporções.

É interessante notar que essa noção utilizada por Keenan e Stavi 1986 (*apud* Guimarães 2007), que Guimarães 2007 empresta para a análise dos itens adverbiais, tem uma semelhança com características levantadas pelo lingüista e antropólogo americano Edward Sapir (Sapir 1944) em seu trabalho clássico sobre a gradação. Segundo o autor, a gradação – que é a operação que envolve a quantificação – possui um estatuto psicológico. A postura do falante é, para o autor, é um componente explícito da gradação. Segundo essa proposta, contrastes quantificacionais como *pouco* e *muito* levam a uma sensação enganosa de valor absoluto de quantidade, em comparação com certas qualidades como *verde* e *vermelho*.

Sapir 1944 afirma que *more than* ‘mais que’ e *less than* ‘menos que’ têm, além de um valor de gradação objetivo, um valor de gradação subjetiva que depende de um desejo do falante de aumento ou diminuição. *More than* embora apresente objetivamente um aumento, apresenta uma diminuição desejada subjetivamente porque, quando é usado numa sentença, possui um desejo de haver um número menor do que o número apresentado. Esse



fato pode ser vislumbrado nos dados abaixo. Como o *mais de* apresenta um desejo de decréscimo, a sentença em (106b) fica estranha com *só*:

(106)

- a. Eu tenho mais de três dias para esperar.
- b. #Eu só tenho mais de três dias para esperar.

(exemplos de Sapir 1944, pág. 109, tradução nossa)

No entanto, nem sempre *mais de* está relacionado a um desejo de decréscimo por parte do falante. Há casos em que essa intenção não está presente, como é o caso da sentença abaixo, perfeitamente possível em português. Nota-se que aqui também fica estranha a sentença com *só*. O que mostra que o seu uso não está relacionado a um desejo de decréscimo<sup>35</sup>.

(107) Tenho mais de mil reais para receber do seguro.

(108) #Tenho só mais de mil reais para receber do seguro.

Na proposta de Guimarães 2007, o que indica que quantificadores como *muito* e *pouco* falam não apenas da quantidade, mas de uma posição do falante em relação à quantidade é o fato de sentenças como essas abaixo poderem ser usadas para descrever um mesmo contexto:

(109)

- a. Muitas pessoas reclamaram da organização do evento.
- b. Poucas pessoas reclamaram da organização do evento.

(exemplos 456 e 457 de Guimarães 2007, p. 140)

---

<sup>35</sup> O desejo de decréscimo acompanha, na verdade, a idéia como um todo fornecida pelo operador de gradação *mais* a denotação do verbo, e não pelo operador somente. A mudança do verbo, nesse caso, transformou o desejo de decréscimo em desejo de acréscimo.

Para o autor, as sentenças podem ser usadas em um caso em que a quantidade de pessoas que reclamaram da organização do evento foi muita em comparação ao número de pessoas que reclamaram no ano passado, mas foi pouco em relação ao número de pessoas que compareceram ao evento neste ano.

Esta seção mostrou que os quantificadores com noção de muito podem ser analisados como quantificadores de julgamento de valor. Nessa proposta, esses quantificadores trazem, além da informação de quantidade, um componente de julgamento do falante sobre essa quantidade. Na seção 8, essa proposta será criticada com base na afirmação de que não é preciso apelar para a apreciação do falante de uma proposição com quantificadores como *muito* para dar conta de sua denotação. As próximas seções tratam da proposta de Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b para a distinção contável-massivo no domínio verbal, que será útil para a análise que será apresentada.

## **7 Refinando as noções contabilidade e massividade no domínio verbal – a proposta de Rothstein**

Nesta seção será apresentada uma proposta mais refinada da atomicidade e contabilidade no domínio verbal (cf. Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b). Essa proposta será útil para a análise que se pretende fazer nesta dissertação porque trata mais detalhadamente da distinção contável-massivo entre os predicados verbais, aprofundando a proposta de Bach 1986. Como esta pesquisa está focada em elementos que são quantificadores do domínio verbal, ou seja, que estão envolvidos na quantidade do domínio verbal, é crucial a investigação a fundo das suas características de atomicidade e contabilidade. Para discutir a análise de Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b para o domínio verbal, será apresentado um pouco do trabalho da autora sobre a contabilidade e a distinção contável-massivo no domínio nominal (Rothstein 2007) cuja análise será retomada na proposta do domínio verbal.

Rothstein 2007 afirma que a distinção contável-massivo é um fenômeno gramatical, enquanto que a distinção entre discreto e homogêneo é uma diferença do mundo real, sendo que a primeira distinção não é um mero mapeamento da segunda. Para investigar um assunto já tão debatido na literatura lingüística, a autora retoma trabalhos

como o de Link 1983 e Chierchia 1998, trazendo à tona questões que ainda figuram o debate sobre o assunto.

Segundo Rothstein 2007, o approach de Link 1983 não é suficiente para explicar a gramática de contagem. Como foi visto na seção 5.1, Rothstein 2007 afirma que a teoria de Link 1983 leva à caracterização de predicados nominais massivos como homogêneos e cumulativos e os contáveis não homogêneos e não-cumulativos. Para a autora, essa assunção leva a alguns problemas. Há predicados massivos como *sal* e *arroz* que não são totalmente homogêneos, uma vez que, se os átomos de sal e arroz forem divididos, o que se terá como resultado não será mais sal e arroz. Por outro lado, há nomes contáveis, como *cerca* e *fio*, que são homogêneos, já que uma parte de uma cerca é também uma cerca e um pedaço de fio é um fio também.

Assim, a autora pontua que as propriedades de homogeneidade e cumulatividade não são suficientes para capturar a distinção contável-massivo no domínio nominal. Sua proposta é de que nomes massivos e contáveis têm sua denotação no mesmo domínio: o domínio atômico. Nesse sentido ela segue a proposta de Chierchia 1998 de que o domínio massivo, assim como o contável, inclui átomos, diferentemente da proposta de Link 1983, segundo a qual só os nomes contáveis possuem um domínio atômico. Diferentemente de Chierchia 1998, no entanto, Rothstein 2007 assume uma teoria de pluralidade que inclui os elementos singulares na denotação de plural. Essa proposta agrega ao mesmo tempo, portanto, a proposta de plural de Link 1983 e a de massivos de Chierchia 1998. Abaixo a denotação proposta:

(110)

- a. singular contável:  
 $\text{peça de mobília} \rightarrow \{\text{cadeira}_1, \text{cadeira}_2, \text{mesa}_1\}$
- b. plural contável:  
 $\text{peças de mobília} \rightarrow \{\text{cadeira}_1, \text{cadeira}_2, \text{mesa}_1, \text{cadeira}_1 \cup \text{cadeira}_2, \text{cadeira}_1 \cup \text{mesa}_1, \text{cadeira}_2 \cup \text{mesa}_1, \text{cadeira}_1 \cup \text{cadeira}_2 \cup \text{mesa}_1, \}$

c. massivo:

$$\text{móvel} \rightarrow \{ \text{cadeira}_1, \text{cadeira}_2, \text{mesa}_1, \text{cadeira}_1 \cup \text{cadeira}_2, \text{cadeira}_1 \cup \text{mesa}_1, \text{cadeira}_2 \cup \text{mesa}_1, \text{cadeira}_1 \cup \text{cadeira}_2 \cup \text{mesa}_1, \}$$

(exemplos em 9 de Rothstein 2007, p. 8, tradução nossa)

Segundo a proposta de Rothstein 2007, o domínio massivo não é nem um pouco mais homogêneo do que o contável. A diferença entre os dois domínios está, segundo essa análise, no fato de que os átomos dos nomes contáveis estão gramaticalmente acessíveis, enquanto que os dos massivos não. Assim, a distinção contável-massivo está relacionada nessa pesquisa mais ao modo como as expressões referem do que às coisas a que referem.

A contagem gramatical é uma operação que exige átomos semânticos, que são considerados como entidades que contam como ‘um’ segundo um critério de medida. Assim, para haver contagem, a autora propõe que haja uma operação na denotação raiz dos nomes que selecione o conjunto dos átomos que valham como ‘um’ – os M-ATOMs. Os M-ATOMs são os átomos explícitos do semi-reticulado booleano denotado por um nome contável. Abaixo as denotações propostas:

(111)

a. nomes raízes ( $N_{\text{root}}$ ): denotam conjuntos de elementos mínimos de  $N$

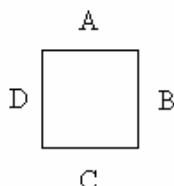
b. nomes massivos ( $N_{\text{mass}}$ ): são os nomes raízes ( $N_{\text{mass}} = N_{\text{root}}$ )

c. nomes contáveis ( $N_{\text{root}}$ ): são derivados da aplicação da operação semântica M-ATOM nos nomes raízes que deriva um conjunto de M-ATOMs de  $N$ . Os nomes contáveis denotam um subconjunto dos nomes raízes.

Os M-ATOMs de nomes contáveis como *menino* são independentes do contexto, uma vez que não há controvérsia naquilo que se pode chamar ‘um menino’. Já em casos como *cerca*, a entidade que conta como ‘um’ é totalmente dependente do contexto.

Vejamos um exemplo<sup>36</sup>. Suponhamos que quatro fazendeiros A, B, C e D construam uma cerca da seguinte forma:

(112)



Suponhamos que, num dia X, o fazendeiro A tenha feito sua cerca e, num dia Y, os fazendeiros B, C e D tenham feito as suas. Nesse caso, dependendo do critério usado, temos uma quantidade distinta de cercas. Se o critério que vale ‘uma cerca’ for ‘uma cerca construída por um fazendeiro’, temos quatro cercas nesse contexto. Se for ‘uma cerca construída para delimitar um espaço’, temos uma cerca. Se o critério for, ainda, ‘uma cerca construída numa ocasião/evento’, temos ainda uma outra quantidade, a saber, duas.

Para dar conta de casos como esse, a autora usa, na função de M-ATOM, uma função de medida de indivíduos MEAS que retorna pares ordenados em que o primeiro elemento é um número natural e o segundo uma unidade de medida.

(113)  $M\text{-ATOM}(N) = \lambda x.N(x) \ \& \ MEAS(x) = \langle 1, U \rangle.$

Se  $MEAS(x) = MEAS(y) = \langle 1, U \rangle$  e  $\neg x=y$ , então  $x \cap y = 0$ .

Em palavras, essa fórmula diz que a função M-ATOM aplicada a um predicado N retorna o conjunto dos elementos desse predicado que contam como uma unidade do tipo U dada pela função de medida MEAS. A segunda parte da fórmula garante que os átomos dados pela função M-ATOM não se sobreponham, ou seja, que as unidades que contam como ‘um’ não tenham partes em comum<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> Exemplo adaptado de Rothstein 2007.

<sup>37</sup> Se a função MEAS aplicada a  $x$  seleciona um indivíduo de unidade U e a mesma função MEAS aplicada a  $y$  também seleciona um indivíduo do tipo U, e  $x$  e  $y$  não são átomos iguais, então, a intersecção deles é nula. Logo, eles são átomos que não se sobrepõem.

As formações de nomes contáveis e massivos são dadas de formas diferentes. Nomes nus são raízes nominais. Os nomes massivos são equivalentes aos nomes nus e podem ser considerados plurais lexicais, enquanto que os nomes contáveis singulares são o resultado da aplicação da função M-ATOM sobre a raiz nominal. Há dois tipos de nomes contáveis: os que são naturalmente atômicos e, portanto, não homogêneos – exemplo em (114) - e os que são homogêneos e/ou cumulativos – exemplo em (115).

$$(114) \quad [[ \text{menino}_{\text{cont}} ] ] = \text{M-ATOM}([ [ \text{menino}_{\text{cont}} ] ]) = \lambda x. \text{menino}(x) \ \& \ \text{MEAS}(x) = \langle 1, U \rangle$$

$$(115) \quad [[ \text{cerca}_{\text{cont}} ] ] = \text{M-ATOM}([ [ \text{cerca}_{\text{cont}} ] ]) = \lambda x. \text{cerca}(x) \ \& \ \text{MEAS}(x) = \langle 1, U \rangle$$

Desse modo, nem todas as entidades que podem ser diretamente contadas são objetos naturalmente atômicos no mundo. Há nomes contáveis, como *cerca*, em que o que conta como um indivíduo é dependente do contexto. O plural gramatical, que é uma operação semântica sensível à atomicidade, denota, segundo essa proposta, o conjunto formado pela soma do conjunto de M-ATOMs. A contagem é uma operação nesse conjunto e não uma operação direta na raiz nominal.

A proposta de Rothstein 2007 para os nomes foi apresentada de forma resumida nesta seção. Essa apresentação será útil para o entendimento do tratamento que a autora oferece para a atomicidade e a contabilidade no domínio verbal.

### 7.1 A contagem no domínio verbal na proposta de Rothstein

Rothstein 2008a desenvolve uma discussão sobre a atomicidade verbal com vistas a dar uma explicação para a distinção entre verbos télicos e atélicos. Ela sugere que a telicidade é derivada da atomicidade, discutindo as classes propostas por Vendler 1957 – *accomplishments*, *achievements*, atividades e estados<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Optamos por não traduzir *accomplishments* e *achievements* por não encontrarmos na língua portuguesa duas palavras que pudessem facilmente retomar os leitores aos termos em inglês.

Vendler 1967, analisando o esquema do tempo dos verbos, descreve algumas regularidades desse esquema guiado pela idéia de que o uso dos verbos dá pistas do modo como eles estão envolvidos com o tempo. Assim, o autor apresenta a seguinte proposta:

Tabela 5: Classes vendlerianas e sua interação com o tempo

Classificação	Exemplos	Descrição <sup>39</sup>
Atividade	correr, empurrar um carrinho	<i>A was running at time t</i> ('A estava correndo no tempo $t$ ') significa que o instante de tempo $t$ está em um período de tempo em que A estava correndo do início ao fim.
<i>Accomplishment</i>	desenhar um círculo, correr uma milha	<i>A was drawing a circle at t</i> ('A estava desenhando um círculo em $t$ ') significa que $t$ está no período de tempo em que A desenhou o círculo.
<i>Achievement</i>	alcançar o topo, parar o avião	<i>A won a race between <math>t_1</math> to <math>t_2</math></i> ('A ganhou a corrida entre $t_1$ e $t_2$ ') significa que o instante de tempo em que A ganhou a corrida está entre $t_1$ e $t_2$ .
Estado	amar, saber	<i>A loved somebody from <math>t_1</math> to <math>t_2</math></i> ('A amou alguém entre $t_1$ e $t_2$ ') significa que em qualquer instante entre $t_1$ e $t_2$ A amou aquela pessoa.

Rothstein 2008a, para investigar mais a fundo as distinções propostas em Vendler 1967, retoma a distinção feita em Rothstein 2004 para essas quatro classes de verbos segundo dois traços básicos: (i) se eles são ou não inerentemente estendíveis temporalmente e, (ii) se envolvem evento de mudança. O traço de mudança é o que separa *accomplishments* e *achievements* de estados e atividades porque *achievements* e *accomplishments* são predicados que estão envolvidos em eventos de mudança. Os *achievements* expressam mudanças de duração mínima enquanto que *accomplishments* são mudanças que duram. Já o traço de duração separa por um lado as atividades e

<sup>39</sup> Decidimos colocar as frases em inglês na descrição porque Vendler 1967 faz uma proposta baseada nos dados do inglês. Não colocamos todo o percurso do autor para a chegar a essa classificação porque seus detalhes não nos interessam aqui. Para mais detalhes ver Vendler 1967.

*accomplishments* como eventualidades que são temporalmente estendíveis e, por outro, os estados e *achievements* que não são.

Tabela 6: Características de Rothstein 2004 das classes vendlerianas

Classes	Eventos mínimos são estendíveis	Evento de mudança
Estados	-	-
Atividades	+	-
<i>Achievements</i>	-	+
<i>Accomplishments</i>	+	+

Rothstein 2004 sugere a existência de uma operação de s-soma que deriva atividades maiores de eventos mínimos que não tem intervalo temporal entre eles<sup>40</sup>. Rothstein 2008a assume que essa operação pode ser aplicada não só a atividades mas a estados também, por causa de sua natureza elástica de propriedade que pode se estender. Os eventos de mudança não podem ser s-somados.

Dado esse panorama, um problema surge. As atividades possuem uma subclasse formada pelos verbos semelfactivos. Trata-se de verbos de atividade que denotam eventos mínimos que são naturalmente atômicos como *chutar*, enquanto que atividades como *andar* não têm átomos naturais, mas eventos mínimos determinados segundo algum critério. É possível ver aqui que a atomicidade natural explica porque algumas atividades têm uma contraparte semelfactiva como *chutar* e outras não.

Os semelfactivos formam uma classe de verbos que, como qualquer atividade, não envolvem mudança e podem ser s-somados. No entanto, são verbos télicos, o que demonstra que a propriedade de telicidade não pode ser explicada apenas pelos traços do quadro acima, mas tem origem em outro lugar. Rothstein 2008a argumenta que essa origem se encontra na atomicidade.

Para a autora, a distinção contável-massivo não corresponde à distinção télico-atélico como para Bach 1986. Segundo Rothstein 2004, diferentemente do domínio

<sup>40</sup> Definição formal de s-soma:

$\forall e, e' : P(e) \wedge P(e') \wedge R(e, e') : s\text{-soma}(e, e') \rightarrow P({}^s(e \cup e'))$

“Para quaisquer dois eventos  $e$  e  $e'$  na denotação de  $P$  que estejam numa relação  $R$ , a operação s-soma aplicada a  $e$  e  $e'$  retorna um evento singular formado pela soma de  $e$  e  $e'$  que também está na denotação de  $P$ .



nominal, no domínio verbal há apenas predicados contáveis, com a diferença de que em alguns casos o critério de atomicidade está dado pelo léxico e, em outros, disponível. A autora utiliza, para a investigação dos verbos, as mesmas propostas dadas para o domínio nominal. A distinção entre predicados verbais atômicos e não-atômicos é dada segundo a divisão entre predicados em que o U é especificado e aqueles em que não é, respectivamente<sup>41</sup>. Assim, é sugerida a seguinte expressão da denotação dos verbos:

$$(116) \quad V \rightarrow \lambda e. P(e) \wedge \text{MEAS}(e) = \langle 1, U \rangle$$

A proposta é a de que todos os verbos denotam conjuntos de M-ATOMs e não há diferença estrutural entre massivos e contáveis como há no domínio nominal.

Voltando às classes vendlerianas, a autora afirma que as propriedades propostas por Vendler 1967 são propriedades do verbo, enquanto que a telicidade é uma propriedade do VP e que as classes de Vendler 1957 ajudam a diferenciar VPs télicos e atélicos de modos diferentes.

Segundo a autora, predicados télicos são atômicos. Eles denotam um conjunto de átomos ou pluralidade de átomos, isto é, entidades que podem ser naturalmente contadas. No entanto, não só predicados atômicos podem ser contados. Segundo Rothstein 1999, 2004, nem todas as expressões que podem ser diretamente contadas contêm objetos inerentemente individuáveis. A atomicidade natural não é uma propriedade necessária para um predicado ser gramaticalmente contado, ou seja, um predicado contável. E nisso está sua contribuição, como ficará claro no decorrer deste trabalho.

O que são contados são construtos atômicos que nem sempre representam os indivíduos atômicos tal qual encontramos no mundo real. Algumas vezes, o que vale como uma unidade varia segundo o contexto. Um predicado é naturalmente atômico quando o que conta como uma unidade é parte de seu significado e não contextualmente dependente. A formalização apresentada para essa proposta (116) reúne o que a autora havia apresentado para a denotação dos nomes mais as afirmações acima para o domínio verbal.

Como foi dito, Rothstein 2004 considera que todos os verbos têm denotação inerentemente contável. Para ela, o suporte gramatical para essa afirmação vem do fato de

---

<sup>41</sup> A mesma divisão proposta para nomes como *menino* e *cerca*.

que, aparentemente, não existem classificadores no domínio verbal. O que mostra que o conjunto de indivíduos da denotação de todos os verbos deve estar acessível. Isso não quer dizer que todos os predicados são necessariamente atômicos. Para a autora ser contável não quer dizer ser necessariamente atômico.

A diferença encontrada no domínio verbal não é, então, entre predicados contáveis e massivos, mas entre verbos que tem o valor de U construído com base nas informações lexicais dos predicados e outros cujo valor de U é construído contextualmente. Os primeiros representam os predicados télicos e os segundos os atélicos.

As informações lexicais que foram dadas por Vendler 1967 são importantes porque exercem influência no modo como a unidade de medida é construída. Se um verbo é naturalmente atômico, como os semelfactivos e os *achievements*, a unidade de medida U é dada pelo conteúdo do verbo. Se o verbo for um *accomplishment*, o valor de U é calculado com base na denotação do verbo e do tema<sup>42</sup>. Se for uma atividade, o valor de U é calculado com base na interação do significado do verbo com expressões modificadoras<sup>43</sup>. A autora ignora os estados por serem muito complicados para se discutir no escopo do artigo (Rothstein 2008a).

No entanto, há um trabalho seu de 1999 que trata de construções copulares que traz boas intuições sobre o assunto que podem ser aproximadas para a sua teoria da contabilidade do domínio verbal.

Rothstein 1999 afirma que a distinção entre massivo e contável no domínio dos eventos é expressa pela distinção entre adjetivos e verbos. Nesse trabalho, ela investiga a diferença entre estados não localizáveis no tempo denotados por sintagmas adjetivais e eventualidades localizáveis no axioma temporal denotados por sintagmas verbais.

O significado em inglês do verbo *be* ‘ser’ em sintagmas verbais do tipo *be*+sintagma adjetival é uma função de mapeamento de estados não localizados no tempo denotados pelo sintagma adjetival (AP) num conjunto de eventualidades localizadas no tempo denotadas pelo VP. O objetivo de Rothstein 1999 é investigar quais são esses

---

<sup>42</sup> Isso ocorre porque a natureza do objeto de certos verbos pode construir VPs *accomplishments* ou VPs atividades. Um verbo como *comer*, por exemplo, se tem um objeto cumulativo como *maçãs*, denota um VP atividade (*comer maçãs*), se tem um objeto quantizado como *uma maçã* forma um VP *accomplishment* (*comer uma maçã*).

<sup>43</sup> Isso porque o valor de U pode preenchido por predicados como *5 km* ou *até a padaria* em sentenças como *O João correu 5 km* ou *O João andou até a padaria*.

estados e eventualidades e qual é essa função de mapeamento. A proposta para essas perguntas não será apresentada em detalhes porque o que é interessante para os propósitos deste trabalho é o que a autora diz sobre a contabilidade no domínio eventivo.

Segundo a autora, há uma diferença básica nos tipos de entidades que verbos e adjetivos denotam. Assim as entidades denotadas pelo AP e pelo VP formado por *be+AP* são diferentes. O domínio das eventualidades possui uma divisão semelhante à divisão entre nomes contáveis e massivos. Os sintagmas verbais possuem um argumento evento nos termos de Davidson 1967 e denotam propriedades de eventualidades que são atômicas e do tipo contável. Rothstein 1999, assim como em seus outros trabalhos supracitados, discorda da afirmação de Bach 1986 de que só os *accomplishments* e *achievements* são contáveis. Para ela, o domínio dos eventos contáveis inclui os processos e os estativos como *saber* e *amar*, assim como aqueles eventos télicos mais óbvios.

Os exemplos com contagem de processos representam, para Bach 1986, um processo de empacotamento de coisa (*packing stuff*). Para Rothstein 1999, a contagem de processos é uma operação lingüística não marcada e bastante freqüente nas línguas. Ela apresenta exemplos que mostram que os predicados atélicos podem ser facilmente contados, o que demonstra que eles são predicados contáveis e não massivos:

- (117) Truus has already walked several times since the operation on her hip.  
 Truus tem já andado muitas vezes desde a operação em seu quadril  
 ‘Truus já andou três vezes desde a operação em seu quadril’
- (118) We have danced many times since then.  
 nós temos dançado muitas vezes desde então  
 ‘Nós dançamos muitas vezes desde então’
- (119) Jane has been building a house three times since I met her.  
 Jane tem estado construindo uma casa três vezes desde eu conheci ela  
 ‘Jane construiu uma casa três vezes desde que eu a conheci’

(exemplos 98 de Rothstein 1999, p. 387)

Desse modo, apresentamos a proposta geral de Rothstein com os trabalhos 1999, 2004, 2008a, 2008b de que todo o domínio verbal é contável. Para a autora, todos os verbos – sejam eles *accomplishments*, *achievements*, atividades ou estados – são classificados como contáveis. O domínio das eventualidades apresenta, segundo essa análise, uma contraparte massiva nos sintagmas adjetivais que denotam propriedades sem localização no tempo e no espaço. Assim, pode-se dizer que todos os verbos possuem denotações contáveis, mas o domínio das eventualidades está dividido em eventualidades contáveis e eventualidades massivas.

## 8 Revendo Iteratividade, Frequência e Grau

Esta seção pretende aproximar as questões de contabilidade verbal de Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b às operações de iteratividade, frequência e grau conforme foram definidas por De Swart 1993 e Doetjes 2007 e apresentadas na seção 6 deste capítulo. Essas considerações serão importantes para o tratamento que será dado aos advérbios do Karitiana que será apresentado no próximo capítulo.

As discussões em Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b trouxeram questões interessantes para a semântica da atomicidade e da contabilidade, sobretudo no que tange ao domínio verbal. A autora apresenta a tese de que os átomos não são naturalmente indivisíveis, mas unidades individuáveis sobre as quais as estruturas de contagem podem ser construídas.

O interessante dessa proposta é que a autora mostra um modo formal de se atomizar os eventos, para que possam, assim, ser contados. À primeira vista, as noções de pluralidade e de contagem parecem ser mais fáceis de ser associadas aos indivíduos denotados pelos nomes comuns do que aos eventos denotados pelo verbo, uma vez que os átomos dos indivíduos parecem mais acessíveis ou mais reais, já que ninguém discute o que conta como *um menino* ou *três cadeiras*. Os eventos, no entanto, levam, às vezes, à idéia de que é difícil dizer o que conta como um evento de correr. Mas, aproximando essa questão da proposta dos nomes como *cerca* e *fio*, por exemplo, discutida anteriormente, vê-se que não é esse o caso. Nomes como esses são homogêneos no mesmo sentido que um predicado verbal como *correr*.

Com a proposta de Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b é possível desfazer essa dificuldade que pode surgir com a contabilidade verbal, manipulando os átomos dos eventos do mesmo modo que manipulamos os átomos das entidades. Os verbos são tratados do mesmo modo que os nomes contáveis, que se distinguem entre aqueles que têm átomos fornecidos pelo léxico como *menino* e aqueles que têm átomos dados via contexto como *cerca*. No domínio verbal, as eventualidades que têm átomos dados pelo léxico são as dos verbos télicos (*accomplishments* e *achievements*) e aquelas cujos átomos são definidos pelo contexto são dos verbos atélicos (atividades e estados).

A noção discutida pela autora que é crucial para este trabalho é o fato de que um predicado não precisa ser atômico para ser contável, embora é preciso haver átomos para que haja contagem. Essa distinção apareceu quando do tratamento do domínio verbal no qual a autora propõe que todos os verbos são contáveis. Desse modo, espera-se ser possível contar e pluralizar predicados verbais de todo tipo. A hipótese nula é de que qualquer tipo de predicado verbal possa ser pluralizado e contado. O próximo capítulo mostrará dados do Karitiana que apóiam essa suposição.

Como foi visto neste capítulo, para Doetjes 2007, as operações de frequência e grau dos advérbios estão intimamente ligadas à distinção contável-massivo dos verbos a que se aplicam, seguindo a distinção proposta por Bach 1986. Aproximaremos aqui a proposta de Doetjes 2007 às assunções sobre a contabilidade verbal em Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b. Para Doetjes 2007 advérbios de frequência apresentam sempre leitura de múltiplos eventos, independentemente da natureza contável-massivo do predicado ao qual se aplica. Para a autora, a leitura de múltiplos eventos nesses casos não está associada a características dos predicados, mas a um componente do advérbio de frequência correspondente a ocorrências (*times* do inglês).

Já os advérbios de grau como *beaucoup* quando estão associados a predicados verbais contáveis apresentam leitura iterativa e quando aparecem com predicados massivos podem especificar um grau. Segundo a autora, nesse caso a iteratividade tem origem na propriedade de contabilidade do verbo. Assim, ela dá um tratamento diverso para a multiplicação de eventos com quantificadores de grau e de frequência. Vamos propor, nesta seção, um tratamento uniforme para essas leituras utilizando a proposta de contabilidade verbal de Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b.

Se assumirmos com a autora que todos os verbos são contáveis, espera-se que a operação de multiplicação de eventos seja sempre uma possibilidade no domínio verbal, sem restrições. Assim não é preciso assumir com Doetjes 2007 que advérbios de frequência, como *souvent*, têm um componente de ocorrências de que se origina a multiplicação de eventos, uma vez que todos os predicados verbais estão disponíveis para pluralização.

Já no caso de advérbios de grau como *beaucoup*, a autora diz que eles podem especificar um grau quando aparecem com sintagmas verbais massivos. O que acontece é que, em sentenças como a (120) abaixo, a leitura de grau é uma possibilidade, mas a sentença também pode indicar uma leitura de múltiplos eventos de chover. Isso configura um problema para a proposta da autora porque ela diz que em sentenças com *beaucoup* a pluralidade de eventos tem origem na natureza contável do predicado verbal e ela assume com Bach 1986 que *plu* ‘chover’ é um predicado massivo.

- (120) Il a plu beaucoup.  
 ele tem chovido muito  
 ‘Choveu muito’

(Exemplo 2 de Doetjes 2007, p. 2)

Doetjes 2007 assume que, em casos como esse, quando há a leitura de muitos eventos, o predicado verbal sofre uma mudança de massivo para contável. Desse modo, ela mantém a assunção de que a iteratividade em sentenças com modificadores de grau vem da natureza contável do verbo.

Se assumirmos com Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b que todos os predicados verbais são contáveis e levarmos em conta que a multiplicação de eventos nesse domínio é sempre uma possibilidade, não encontramos problemas em explicar sentenças como (120) com leitura múltiplos eventos. A iteratividade nesse contexto tem a origem na possibilidade de pluralidade dada pelo predicado contável. Podemos considerar que a possibilidade de especificação de um grau é um componente especial de *beaucoup* que não é encontrado em *souvent*. Assim, ficamos com uma proposta mais econômica que a de Doetjes 2007 que considera que os dois advérbios têm operações completamente diferentes.

Consideramos que os operadores de frequência e grau têm em comum a possibilidade de multiplicação de eventos – característica que compartilham com os advérbios iterativos como *três vezes*. Vamos assumir que essa possibilidade é disponível pela natureza contável do predicado, seguindo, nesse sentido, parte da proposta de Doetjes 2007 para *beaucoup*. O que os advérbios de grau possuem de diferente dos advérbios de frequência e dos iterativos é, como vimos, essa possibilidade de especificar um grau. Seguindo a sugestão de Doetjes 2007, podemos dizer que eles indicam uma quantidade que pode ser discreta ou contínua.

Uma questão que surge se assumirmos as hipóteses apresentadas até agora é: por que só é possível a especificação de um grau por um advérbio como *beaucoup* quando a sentença têm verbos considerados massivos por Bach 1986 e Doetjes 2007? Se estamos considerando o grau como um componente especial dos advérbios como *beaucoup* e todos os verbos como contáveis, perdemos essa distinção importante. No entanto, podemos retomar aqui as noções de atomicidade dos eventos apresentadas em Rothstein 2008a. Os predicados considerados massivos por Bach 1986 e Doetjes 2007 são os predicados atélicos, que são apresentados em Rothstein 2008a como predicados cujos átomos não são fornecidos pelo léxico, mas pelo contexto. Isso quer dizer que seus átomos têm mais possibilidades de quantificação do que os átomos dos verbos télicos, cujas unidades o contexto não pode mudar, porque possuem átomos não-especificados. Sendo assim, os predicados atélicos podem sofrer operações que mexem na extensão dos seus átomos. Podemos considerar que o grau é uma dessas operações uma vez que eles podem especificar quantidades globais. Como no caso da sentença que vimos mais acima com ‘chover’ em que é possível a leitura de grau, contínua, em que houve uma grande quantidade de chuva e uma leitura iterativa em que choveu muitas vezes. Na primeira leitura, consideramos que o advérbio de grau está operando sobre átomo eventivo de ‘chover’ atribuindo-lhe uma quantidade maior do o normal. Já na segunda leitura, o advérbio está quantificando sobre a quantidade de átomos atribuindo a ao conjunto desses átomos uma cardinalidade maior que o normal. Abaixo um quadro comparativo da nossa proposta em comparação à proposta de Doetjes 2007.

Advérbios de Frequência			
Doetjes 2007		Nossa proposta	
<i>Souvent</i> + predicado contável ou massivo = leitura iterativa	Iteratividade com origem em um componente especial de <i>souvent</i> .	<i>Souvent</i> + predicado verbal = leitura iterativa	Iteratividade com origem na natureza contável do predicado.

Advérbios de Grau					
Doetjes 2007			Nossa proposta		
<i>Beaucoup</i> + predicado contável = leitura iterativa	Iteratividade com origem na natureza contável do predicado		<i>Beaucoup</i> + predicado télico = leitura iterativa	Iteratividade com origem na natureza contável do predicado.	
	a)	Grau com origem na natureza massiva do predicado.		a)	Grau com origem na não especificação dos átomos do predicado.
<i>Beaucoup</i> + predicado massivo =	b)	Mudança do verbo de massivo para contável. Iteratividade com origem na natureza contável do predicado.	<i>Beaucoup</i> + predicado atélico =	b)	Iteratividade com origem na natureza contável do predicado.

No que diz respeito aos advérbios de frequência, a única diferença sugerida neste trabalho está em considerar que a iteratividade tem origem na natureza contável do



predicado, sem a necessidade de atribuição de um componente especial a esse tipo de advérbio. Já quanto aos advérbios de grau, conseguimos oferecer um tratamento para as leituras iterativas semelhante ao tratamento que demos à iteratividade com advérbios de frequência e atribuímos a propriedade de especificação de um grau desses advérbios a um componente exclusivo que possuem. Assim, o advérbio que tem uma operação diferente e peculiar é o de grau e não o de frequência. Essa proposta encontra apoio nas possibilidades de leituras encontradas com os advérbios de grau e de frequência. Os dois tipos de advérbios possuem leituras semelhantes (as iterativas), mas os advérbios de grau fornecem um tipo de leitura a mais (a de grau), graças a esse componente que possui e que não compartilha com os quantificadores de frequência.

Dada a nossa proposta para a distinção das operações de frequência e grau, será discutida agora a propriedade dos advérbios de frequência de possuírem leituras relacionais e não-relacionais segundo De Swart 1993 e conforme foi apresentada na seção 6. As sentenças abaixo foram as usadas para demonstrar essas leituras.

(121)

- a. Jeanne se plaint souvent            quand elle remplit sa déclaration  
 Jeanne se queixa frequentemente quando ela preenche sua declaração

d'impôts.

de.impostos

'Jeanne se queixa frequentemente quando preenche sua declaração de impostos'

- b. Jeanne se plaint souvent.  
 Jeanne se queixa frequentemente  
 'Jeanne se queixa frequentemente'

(exemplos 8a e 8b de De Swart 1993, p. 266)

A sentença (121a) possui apenas a leitura relacional, em que há dois conjuntos relacionados: o conjunto de eventualidades em que Jeanne calcula seus impostos e o conjunto em que ela reclama. Já a sentença (121b) possui duas leituras, uma relacional e

uma de pura freqüência. Na leitura relacional, estão relacionados o conjunto de eventualidades em que Jeanne se queixa e um conjunto de restrição que é dado via contexto. Se no contexto estiver claro que se trata da Jeanne calculando seus impostos, esse conjunto será o mesmo da oração (121a) e as duas sentenças terão o mesmo significado. Se o contexto estiver falando do modo como Jeanne reage ao pegar uma fila, o conjunto restritivo será formado pelos eventos de Jeanne pegar fila, e assim por diante. Na leitura de pura freqüência, no entanto, não há conjuntos relacionados, segundo essa proposta. A sentença diz respeito ao universo do discurso, ou seja, significa que a Jeanne reclama com freqüência no geral, em todas as situações.

A motivação de De Swart 1993 em separar essas duas leituras está no fato de que elas realmente possuem significados diferentes. Da sentença (121a) não se segue a segunda leitura de (121b). Ou seja, se Jeanne se queixa quando calcula seus impostos, ela não necessariamente se queixa freqüentemente em relação ao universo do discurso. Pode acontecer de ela se queixar com freqüência só nessa situação e em nenhuma outra ou só nessa e em algumas outras, mas no geral ela não é uma pessoa que reclama freqüentemente.

Vamos propor uma simplificação para essas leituras porque entendemos que na leitura de pura freqüência é preciso haver um conjunto restritivo no universo do discurso, uma vez que é amplo demais um quantificador operar sobre todas as situações possíveis. Assim, podemos considerar a leitura de pura freqüência como igual à leitura relacional de sentenças em que o conjunto restrição não está explícito. A diferença é que o seu conjunto de restrição é um conjunto de eventualidades em que seria adequado Jeanne reclamar e não um conjunto definido via contexto. Assim, esse conjunto não possui todas as situações possíveis disponíveis pelo universo do discurso, mas somente aquelas em que a Jeanne existe e tem capacidade e oportunidade de reclamar.

Seguindo nossa proposta de que esta segunda leitura é relacional, não enfrentamos problemas quanto à argumentação de De Swart 1993 de que da sentença (121a) não se segue a segunda leitura (não-relacional) de (121b)<sup>44</sup>. O que acontece é que o conjunto restrição aqui é diferente e não necessariamente coincide com o conjunto das eventualidades em que Jeanne calcula seus impostos. Se na primeira leitura proposta pela

---

<sup>44</sup> Esse é o argumento que a autora utiliza para defender que o advérbio faz operações diferentes nesses dois exemplos.

autora de (121b) o conjunto restrição dado pelo contexto fosse diferente do conjunto das eventualidades em que Jeanne calcula seus impostos, de (121a) também não se seguiria (121b).

Fizemos nesta seção uma discussão crítica das operações de iteratividade, frequência e grau levando em conta as propostas de De Swart 1993, Doetjes 2007 e Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b. Aproximamos essas teorias a fim de dar um tratamento mais simples para as operações em questão que serão retomados no próximo capítulo de análise.

O panorama teórico apresentado neste capítulo será muito importante porque ajudará a compreender melhor as estruturas de contagem e quantificação no Karitiana. É preciso ter em mente a discussão que foi feita nesta seção que mostrou que, por mais que um predicado verbal pareça, à primeira vista, massivo e homogêneo, não é previsto que haja problemas para contá-los em unidades atômicas. Essas características serão retomadas mais abaixo com dados do português e do Karitiana.

## CAPÍTULO 2

### ANÁLISE

#### 1 Quantificação-A X quantificação-D em Karitiana

Nesta seção, serão apresentadas algumas das formas possíveis pelas quais a língua Karitiana expressa quantificação. Fazer isso é importante para a análise de *kandat*, *ahop* e *pitat* porque assim é possível situar esses elementos no panorama geral da quantificação na língua. Será utilizado o texto de Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006 cujos autores se debruçaram sobre os sintagmas nominais (SNs) dessa língua investigando a possibilidade de ocorrência de argumentos sem a presença de material funcional e mostrando as características particulares que esses SNs apresentam. A hipótese que levanto a partir dessas características é a de que essa é uma língua que apresenta apenas quantificação do tipo adverbial.

Segundo os autores “Os sintagmas nominais em Karitiana ocorrem nus como argumento, sem presença aparente de material funcional como artigos, quantificadores, classificadores ou marcação morfológica de número” (Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006, p.186). Os diferentes contextos nos quais a sentença (122) é apropriada, por exemplo, demonstram que a expressão nominal *gooj* é totalmente indeterminada quanto à definitude e ao número. A denotação neutra dos nomes comuns da língua, tanto contáveis quanto massivos, conduz os autores a proporem que todos eles têm denotação cumulativa.

- (122) Maria nakam’at gooj.  
 Maria Ø-naka-m-’a-t gooj  
 Maria 3-DECL-CAUS-fazer-NFUT canoa  
 ‘Maria construiu o(s)/um(s)/algum(s) barco(s)’

(exemplo 1 de Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006, pág. 187)

Segundo os autores, do ponto de vista tipológico, o Karitana está mais próximo de línguas como o chinês que apresentam ocorrência livre de nominais nus como argumentos e ausência de flexão nominal (cf. Chierchia 1998). No entanto, essas línguas possuem classificadores, enquanto que o Karitiana não. Esse fato pode ser visto no dado abaixo, em que um numeral aparece sem classificador. Em línguas com sistema de classificação, esse é um ambiente em que deveria ocorrer um classificador.

- (123) Yn naka'yt                                  sypomp    pikom.  
 yn Ø-naka-'y-t                                sypom-t    pikom  
 eu 3-DECL-comer-NFUT    dois-OBL    macaco  
 'Eu comi dois macacos'  
 'Eu comi macaco duas vezes'

(exemplo 4 de Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006, pág. 188)

Os autores mostram que, como a língua não possui quantificadores nos NPs, a noção de quantificação universal não é expressa por um quantificador e um domínio da quantificação nominal. Em Karitiana, ela é expressa por uma oração relativa, como exemplificado pela sentença (124).

- (124) Taakatyym                                naponpon                                João    sojxaaty    kyynt.  
 ta-aka-tyym                                Ø-na-pon-pon-Ø                                João    sojxaaty    kyynt  
 3ANAF-ser-SUB                                DECL-atirar-DUPL-NFUT    João    queixada    em  
 'João atirou em toda as queixadas'

Literalmente: 'João atirou em queixada que ser'

(exemplo 25 de Müller, Storto e Coutinho-Silva 2006, pág. 194)

Dadas as seguintes características apontadas pelos autores apresentadas acima: (i) ausência da marca singular/plural nos nomes, que possuem interpretação neutra para número (cumulativa), (ii) ausência de classificadores e (iii) ausência de quantificadores nominais; levantamos a hipótese de que a quantificação-D é inexistente em Karitiana e que

essa é uma língua em que existe apenas quantificação de tipo adverbial. Essa hipótese será reforçada mais abaixo quando da análise dos advérbios quantificacionais.

## 2 A distribuição morfossintática de *kandat*, *ahop*, e *pitat*

Nesta seção, analisamos o estatuto morfossintático dos elementos *kandat*, *ahop*, e *pitat*. Partindo da argumentação que levantamos na seção anterior e da que vamos apresentar com os dados nesta seção, vamos propor que eles são quantificadores adverbiais. Essa análise mostra que *kandat* se comporta sintaticamente como os outros advérbios modificadores do Karitiana, enquanto que *ahop* e *pitat* formam um composto com o verbo. Será tratado em detalhe cada um desses elementos a fim de mostrar sua distribuição na língua.

### 2.1 *Kandat*

Nesta seção investigaremos qual é a sintaxe de *kandat* observando a sua distribuição nos dados da língua. São apresentados argumentos que mostram que esse elemento é um advérbio. Será visto que ele não é um quantificador flutuante nos termos de Sportiche 1988, mas se comporta sintaticamente do mesmo modo que os outros advérbios da língua.

Para Everett 2006, *kandat* é um numeral cardinal que modifica um nome. No entanto, o autor não oferece nenhum exemplo com esse elemento. O autor diz que ele pode ser traduzido pelo *many* ‘muitos/muitas’ do inglês. A seção anterior mostrou alguns argumentos a favor de que o Karitiana é uma língua em que existe apenas quantificação do tipo adverbial. Os dados com *kandat* que serão apresentados corroboram essa análise e vão contra a proposta de Everett 2006 de que esse elemento seria um modificador nominal.

O dado problema apresentado no início deste trabalho, repetido aqui em (125), ilustra o fato de que essa sentença é verdadeira em vários contextos. Nessas interpretações, a noção de muito aparece ora associada aos argumentos do verbo, ora aos eventos denotados por ele.

- (125) *ʃonso nakaot kandat ese.*  
*ʃonso Ø-naka-ot-Ø kandat ese*  
 mulher 3-DECL-pegar-NFUT muito água  
 ‘Muitas mulheres pegaram água’  
 ‘A mulher pegou muita água’  
 ‘As mulheres pegaram muita água’  
 ‘Uma mulher pegou muita água’  
 ‘Umhas mulheres pegaram muita água’  
 ‘A mulher pegou água muitas vezes’  
 ‘As mulheres pegaram água muitas vezes’  
 ‘Uma mulher pegou água muitas vezes’  
 ‘Umhas mulheres pegaram água muitas vezes’

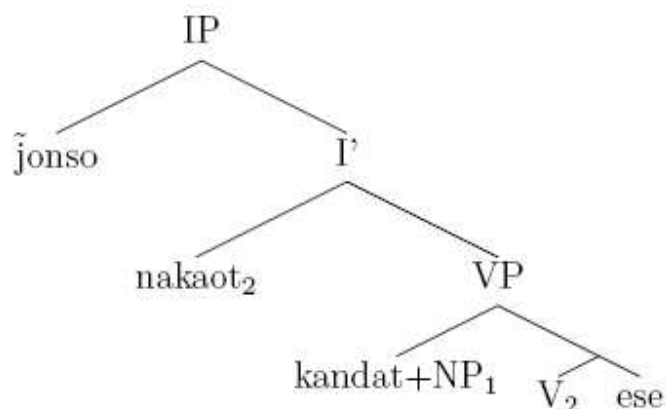
Levando em conta a posição de *kandat* na sentença e a possibilidade de quantificação do sujeito, surgem duas possibilidades de análise: (i) *kandat* é um advérbio, ou (ii) *kandat* é um quantificador flutuante que quantifica sobre entidades nominais, mesmo não aparecendo adjacente a elas na estrutura superficial da sentença.

Se considerarmos o fato de o dado acima poder ser verdadeiro na situação ‘Muitas mulheres pegaram água’, é possível pensar que *kandat* é um quantificador como o *tous* do francês que flutua à direita do constituinte sintático que quantifica conforme o trabalho de Sportiche 1988 apresentado no capítulo anterior. O NP *ʃonso* sairia da posição em que foi gerado dentro do VP ao lado do quantificador e iria para a posição de especificador de IP<sup>45</sup>. A estrutura nesse caso seria:

---

<sup>45</sup> Nesse caso, estamos considerando, como proposto por Sportiche 1988, que o verbo vai pra posição de *Infl*.

(126)



O problema é que nessa sentença, *kandat* também pode aparecer na última posição com as mesmas possibilidades de leituras:

- (127) jonso nakaot                    ese kandat.  
 jonso Ø-naka-ot-Ø                ese kandat  
 mulher 3-DECL-pegar-NFUT água muito  
 ‘Muitas mulheres pegaram água’  
 ‘A mulher pegou muita água’  
 ‘As mulheres pegaram muita água’  
 ‘Uma mulher pegou muita água’  
 ‘Umas mulheres pegaram muita água’  
 ‘A mulher pegou água muitas vezes’  
 ‘As mulheres pegaram água muitas vezes’  
 ‘Uma mulher pegou água muitas vezes’  
 ‘Umas mulheres pegaram água muitas vezes’

Essa sentença não é passível de ser analisada apropriadamente pela teoria de quantificadores flutuantes de Sportiche 1988 porque, como foi visto, segundo a sua proposta o quantificador flutua entre a posição de *Infl* e o VP. Nesse caso em que *kandat* aparece na última posição da sentença, ele está sintaticamente depois do VP.



Além disso, também são encontrados dados que mostram que se *kandat* fosse um quantificador flutuante, ele poderia flutuar à esquerda do constituinte nominal que quantifica. Isso é o que mostra o seguinte dado cuja sentença é verdadeira também na seguinte situação: ‘Os homens atiraram em muitas queixadas’:

- (128)   Kandat taso            naponpon                           sojxaaty           kyynt.  
           kandat taso            Ø-na-pon-pon-Ø                   sojxaaty           kyynt  
           muito homem        3-DECL-atirar-DUPL-NFUT       queixada        em  
           ‘Os homens atiraram em queixadas muitas vezes’

Sportiche 1988 diz que também é possível haver flutuação de quantificadores à esquerda<sup>46</sup>. No exemplo abaixo, *tous* pode aparecer em todas as posições indicadas por ^:

- (129) a.   Jean        aurait aimé oser rencontrer   tous les enfants.  
           Jean        teria amado ostar encontrar   todas as crianças  
           ‘Jean teria gostado de ostar encontrar todas as crianças’  
       b.       Jean aurait ^ aimé ^ oser ^ les rencontrer ^.

(exemplos 12 de Sportiche 1988, p. 433)

No entanto, o autor argumenta que o movimento do Q flutuante à esquerda tem propriedades sintáticas diferentes do que flutua à direita. O movimento do *tous* à esquerda só pode ocorrer se o NP sobre o qual quantifica estiver vazio ou for um clítico pronominal.

As flutuações de quantificadores em lados diferentes costumam ocorrer, segundo Sportiche 1988, com elementos diferentes. Por exemplo, *chacun* do francês flutua à direita, mas não à esquerda e o *tout* flutua à esquerda:

<sup>46</sup> Essas construções envolvem movimento do Q à esquerda (*Left Q-Movement*) que foi estudado por Kayne 1975, 1983 *apud* Sportiche 1988 e Quicoli 1976 e Pollock 1978 *apud* Sportiche 1988.

- (130) Ces enfants ont chacun lu un livre différent<sup>47</sup>.  
estas crianças tem cada lido um livro diferente  
‘Cada uma destas crianças leu um livro diferente’

(exemplo 1a de Doetjes 1997, p. 201)

- (131) Il a tout mangé.  
ele tem tudo comido  
‘Ele comeu tudo’

(exemplo de Sportiche 1988, p. 434)

A flutuação à esquerda é mais restrita do que à direita em línguas românicas e indo-europeias e deve ser entendida como um movimento de todo o NP que contém o *Q*. Sportiche 1988 não entra em detalhes na análise da flutuação à esquerda, mas pode-se notar no exemplo (131) acima que a flutuação à esquerda ocorre com um movimento do NP contendo o *Q* porque, nesse caso, o *tout* se moveu, mas não ficou nenhum NP na posição de objeto.

No exemplo do Karitiana repetido aqui, não é isso que ocorre. Se *kandat* quantificasse o objeto e estivesse flutuando à esquerda, a posição de objeto deveria estar vazia. Desse modo, foram apresentados alguns argumentos de que *kandat* não se encaixa na caracterização de quantificadores flutuantes (nos moldes de Sportiche 1988).

- (132) *Kandat taso naponpon sojxaaty kyynt.*  
*kandat taso Ø-na-pon-pon-Ø sojxaaty kyynt*  
muito homem 3-DECL-atirar-DUPL-NFUT queixada em  
‘Os homens atiraram em queixadas muitas vezes’

Além disso, do ponto de vista semântico, observando os dados de Sportiche 1988, nota-se que os quantificadores que flutuam são quantificadores de DPs fortes nos moldes de Milsark 1974, que defende que há uma diferença entre DPs fortes e fracos. Do ponto de

<sup>47</sup> Sportiche 1988 não apresenta nenhum dado com *chacun*. Este dado foi retirado de Doetjes 1997.

vista sintático, DPs fracos podem figurar numa estrutura existencial como em (133) abaixo, enquanto que os DPs fortes não (134).

- (133) Tem um aluno na sala.  
 Tem algum aluno na sala.  
 Tem muito aluno na sala.  
 Tem pouco aluno na sala.

- (134) \* Tem todo aluno na sala.  
 \* Tem cada aluno na sala.

O dado (133) acima mostra que, em português, *muito*+NP forma um DP fraco. O exemplo do Karitiana abaixo mostra que, se *kandat*+NP formasse um DP, ele seria um DP fraco:

- (135) *Kandat naka'agit goojopip taso.*  
*kandat naka-'agi-t goo<o>-pip taso*  
 muito DECL-existir.PL-NFUT barco-POS homem  
 'Tem homens no barco em muito'

Além disso, DPs fracos e fortes diferem semanticamente porque DPs fortes introduzem uma pressuposição de existência das entidades às quais se aplicam enquanto que os fracos são ambíguos entre uma leitura pressuposicional e uma não-pressuposicional. A sentença (136) abaixo, em que ocorre o DP forte 'todo unicórnio', pressupõe a existência de unicórnios porque, mesmo que a sentença seja negada, o acarretamento de que existe unicórnio se mantém. Já no exemplo (137), em que há o DP fraco 'muitos unicórnios', não há a pressuposição de existência de unicórnio porque o acarretamento não se mantém sob negação.

- (136) a. Todo unicórnio tem chifre.  
Acarreta: Existe unicórnio.

- b. Não é verdade que todo unicórnio tem chifre.  
Acarreta: Existe unicórnio.
- (137) a. Muitos unicórnios têm chifre.  
Acarreta: Existe unicórnio.
- b. Não é verdade que muitos unicórnios têm chifre.  
Não acarreta: Existe unicórnio.

O dados mostram que *muito* é, portanto, um quantificador fraco, enquanto que *todo* e *cada* são quantificadores fortes. Nos dados de Sportiche 1988 encontram-se somente quantificadores fortes fluando, e, como foi visto, *muito* do português e *kandat* do Karitiana têm comportamento de quantificador fraco.

Vimos, portanto, argumentos de que *kandat* não é um quantificador fluante nos termos de Sportiche 1988. Vamos argumentar agora que ele é um advérbio. Os dados do nosso *corpus* mostram que *kandat* ocupa as mesmas posições que ocupam outros advérbios da língua analisados em Storto 1999.

Segundo a autora, em Karitiana, o verbo se move para a segunda posição da sentença em sentenças matriz. Quando o verbo se move, ele é alçado para uma posição alta o suficiente para deixar 3 projeções máximas disponíveis para a adjunção (CP, IP e VP). Em sentenças SVO, encontram-se três possibilidades para a adjunção de advérbios e uma posição agramatical: (i) AdvSVO (com o advérbio adjungido à esquerda de CP), (ii) SVAdvO (com o advérbio à esquerda de IP ou VP), (iii) SVOAdv (com o advérbio adjungido à direita de CP), e (iv) \*SAdvVO – representadas pelos exemplos (138), (139), (140) e (141) respectivamente.

- (138) Mynda                    taso    nampotporaj                    ese.  
 mynda                    taso    na-m-potpora-j                ese  
 vagorosamente        taso    DECL-CAUS-ferver-FUT        água

‘O homem ferveu a água vagorosamente’

(exemplo 58 de Storto 1999a, p. 138)

- (139) Taso nampotporaj                    mynda                    ese.  
 taso na-m-potpora-j                    mynda                    ese  
 taso DECL-CAUS-ferver-FUT        Vagorosamente        água

‘O homem ferveu a água vagorosamente’

(exemplo 60 de Storto 1999a, p. 139)

- (140) Taso nampotporaj                    ese    mynda.  
 taso na-m-potpora-j                    ese    mynda  
 taso DECL-CAUS-ferver-FUT        água    Vagorosamente

‘O homem ferveu a água vagorosamente’

(exemplo 61 de Storto 1999a, p. 139)

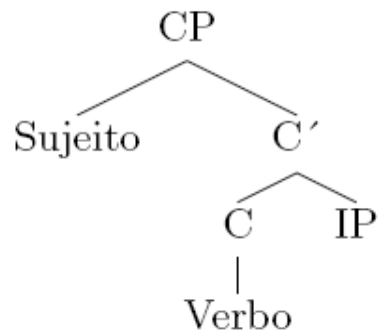
- (141) \*Taso                    mynda                    nampotporaj                    ese.  
 taso                    mynda                    na-m-potporaj-∅                ese  
 taso                    vagorosamente        DECL-CAUS-ferver-FUT        água

‘O homem ferveu a água vagorosamente’

(exemplo 59 de Storto 1999a, p. 139)

O dado em (141) mostra que o advérbio não pode ocorrer ente S e V. Isso ocorre porque essas projeções (S e V) estão em configuração especificador-núcleo em CP (cf. Storto 1999): o verbo finito sobe de V para C e o sujeito sobe para especificador de CP.

(142)



As possibilidades apresentadas abaixo para as sentenças (143) a (146) mostram que *kandat* apresenta as mesmas possibilidades e impossibilidades que um advérbio como *mynda* ‘vagarosamente’. É importante destacar que, a despeito da variação na ordem, os contextos em que as sentenças abaixo são adequadas são os mesmo, ou seja, a posição de *kandat* não interfere no significado da sentença.

- |       |                                      |                   |                   |         |        |
|-------|--------------------------------------|-------------------|-------------------|---------|--------|
| (143) | Kandat                               | ĩonso             | nakaot            | ese.    | AdvSVO |
|       | kandat                               | ĩonso             | Ø-naka-ot-Ø       | ese     |        |
|       | muito                                | mulher            | 3-DECL-pegar-NFUT | água    |        |
|       | ‘Mulheres pegaram água muita vezes’  |                   |                   |         |        |
| (144) | ĩonso                                | nakaot            | kandat            | ese.    | SVAdvO |
|       | ĩonso                                | Ø-naka-ot-Ø       | kandat            | ese     |        |
|       | mulher                               | 3-DECL-pegar-NFUT | muito             | água    |        |
|       | ‘Mulheres pegaram água muitas vezes’ |                   |                   |         |        |
| (145) | ĩonso                                | nakaot            | ese               | kandat. | SVOAdv |
|       | ĩonso                                | Ø-naka-ot-Ø       | ese               | kandat  |        |
|       | mulher                               | 3-DECL-pegar-NFUT | água              | muito   |        |
|       | ‘Mulheres pegaram água muitas vezes’ |                   |                   |         |        |

- (146) \**jonso kandat nakaot ese. SAdvVO*  
*jonso kandat Ø-naka-ot-Ø ese*  
mulher muito 3-DECL-pegar-NFUT água  
‘Mulheres pegaram água muitas vezes’

Mostrou-se que há, então, razões suficientes para considerar que *kandat* é um advérbio e não um quantificador flutuante. Ele não se comporta como quantificador flutuante porque tem mais liberdade de posições e aparece nas mesmas posições em que os outros advérbios da língua. A próxima seção abordará o comportamento sintático de *ahop* e *pitat*.

## 2.2 *Ahop*

Nesta seção, investigamos a morfossintaxe do elemento *ahop* em Karitiana. Vamos argumentar que ele é uma expressão adverbial, mas que não possui a mesma distribuição sintática dos advérbios como *kandat* e *mynda*. *Ahop* não pode aparecer nas posições típicas desses advérbios, podendo figurar unicamente depois do verbo:

- (147) Maria nakaot ahop João.  
Maria Ø-naka-ot ahop-Ø João  
Maria 3-DECL-pegar muito-NFUT João  
‘A Maria buscou o João muitas vezes’
- (148) \* Maria nakaot João ahop.  
Maria Ø-naka-ot João ahop-Ø  
Maria 3-DECL-pegar João muito-NFUT  
‘A Maria buscou o João muitas vezes’

- (149) \*Ahop            Maria nakaot            João.  
 ahop-Ø            Maria Ø-naka-ot        João  
 muito-NFUT Maria 3-DECL-pegar João  
 ‘A Maria buscou o João muitas vezes’

Uma vez que *ahop* só pode aparecer imediatamente após o verbo, a restrição da ordem SAdvVO se mantém:

- (150) \*Maria ahop            nakaot            João.  
 Maria ahop-Ø            Ø-naka-ot        João  
 Maria muito-NFUT 3-DECL-pegar João  
 ‘A Maria buscou o João muitas vezes’

Nas glosas sugeridas para os três exemplos acima, nota-se que a marca de não-futuro ao invés de aparecer junto ao verbo, aparece depois do elemento *ahop*. Como a marca de não-futuro nesse caso é zero, conforme foi apresentado nas características gerais da língua que foram dadas no início deste trabalho, não havia até então nenhuma justificativa para essa análise. No entanto, com os contrastes localizados abaixo, pode-se verificar que há uma razão para esse morfema vazio nos dados anteriores porque em sentenças no futuro o morfema de tempo aparece depois de *ahop*:

- (151) Õwã    nakakydn    ahowi    dibm.  
 õwã    Ø-naka-kydn    ahop-i    dibm  
 criança 3-DECL-pegar muito-FUT amanhã  
 ‘A criança vai esperar muitas vezes amanhã’

Os dados que aparecem no modo assertivo apóiam essa análise porque, nesse modo, a marca de tempo não-futuro é expressa e aparece depois de *ahop*:



- (152) Pyryponyn            taso            sojxaaty        kyynt.  
 Pyry-pon-yn            taso            sojxaaty        kyynt  
 ASS-atirar-NFUT        homem        queixada        em  
 ‘O homem atirou em queixada’
- (153) Pyrypon            ahopyn                    taso            sojxaaty        kyynt.  
 Pyry-pon            ahop-yn                    taso            sojxaaty        kyynt  
 ASS-atirar        muito-NFUT                homem        queixada        em  
 ‘O homem atirou muitas vezes em queixada’

Uma possibilidade de tratamento das ocorrências de *ahop* é analisá-las como um caso de composição de palavra, processo pelo qual uma nova palavra é criada com significado único com a junção de dois ou mais radicais. Nesse caso, haveria a composição de um verbo mais um elemento adverbial. Em português, é possível haver composição de advérbio+verbo e de verbo+advérbio (cf. Bechara 2005):

- (154)
- a. advérbio+verbo:  
bem-querer
  - b. verbo+advérbio:  
pisa-mansinho, ganha-pouco

(exemplos 6 e 9 de Bechara 2005, p. 356)

No entanto, há poucos exemplos de composição de um verbo mais um advérbio em português. O que se encontra são exemplos isolados de casos em que normalmente a palavra composta não é mais um verbo. Isso ocorre em *pisa-mansinho* e no caso de *bem-querer* em que o uso da palavra como substantivo é muito mais comum<sup>48</sup>.

O que estamos afirmando para *ahop* é, então, um pouco diferente. Estamos falando aqui da formação de um verbo pela junção de um verbo e de um elemento adverbial. *Ahop* não é um advérbio como *kandat*, visto que ele não se comporta sintaticamente como os

<sup>48</sup> Em Karitiana, não há ainda casos de composição estudados.

advérbios da língua discutidos anteriormente. O que faz desse caso um caso de composição um pouco especial porque um dos elementos não é uma palavra que pode aparecer independente na língua.

Uma outra análise possível seria considerar *ahop* como um marcador aspectual. Segundo os dados em Carvalho, trabalho não publicado, há marcadores aspectuais na língua Karitiana que aparecem na posição depois do verbo e com marcas de tempo, exatamente a mesma posição de *ahop*.

- (155) Maria nakam'a                    tyjat                    ti'y.  
 Maria Ø-naka-m-'a                    ty-ja-t                    ti'y  
 Maria 3-DECL-CAUS-fazer ASP-DEIT-NFUT comida  
 'Maria está cozinhando (sentada)'

(exemplo 25 de Carvalho, trabalho não publicado, p. 18)

Como o *ahop* está envolvido, como será apresentado posteriormente, numa interpretação de múltiplos eventos, pode ser uma possibilidade analisá-lo como um marcador de aspecto habitual ou freqüentativo. No entanto, não vamos nos aprofundar nessas propostas possíveis de análise porque, para os propósitos deste trabalho, não é tão importante a análise da classificação sintática dos itens, se eles formam ou não um composto, uma vez que estamos interessados na semântica desses elementos. A apresentação da morfossintaxe do elemento fica, então, com caráter apenas descritivo de suas possibilidades de ocorrência.

### 2.3 *Pitat*

Nesta seção, apresentamos a distribuição morfossintática de *pitat*. Esse item, como o *ahop*, aparece sempre depois do verbo, não sendo possível ocorrer nas mesmas posições que *kandat*:

(156) Maria        nakakydn        pitat.  
 Maria        Ø-naka-kydn-Ø        pitat  
 Maria        3-DECL-esperar-NFUT muito  
 ‘A Maria esperou muito’

(157) \*Pitat nakakydn        Maria.  
 pitat Ø-naka-kydn-Ø        Maria  
 muito 3-DECL-esperar-NFUT Maria  
 ‘A Maria esperou muito’

(158) \*Pitat Maria nakakydn.  
 pitat Maria Ø-naka-kydn-Ø  
 muitoMaria 3-DECL-esperar-NFUT  
 ‘A Maria esperou muito’

A restrição de ser adjungido entre o sujeito e o verbo também existe nesse caso porque não é possível aparecer nada entre dois elementos em configuração especificador-núcleo, como já foi discutido anteriormente.

(159) \*Maria        pitat        nakakydn.  
 Maria        pitat        Ø-naka-kydn-Ø  
 Maria        muito        3-DECL-esperar-NFUT  
 ‘A Maria esperou muito’

Vamos considerar que *pitat*, assim como *ahop*, pode formar um composto junto com o verbo sobre o qual exerce a quantificação. No entanto, ele não carrega marcas temporais, como pode ser observado pelas glosas apresentadas nos dados acima. Com os dados apresentados mais abaixo, fica claro que não há razão para se considerar que *pitat* tem morfema de tempo.

- (160) Osed'n pitat naakaj dibm Maria.  
 osed'n pitat Ø-na-aka-j dibm Maria  
 feliz muito 3-DECL-COP-FUT amanhã Maria  
 'A Maria vai estar muito feliz amanhã'
- (161) Maria naakaj se'a pitat iakat dibm.  
 Maria Ø-na-aka-j se'a pitat i-aka-t dibm  
 Maria 3-DECL-COP-FUT bonito muito PART-ser-CONC.ABS. amanhã  
 'A Maria vai estar muito bonita amanhã'
- (162) João naakaj ty pitat iakat 15 gogõrongãt.  
 João Ø-na-aka-j ty pitat i-aka-t 15 gogõrongãt  
 João 3-DECL-COP-FUT alto muito PART-ser-CONC.ABS. 15 ano  
 'O João vai ficar muito alto com 15 anos'

Não há, como se pode notar, um contraste entre os dados de sentenças no não-futuro e no futuro que nos motive a considerar que existe uma marca de tempo em *pitat*. Há, no entanto, uma característica que diferencia sintaticamente o *pitat* dos outros elementos que estão sendo analisados neste trabalho. Ele pode aparecer associado a adjetivos dentro ou fora de um sintagma nominal, como mostra os dados abaixo:

- (163) [Taso se'a pitat ] iotam.  
 taso se'a pitat i-otam-Ø  
 homem bonito muito PART-chegar-CONC.ABS.  
 'O homem muito bonito chegou'
- (164) Horop pitat João.  
 cumprido muito João  
 'O João é muito alto'

*Kandat* e *ahop* não são elementos possíveis nesses casos:

(165) \*Taso se'a ahop iotam.  
 taso se'a ahop-Ø i-otam-Ø  
 homembonito muito-NFUT PART-chegar-CONC.ABS.  
 'O homem muito bonito chegou'

(166) \*Taso se'a kandat iotam.  
 taso se'a kandat i-otam-Ø  
 homembonito muito PART-chegar-CONC.ABS.  
 'O homem muito bonito chegou'

Everett 2006 afirma que *pitat* é um advérbio de grau que pode modificar verbos, adjetivos e até nomes. O único exemplo que ele oferece com o elemento é o seguinte:

(167) taso pita  
 homem muito  
 'Homem de verdade'

(exemplo 13.39 de Everett 2006, p. 313)

Quanto à possibilidade de aparecimento de *pitat* com nomes, observa-se que esse uso ocorre quando o nome é usado como um adjetivo, expressando uma qualificação. Como nesse caso em que se diz 'homem de verdade', ou na outra tradução que aparece em nossos dados 'muito homem'. Nesse caso, temos 'homem' usado como um adjetivo com caráter predicativo e não como um substantivo propriamente dito.

Nos dados em que ocorre *pitat* associado a substantivos usados como adjetivos, é freqüente a tradução do termo para 'mesmo', em vez de 'muito'. Essa questão não será discutida com profundidade aqui, mas o que se pode notar é que essa variação de tradução está relacionada a uma variação de sentido bem sutil entre 'mesmo' e 'muito' aplicados a adjetivos<sup>49</sup>. Isso ocorre no exemplo discutido acima na variação entre 'muito homem' e 'homem mesmo/homem de verdade' e em outros exemplos de nosso corpus:

<sup>49</sup> É interessante notar que essa aproximação de significados é semelhante à que encontramos com *very* do inglês, que tem ora a noção de 'mesmo', 'verdadeiro', 'genuíno' e ora o sentido de 'muito', 'bastante'.

(168) Asara'idna pitat yn.  
 cansado muito eu  
 'Eu estou muito cansado'  
 'Eu estou cansado mesmo'

(169) Horop pitat João.  
 cumprido muito João  
 'O João é muito alto'  
 'O João é alto mesmo'

Não vamos, como foi dito, entrar na discussão dessa pequena variação de sentido. Vamos considerar que *pitat* quer dizer 'muito', assim como *kandat* e *ahop*. *Pitat* além de aparecer associado a verbos e adjetivos também pode aparecer associado a outros advérbios:

(170) João naakat i-pon-pon kandat pitat sojxaaty kyyn.  
 João Ø-na-aka-t i-pon-pon-Ø kandat pitat sojxaaty kyyn  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-DUPL-CONC.ABS. muito muito queixada em  
 'Um número indefinido de homens atirou em um numero indefinido de queixadas muitas vezes mesmo'

(171) João naakat i-pon-pon ahop pitat  
 João Ø-na-aka-t i-pon-pon-Ø ahop-Ø pitat  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-DUPL-CONC.ABS. muito-NFUT muito

sojxaaty kyyn.

sojxaaty kyyn

queixada em

'Um número indefinido de homens atirou em um numero indefinido de queixadas muitas vezes mesmo'

Devido às possibilidades de ocorrência, pode-se dizer que *pitat* se encaixa na definição canônica da gramática tradicional de advérbio como elemento modificador de adjetivo, verbo e outros advérbios (cf. Bechara 2005). Do ponto de vista sintático, no entanto, ele não tem distribuição livre como alguns advérbios da língua. Desse modo, vamos considerar que esse elemento forma um composto com o verbo, adjetivo ou advérbio ao qual se aplica, seguindo, em parte, o que propomos para o *ahop*. A próxima seção apresentará a investigação feita na semântica de *kandat*, *ahop* e *pitat* analisando os contextos semânticos adequados.

### 3 A semântica de *kandat*, *ahop* e *pitat*

Nesta seção, são apresentadas quais operações desempenham os elementos *kandat*, *ahop* e *pitat*, levando em conta a discussão teórica elaborada no capítulo anterior. *Ahop* e *kandat* serão tratados juntos em comparação com *pitat*. Essa escolha foi feita porque os dados indicam que as operações realizadas por *ahop* e *kandat* são as mesmas<sup>50</sup>:

(172) Yn nakahit                      kandat erembyty      y-pant'in.  
 yn Ø-naka-hit-Ø                      kandat eremby-ty      y-pant'in  
 eu 3-DECL-dar-NFUT      muito rede-POS      1POSS-irmã  
 'Eu dei rede para a minha irmã muitas vezes'

(173) Yn nakahit                      ahop                      erembyty      y-pant'in.  
 yn Ø-naka-hit-Ø                      ahop-Ø                      eremby-ty      y-pant'in  
 eu 3-DECL-dar-NFUT      muito-NFUT      rede-POS      1poss-irmã  
 'Eu dei rede para a minha irmã muitas vezes'

Segundo os falantes consultados, as duas sentenças acima são usadas nos mesmos contextos, não apresentando nenhuma diferença entre elas. Em conversa com um dos informantes, ficou claro que o que parece haver nesse caso é uma distribuição

<sup>50</sup> Nota-se, então, que a semântica dos itens que este trabalho vai analisar não possui um paralelo com a sua morfossintaxe. *Kandat* se diferencia de *ahop* e *pitat* por se comportar do mesmo modo que alguns outros advérbios da língua, enquanto que estes dois elementos aparecem em composição com os verbos.

sociolinguística. O uso de *kandat*, segundo esse informante, é mais abundante entre os falantes que moram ou visitam com frequência a cidade de Porto Velho, enquanto que, na aldeia, *ahop* tem um uso mais produtivo. Como nenhum trabalho foi feito ainda com dados quantitativos nessa língua, fica difícil qualquer afirmação nesse sentido. Vamos considerar, portanto, que a operação realizada por esses dois operadores é a mesma e que será comparada com a operação realizada por *pitat* que é claramente diferente. *Pitat* está envolvido numa leitura relacionada a grau, enquanto que *kandat* e *ahop* não possuem essa leitura:

- (174) Õwã nakakydnkydn                      pitat.  
 õwã Ø-naka-kydn-kydn-Ø                      pitat  
 criança 3-DECL-esperar-DUPL-NFUT muito  
 ‘O menino esperou muito tempo’  
 ‘O menino esperou muitas vezes’
- (175) Õwã nakakydnkydn                      kandat.  
 õwã Ø-naka-kydn-kydn-Ø                      kandat  
 criança 3-DECL-esperar-DUPL-NFUT muito  
 ‘O menino esperou muitas vezes’  
 \*‘O menino esperou uma vez muito tempo’
- (176) Õwã nakakydnkydn                      ahop.  
 õwã Ø-naka-kydn-kydn-Ø                      ahop-Ø  
 criança 3-DECL-esperar-DUPL-NFUT muito-NFUT  
 ‘O menino esperou muitas vezes’  
 \*‘O menino esperou uma vez muito tempo’



### 3.1 *Kandat e Ahop*

#### 3.1.1 *Kandat e Ahop: quantificadores sobre eventos*

Nesta seção, argumentamos que *kandat* e *ahop* são quantificadores que prendem as variáveis dos eventos. Retomando as possibilidades de uso de sentenças como a do nosso dado problema (mais uma vez repetido aqui), observa-se que ele pode ser usado em contextos como ‘Muitas mulheres pegaram água’ e ‘Mulheres pegaram muita água’ que podem sugerir que está havendo quantificação das variáveis dos predicados.

- (177)    *ʃonso*    *nakaot*                    *kandat*    *ese.*  
           *ʃonso*     $\emptyset$ -*naka-ot-∅*            *kandat*    *ese*  
           mulher    3-DECL-pegar-NFUT    muito            água  
           ‘Muitas mulheres pegaram água’  
           ‘A mulher pegou muita água’  
           ‘As mulheres pegaram muita água’  
           ‘Uma mulher pegou muita água’  
           ‘Umas mulheres pegaram muita água’  
           ‘A mulher pegou água muitas vezes’  
           ‘As mulheres pegaram água muitas vezes’  
           ‘Uma mulher pegou água muitas vezes’  
           ‘Umas mulheres pegaram água muitas vezes’

Essa sentença é possível com *ahop* com as mesmas possibilidades de leitura:

- (178)    *ʃonso*    *nakaot*                    *ahop*        *ese.*  
           *ʃonso*     $\emptyset$ -*naka-ot-∅*            *ahop-∅*    *ese*  
           mulher    3-DECL-pegar-NFUT    muito-NFUT    água  
           ‘Muitas mulheres pegaram água’  
           ‘A mulher pegou muita água’  
           ‘As mulheres pegaram muita água’

- ‘Uma mulher pegou muita água’  
 ‘Umhas mulheres pegaram muita água’  
 ‘A mulher pegou água muitas vezes’  
 ‘As mulheres pegaram água muitas vezes’  
 ‘Uma mulher pegou água muitas vezes’  
 ‘Umhas mulheres pegaram água muitas vezes’

Para uma análise minuciosa da operação de *kandat* e *ahop*, verificou-se um paradigma de contextos em que as sentenças com esses elementos são apropriadas:

- (179) Taso naakat i-pon-pon ahop sojxaaty kyyn.  
 taso Ø-na-aka-t i-pon-pon-Ø ahop-Ø sojxaaty kyyn  
 homem 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-DUPL-CONC.ABS. muito-NFUT queixada em
- (180) Taso naakat iponpon kandat sojxaaty kyyn.  
 taso Ø-na-aka-t i-pon-pon-Ø kandat sojxaaty kyyn  
 homem 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-DUPL-CONC.ABS. muito queixada em

Contextos apropriados:

- ‘O(s) homem/homens atirou/atiraram na(s) queixada(s) muitas vezes’  
 ‘O(s) homem/homens atirou/atiraram em uma(s) queixada(s) muitas vezes’  
 ‘Um/uns homem/homens atirou/atiraram na(s) queixada(s) muitas vezes’  
 ‘Um/uns homem/homens atirou/atiraram em uma(s) queixada(s) muitas vezes’  
 ‘Muitos homens atiraram na(s) queixada(s) muitas vezes’  
 ‘Muitos homens atiraram em uma(s) queixada(s) muitas vezes’  
 ‘O(s) homem/homens atirou/atiraram em muitas queixadas muitas vezes’  
 ‘Um/uns homem/homens atirou/atiraram em muitas queixadas muitas vezes’  
 ‘Muitos homens atiraram em muitas queixadas muitas vezes’  
 \*‘Muitos homens atiraram uma vez na(s) queixada(s)’  
 \*‘Muitos homens atiraram uma vez em uma(s) queixada(s)’  
 \*‘O(s) homem/homens atirou/atiraram uma vez em muitas queixadas’

\*‘Um/uns homem/homens atirou/atiraram uma vez em muitas queixadas’

\*‘Muitos homens atiraram uma vez em muitas queixadas’

Como foi visto mais acima, na seção 1 deste capítulo, os SNs têm denotação cumulativa em Karitiana. Isso quer dizer que os constituintes nominais são sempre apropriados em contextos de referência a pluralidades. Os contextos acima mostram que, em sentenças com *kandat* e *ahop*, a referência a muitas entidades é sempre uma possibilidade enquanto que a leitura de muitos eventos é uma obrigatoriedade. Esse fato mostra que a leitura de muitas entidades é uma possibilidade devido à cumulatividade nominal e que o *kandat* e o *ahop* prendem exclusivamente os eventos da sentença. Entendemos os casos em que essas sentenças são traduzidas pelos falantes por sentenças como ‘Muitos homens atiraram nas queixadas’ ou ‘Os homens atiraram em muitas queixadas’ como resultados de uma implicatura conversacional nos termos de Grice 1975. As implicaturas são aspectos do significado que são inferidos em certos contextos, mas não fazem parte das condições de verdade da sentença.

As condições de verdade das sentenças acima podem ser expressas da seguinte forma: ‘Um número indefinido de homens atirou em um número indefinido de queixadas muitas vezes’. As traduções com ‘muitos homens’ e ‘muitas queixadas’ possuem um significado que não é parte das condições de verdade da sentença, mas que pode ser inferido em certos contextos. Muitas ocorrências de eventos de atirar em queixada podem estar associadas a muitos homens atirando ou muitas queixadas, mas não estão necessariamente.

Com isso, descartamos a possibilidade de analisar *kandat* e *ahop* como quantificadores não-seletivos conforme a teoria proposta por Heim 1988 e Lewis 1975. Se esses elementos pudessem prender qualquer variável em seu escopo, esperaríamos que houvesse a possibilidade de quantificação das variáveis nominais nas sentenças com esses advérbios. Mas, como vimos, não é isso que ocorre. As possibilidades de leituras que aparentemente indicam uma quantificação dos nomes são dadas, na realidade, via implicatura conversacional e não são uma necessidade de natureza semântica.

Segundo a teoria de Lewis 1975, os advérbios de quantificação quantificam sobre casos e não sobre eventos. O argumento que ele dá de que esses quantificadores não quantificam sobre eventos é que uma sentença como a (181) abaixo seria inconsistente:

(181) Um homem que tem um burrinho sempre bate nele de vez em quando.

Para Lewis 1975, *sempre* não quantifica sobre eventos, mas sobre as relações entre um homem e seu burrinho, ou seja, sobre os pares  $\langle x,y \rangle$  em que  $x$  é homem e  $y$  é burrinho. No entanto, vimos que temos argumentos fortes para considerar que *kandat* e *ahop* são quantificadores sobre eventos e não sobre casos<sup>51</sup>. Os dados em (182) e (183) abaixo reforçam essa afirmação porque mostram que *kandat* e *ahop*, que possuem leitura de ‘muitas vezes’, não podem ser usados com *myhint* ‘uma vez’. Isso nos indica que ambos quantificam, indubitavelmente, sobre as ocorrências dos eventos.

(182) \*Kandat João namangat myhint ep.  
 kandat João Ø-na-mangat-Ø myhin-t ep  
 muito João 3-DECL-levantar-NFUTum-OBL lenha  
 ‘João levantou lenha uma vez muitas vezes’

(183) \*João namangat ahop myhint ep.  
 João Ø-na-mangat-Ø ahop-Ø myhin-t ep  
 João 3-DECL-levantar-NFUT muito-NFUT um-OBL lenha  
 ‘João levantou lenha uma vez muitas vezes’

Esses dados confirmam que *kandat* e *ahop* prendem eventos. Nas sentenças acima, se as sentenças fossem gramaticais, os elementos adverbiais analisados poderiam prender as entidades e fornecer significados do tipo: ‘O João levantou muita lenha de uma vez’. Mas não é esse o caso.

<sup>51</sup> Estamos considerando aqui a quantificação sobre eventos como o mesmo que quantificação sobre ocorrências (*times* do inglês). Isso porque eventos acontecem na forma de ocorrências.

Como foi visto na discussão teórica da seção 3.2 do capítulo anterior, nos dados em Lasersohn 1995, os marcadores pluracionais normalmente estão associados a leituras de intensidade nas línguas. Mas, como em Karitiana a pluracionalidade faz uma operação de plural, marcadores pluracionais são possíveis em qualquer sentença que descreva mais de um evento, e não apenas naquelas que denotam um número significativo de eventos.

Conseqüentemente, quantificadores como *kandat* e *ahop* não são redundantes com os afixos pluracionais, uma vez que eles indicam informações distintas. Enquanto a pluracionalidade é uma operação de plural, *kandat* e *ahop* quantificam dando a informação de ‘muitas vezes’, de que a cardinalidade dos eventos é maior que um número normal contextualmente determinado, informação que é dada via pluracionalidade em algumas línguas apresentadas em Lasersohn 1995.

Em (184) abaixo temos *kandat* com verbo não-pluralizado e em (185) com verbo pluralizado:

(184) João naakat                      ipon                                      kandat sojxaaty              kyyn.  
 João Ø-na-aka-t                      i-pon-Ø                                      kandat sojxaaty              kyyn  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-CONC.ABS. muito queixada em  
 ‘Um número indefinido de homens atirou em um número indefinido de queixadas muitas vezes’

(185) João naakat                      iponpon                                      kandat              sojxaaty              kyyn.  
 João Ø-na-aka-t                      i-pon-pon-Ø                                      kandat              sojxaaty              kyyn  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-dupl-CONC.ABS. muito queixada em  
 ‘Um número indefinido de homens atirou em um número indefinido de queixadas muitas vezes’

Em (186) e (187) mostramos *ahop* com verbo não-pluralizado e pluralizado:

- (186) João naakat ipon ahop sojxaaty kyyn.  
 João Ø-na-aka-t i-pon-Ø ahop-Ø sojxaaty kyyn  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-CONC.ABS. muito-NFUT queixada em  
 ‘Um número indefinido de homens atirou em um número indefinido de queixadas  
 muitas vezes’
- (187) João naakat iponpon ahop sojxaaty kyyn.  
 João Ø-na-aka-t i-pon-pon-Ø ahop-Ø sojxaaty kyyn  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-dupl-CONC.ABS. muito-NFUT queixada em  
 ‘Um número indefinido de homens atirou em um número indefinido de queixadas  
 muitas vezes’

Como as leituras de eventos plurais estão disponíveis tanto nos verbos pluralizados quanto nos não pluralizados, não é relevante para a leitura das sentenças se os quantificadores com a noção de muito estão associado a um verbo pluralizado ou não.

Vimos, então, que há evidências suficientes para considerar *ahop* e *kandat* quantificadores exclusivamente de eventos e não como quantificadores não-seletivos. Veremos em seguida, de que modo pode-se entender a semântica das operações desses elementos combinados com os predicados verbais, fazendo uma aproximação com as discussões das propostas de De Swart 1993 e de Doetjes 2007 feitas na seção 8 do último capítulo.

### 3.1.2 *Kandat e ahop não são quantificadores iterativos*

Nesta seção, retomaremos as discussões feitas sobre a operação de iteratividade baseadas nos trabalhos de De Swart 1993 e Doetjes 2007 aproximando-as de nossos dados, a fim de analisar que operações semânticas *kandat* e *ahop* fazem nos eventos.

Há, segundo De Swart 1993, uma diferença crucial entre quantificadores iterativos e de frequência no que se refere à interação com o aspecto. Os advérbios iterativos como *plusieurs fois* do francês (que pode ser traduzido para o português como ‘muitas vezes’) não são compatíveis com tempos verbais imperfectivos como o presente e o imperfeito da

língua francesa, enquanto que os advérbios de frequência como *souvent* (que também é possível de ser traduzido como ‘muitas vezes’) não têm nenhuma restrição nesses contextos.

Doetjes 2007 também anuncia a impossibilidade de uso de advérbios iterativos com os tempos imperfectivos, mas afirma que o fato de um advérbio poder ocorrer com esses tempos não é suficiente para caracterizá-lo como um quantificador de frequência, uma vez que os advérbios de grau, como *beaucoup*, podem aparecer nesses contextos. Não vamos nos comprometer, portanto, a classificar *kandat* e *ahop* como quantificadores de frequência por conta de sua possibilidade de ocorrência com sentenças imperfectivas. Esse fato levará somente à conclusão de que eles não são advérbios iterativos.

O Karitiana, como foi dito no início deste trabalho, não apresenta distinção entre os tempos futuro e não-futuro. O tempo não-futuro dessa língua, segundo Carvalho, trabalho não publicado, quando aparece em sentenças sem nenhuma marca aspectual pode receber tradução para: (i) o passado perfeito do português (como vimos em todos os dados apresentados até agora); (ii) no presente habitual; ou (iii) no passado imperfeito. A seguinte sentença abaixo pode ser usada para indicar qualquer uma dessas três noções temporais:

- (188) Inácio        naka‘yt                    boroty pisijp.  
 Inácio        Ø-naka-‘y-t                boroty pisijp  
 Inácio        3-DECL-comer-NFUT    paca    carne  
 ‘O Inácio come de carne de paca (é um hábito dele)’  
 ‘O Inácio comeu carne de paca (num determinado momento do passado)’  
 ‘O Inácio comia carne de paca (era um hábito dele)’

Vimos, em todos os dados apresentados até agora, que *kandat* e *ahop* não têm qualquer restrição com o tempo não-futuro. Uma primeira hipótese que pode surgir desse fato é de que esses itens adverbiais são quantificadores iterativos e que, portanto, representam uma pluralidade dentro de um domínio temporal limitado. Uma consequência dessa hipótese é que leituras imperfectivas do tempo não-futuro seriam bloqueadas em sentenças com *kandat* e *ahop*. No entanto, como mostram os dados abaixo, *kandat* e *ahop*

não têm nenhuma restrição com as leituras imperfectivas quando as sentenças têm marca de não-futuro<sup>52</sup>.

- (189) Pyrytat ahopyn Inácio São Paulo pip.  
 Pyry-tat ahop-yn Inácio São Paulo pip  
 ASS-ir muito-NFUT Inácio São Paulo para  
 ‘O Inácio vai muitas vezes pra São Paulo’
- (190) Inácio naakat itat kandat São Paulo pip.  
 Inácio Ø-na-aka-t i-tat-Ø kandat São Paulo pip.  
 Inácio 3-DECL-COP-NFUT PART-ir.SG-CONC.ABS. muito São Paulo para  
 ‘O Inácio vai muitas vezes pra São Paulo’
- (191) Inácio naka’yt ahop boroty pisijp.  
 Inácio Ø-naka’y-t ahop-Ø boroty pisijp.  
 Inácio 3-DECL-comer-NFUT muito-NFUT paca carne  
 ‘O Inácio come carne de paca muitas vezes’
- (192) Sïñ ese tatarakat tykiri naotyyt ahop ese kyyn i.  
 sïñ ese tatarakat tykiri Ø-na-otyyt-Ø ahop-Ø ese kyyn i  
 pouçoágua pegar SUB 3-DECL-voltar-NFUT muito-NFUT água em 3P  
 ‘Quando ele pega pouca água, volta mais vezes no rio’

Com isso, nota-se que há evidências para não se considerar *ahop* e *kandat* advérbios iterativos. Esses itens podem, como os dados acima mostram, aparecer em contextos em que o tempo tem como característica ser aberto ou ilimitado, como nas sentenças com noção imperfectiva.

<sup>52</sup> Não estamos tratando aqui do tempo futuro enquanto falamos das operações semânticas envolvidas numa sentença por se tratar de um tempo com particularidades controversas na literatura lingüística. Usamos esse tempo em outros dados deste trabalho somente porque estávamos interessados em ver se a sua marca morfológica aparecia nos advérbios que estamos estudando.



Até aqui a distinção proposta por Doetjes 2007 e De Swart 1993 foi útil para vermos que *kandat* e *ahop* não são advérbios iterativos e não fazem, portanto, uma operação de cardinalidade absoluta. As seções seguintes avançam no sentido de refinar a análise das operações semânticas que realizam esses dois advérbios.

### 3.1.3 *Kandat* e *Ahop*: quantificadores de frequência nos termos de Doetjes 2007

Nesta seção, vamos serão investigadas as restrições e possibilidades de leituras dos elementos *kandat* e *ahop* no que tange a sua combinação com predicados massivos e contáveis levando em conta as discussões teóricas de Doetjes 2007 apresentadas no capítulo anterior.

Vimos que os quantificadores do tipo *souvent* e *beaucoup* podem apresentar restrições e diferenças de leituras quando estão associados a predicados verbais contáveis ou massivos. O capítulo anterior mostrou duas formas de se encarar a contabilidade no domínio verbal: uma que considera predicados télicos como contáveis e atélicos como massivos (Bach 1986) e uma que considera que todos os verbos são contáveis (cf. Rothstein 2004, 2008a, 2008b).

Doetjes 2007 analisou os advérbios *beaucoup* ‘muito/muitas vezes’ e *souvent* ‘frequentemente/muitas vezes’ levando em conta a proposta de Bach 1986. Sua proposta é de que *beaucoup* é um quantificador de grau que não envolve contagem. Quando ele está num contexto lingüístico de um predicado verbal massivo, apresenta leitura de grau e quando está num contexto contável apresenta leitura de iteratividade, ou seja, de multiplicação de eventos. Já *souvent* é um advérbio de frequência que sempre dispara leitura de multiplicidade de eventos tanto em contextos contáveis quanto massivos.

Vamos ver que, seguindo essa análise, *kandat* e *ahop* seriam como o *souvent* do francês porque sempre têm leitura iterativa e nunca especificam um grau. Nos *corpora*, encontramos *kandat* e *ahop* tanto com verbos contáveis (193) e (194) quanto com verbos massivos (195) e (196)<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Levando em conta a proposta de Bach 1986. Estamos considerando aqui o predicado ‘atirar em queixada’ como um predicado contável seguindo as intuições em Doetjes 2007 que considera ‘ir ao cinema’ como contável. Acreditamos que há uma dificuldade em classificar certos predicados como esses, mas não vamos

- (193) João naakat iponpon kandat sojxaaty kyynt.  
 João Ø-na-aka-t i-pon-pon-Ø kandat sojxaaty kyynt  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-DUPL-CONC.ABS. muito queixada em  
 ‘O homem atirou muitas vezes na queixada’
- (194) João naakat iponpon ahop sojxaaty kyynt.  
 João Ø-na-aka-t i-pon-pon-Ø ahop-Ø sojxaaty kyynt  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-DUPL-CONC.ABS. muito-NFUT queixada em  
 ‘O homem atirou muitas vezes na queixada’
- (195) Inácio nakakydn kandat.  
 Inácio Ø-naka-kydn-Ø kandat  
 Inácio 3-DECL-esperar-NFUT muito  
 ‘O Inácio esperou muitas vezes’
- (196) Inácio nakakydn ahop.  
 Inácio Ø-naka-kydn-Ø ahop-Ø  
 Inácio 3-DECL-esperar-NFUT muito-NFUT  
 ‘O Inácio esperou muitas vezes’

Como vimos, o *beaucoup* do francês, quando aparece com verbos considerados contáveis pela teoria de Doetjes 2007, tem leitura iterativa (197a), e quando aparece com verbo massivo, tem leitura de intensidade (197b):

- (197) a. Sylvie va beaucoup au cinema.  
 Sylvie vai muito ao cinema  
 ‘Sylvie vai muito ao cinema.’

(leitura iterativa)

(exemplos 1a de Doetjes 2007, p. 1)

---

nos aprofundar nesse tema porque vamos assumir na análise, como ficará claro mais abaixo, que todos os predicados verbais são contáveis (cf. Rothstein 2008a).

- b. Sylvie a beaucoup apprécié ce film.  
 Sylvie em muito gostado este filme  
 ‘Sylvie gostou muito deste filme.’

(*leitura de intensidade*)

(exemplos 1e de Doetjes 2007, p. 1)

Os advérbios *kandat* e *ahop* do Karitiana não são como *beaucoup* do francês porque quando aparecem com verbos considerados massivos por essa teoria só podem ter leitura de muitos eventos, não podendo apresentar leitura de intensidade:

- (198) Inácio nakakydn kandat.  
 Inácio Ø-naka-kydn-Ø kandat  
 Inácio 3-DECL-esperar -NFUT muito  
 ‘O Inácio esperou muitas vezes’  
 \*‘O Inácio esperou por muito tempo uma vez’

- (199) Inácio nakakydn ahop.  
 Inácio Ø-naka-kydn -Ø ahop-Ø  
 Inácio 3-DECL-esperar -NFUT muito-NFUT  
 ‘O Inácio esperou muitas vezes’  
 \*‘O Inácio esperou por muito tempo uma vez’

*Kandat* e *ahop* são, então, segundo essa perspectiva, quantificadores de frequência como *souvent*, que pode aparecer tanto com verbos contáveis quanto com massivos, sempre com leitura de muitos eventos. Para Doetjes 2007, essa leitura sempre iterativa é resultado de uma quantificação intrínseca sobre ocorrências que o advérbio possui e não da pluralidade do predicado como a iteratividade que ocorre com *beaucoup*.

- (200) a. Sylvie va souvent au cinéma.  
 Sylvie vai frequentemente ao cinema  
 ‘Sylvie vai ao cinema frequentemente.’

(*leitura iterativa*)

(exemplos 1b de Doetjes 2007, p. 1)

- b. Sylvie a souvent apprécié ce film.  
 Sylvie tem frequentemente gostado este filme  
 ‘Sylvie frequentemente gostou deste filme

(*leitura iterativa*)

(exemplos 1f de Doetjes 2007, p. 1)

Vimos que segundo a proposta de Doetjes 2007, é adequado classificar *kandat* e *ahop* como advérbios de frequência. Vamos mostrar agora como a multiplicação de eventos através de *ahop* e *kandat* pode ser entendida levando em conta a teoria de Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b de contabilidade do domínio verbal. Retomaremos a idéia esboçada na seção 8 do capítulo 1 de que é possível chegar a uma análise mais simples das operações de frequência e grau se considerarmos que todos os predicados verbais são contáveis.

Vimos que as leituras iterativas em sentenças com *beaucoup* e *souvent* são explicadas de modos diferentes por Doetjes 2007. Para a autora, nas sentenças com *souvent* a multiplicação de eventos é intrínseca ao advérbio que, aplicando-se a qualquer predicado, sempre está associado a contextos de múltiplas ocorrências. Já nas sentenças com *beaucoup*, a autora afirma que a iteratividade vem da contabilidade do predicado verbal ao qual se aplica e não do advérbio em si. Ela explica, como vimos, a possibilidade de leitura iterativa em sentenças com *beaucoup* e verbos massivos como um caso de mudança no tipo do predicado, que passa a ser contável nesses contextos.

Diferentemente da teoria de Bach 1986 utilizada por Doetjes 2007, para Rothstein 2008a, todo o domínio verbal é contável. Para ela o que difere predicados télicos de atélicos é o fato que os télicos são predicados atômicos enquanto que os atélicos são aqueles cujos átomos são definidos contextualmente. Os predicados télicos têm o valor de U preenchido lexicalmente e podem, por isso, ser contados diretamente. Os predicados atélicos também

possuem estrutura de expressões contáveis, mas precisam ter o valor de U da função preenchido contextualmente.

(201)  $V = \lambda e. P(e) \ \& \ MEAS(e) = \langle 1, U \rangle$

Desse modo, como a contagem é um fenômeno gramatical que depende de átomos para ser construída e os predicados atélicos são passíveis de ser atomizados via contexto, espera-se que não haja restrições à quantificação de eventos em múltiplas ocorrências através do uso de advérbios. Vimos que, para autora, para haver contagem não é preciso haver necessariamente objetos inerentemente individuáveis. Assim, as atividades que eram interpretadas em Bach 1986 como predicados massivos são interpretados aqui como contáveis. A única diferença que eles têm em relação aos predicados télicos, *accomplishments* e *achievements*, é que nas atividades, a variável U é valorada via contexto.

Assim, a hipótese nula para a contabilidade verbal que tiramos dessa proposta é a de que as leituras iterativas estão sempre disponíveis porque a contabilidade nesse domínio é sempre possível, uma vez que todos os predicados verbais são contáveis.

Essa diferença entre os verbos que tem átomos disponíveis lexicalmente como os verbos de *accomplishment* e *achievement* e os verbos atélicos cujos átomos são formados pelo preenchimento do valor de U na função de medida pode ser sentida na necessidade de um enriquecimento maior de detalhes contextuais em sentenças quantificadas com verbos deste último tipo. É essa necessidade que faz com que a pluralidade de eventos em contextos com atividades e estados seja mais difícil de ser entendida e processada<sup>54</sup>. Os dados do português abaixo mostram isso. No exemplo em (202), em que temos um verbo *achievement* e que, portanto, tem átomos disponíveis lexicalmente, capturamos rapidamente quais são os eventos que se repetem e qual o significado da sentença.

(202) O João subiu no topo da árvore muitas vezes.

---

<sup>54</sup> Essa foi a nossa impressão na coleta de dados com atividade mais *kandat* e *ahop*. Os falantes do Karitiana, muitas vezes, pensavam mais antes de fornecer as sentenças, ou comentavam mais detalhadamente os contextos.

Já com verbos de atividade e estativos como os que encontramos abaixo, a pluralização das ocorrências é possível, mas exige um maior detalhamento em relação ao contexto:

- (203) a. O João esperou muitas vezes.  
b. O João amou a Maria muitas vezes.

Na sentença em (205a), é possível pensar num caso em que das vezes em que o João foi à rodoviária buscar alguém, ele, muitas vezes, teve que esperar e no caso em (205b) num caso em que o João amou a Maria e deixou de amá-la muitas vezes.

Em Karitiana, também é possível usar *kandat* e *ahop* com verbos de atividade e estativos:

(I) *kandat*+verbo de atividade

- (204) Luciana nakakydn                      kandat.  
Luciana Ø-naka-kydn-Ø                      kandat  
Luciana 3-DECL-esperar -NFUT      muito  
'A Luciana esperou muitas vezes'  
\*‘A Luciana esperou por muito tempo uma vez’

(II) *kandat*+verbo estativo

- (205) Inácio      naakat                      i-osedna                      kandat.  
Inácio      Ø-na-aka-t                      i-osedna-t                      kandat  
Inácio      3-DECL-COP-NFUT      PART-alegrar-CONC.ABS.      muito  
'O Inácio ficou alegre muitas vezes'  
\*‘O Inácio ficou alegre por muito tempo uma vez’

(III) *ahop*+verbo de atividade

- (206) Luciana nakakydn ahop.  
 Luciana Ø-naka-kydn-Ø ahop-Ø  
 Luciana 3-DECL-esperar -NFUT muito-NFUT  
 ‘A Luciana esperou muitas vezes’  
 \*‘A Luciana esperou por muito tempo uma vez’

(IV) *ahop*+verbo estativo

- (207) Inácio naakat i-osedna ahop.  
 Inácio Ø-na-aka-t i-osedna-t ahop-Ø  
 Inácio 3-DECL-COP-NFUT PART-alegrar-CONC.ABS. muito-NFUT  
 ‘O Inácio ficou alegre muitas vezes’  
 \*‘O Inácio ficou alegre por muito tempo uma vez’

Se assumirmos que todos os predicados verbais são contáveis, é possível atribuir a iteratividade em sentenças com *beaucoup* e predicados de atividade à natureza contável do predicado. Como Doetjes 2007 considera esse um predicado massivo, seguindo Bach 1986, ela tem que lançar mão de uma mudança de predicados massivos para contáveis para explicar a leitura de múltiplos eventos nesse contexto lingüístico. Além disso, como foi discutido no capítulo anterior, a contagem em sentenças com verbos de atividade é uma operação comum e não marcada nas línguas naturais (cf. Rothstein 1999). Se levarmos em conta que eles são predicados contáveis e não massivos, não precisamos entender a contagem nesse domínio como um processo de empacotamento de coisa (*packing stuff*), como sugere Bach 1986. Desse modo, somam-se mais argumentos para a análise de que a operação de multiplicação de eventos é dada pela característica contável dos verbos. Repetimos abaixo o quadro que mostra como fica a análise da operação de frequência levando em conta essa argumentação.

<b>Advérbios de Frequência</b>			
<b>Doetjes 2007</b>		<b>Nossa proposta</b>	
adv. de freq. + predicado contável ou massivo = leitura iterativa	Iteratividade com origem em um componente especial de <i>souvent</i> .	adv. de freq. + predicado verbal = leitura iterativa	Iteratividade com origem na natureza contável do predicado.

Argumentamos nesta seção que considerar que todos os verbos são contáveis e que a contagem de eventos é sempre uma operação possível nesse domínio oferece uma explicação mais simples para os advérbios que multiplicam ocorrências. Desse modo, não temos que dizer que as leituras iterativas em sentenças com advérbios de frequência como *souvent* e em sentenças com advérbios de grau como *beaucoup* têm origens diferentes. Segundo nossa proposta, ambas vêm da disponibilidade da contagem de eventos pelos advérbios. Vamos avançar agora na análise de *kandat* e *ahop*, levando em conta as propriedades dos advérbios de frequência caracterizadas por De Swart 1993.

### **3.1.4 *Kandat* e *Ahop*: quantificadores de frequência nos termos de De Swart 1993**

Nesta seção, vamos retomar as características da operação de frequência descritas em De Swart 1993. Serão apresentados dados e argumentos de que *kandat* e *ahop* se comportam como os advérbios de frequência apresentados pela autora que possuem leituras relacionais e não-relacionais.

Já foram apresentados argumentos de que *kandat* e *ahop* podem ser analisados como advérbios de frequência na teoria de Doetjes 2007. Resta saber como eles se relacionam com as noções de proporcionalidade e cardinalidade propostas por De Swart 1993 para as leituras relacionais e não-relacionais. Para tal, retomamos aqui o par de dados que ela apresenta para falar dessas leituras:



(208)

- a. Jeanne se plaint souvent quand elle remplit sa déclaration  
 Jeanne se queixa freqüentemente quando ela preenche sua declaração

d'impôts.

de.impostos

'Jeanne se queixa freqüentemente quando preenche sua declaração de impostos'

- b. Jeanne se plaint souvent.  
 Jeanne se queixa freqüentemente  
 'Jeanne se queixa freqüentemente'

(exemplos 8a e 8b de De Swart 1993, p. 266)

Como foi apresentado anteriormente, a sentença (208a) possui interpretação relacional porque relaciona as eventualidades em que a Jeanne preenche sua declaração de impostos e o conjunto de situações em que ela se queixa. Já (208b) pode ter ou não uma leitura relacional, dependendo se há um conjunto restritivo ou se o advérbio se refere ao universo do discurso.

Na seção 8 do capítulo 1, propusemos analisar as duas leituras de (208b) como relacionais, considerando é preciso haver uma restrição no o universo do discurso. Antes, porém, de retomar essa proposta, identificaremos como se comportam *kandat* e *ahop* em contextos lingüísticos como esses de (208a) e (208b).

Através dos dados apresentados neste trabalho como os dados mostrados abaixo, pode-se ver que a estrutura que se assemelha com (208b) acima é possível em Karitiana:

- (209) ðonso nakaot kandat ese.  
 ðonso Ø-naka-ot-Ø kandat ese  
 mulher 3-DECL-pegar-NFUT muito água  
 'A mulher pegou água muitas vezes'

- (210) ĵonso nakaot ahop ese.  
 ĵonso Ø-naka-ot-Ø ahop-Ø ese  
 mulher 3-DECL-pegar-NFUT muito-NFUT água  
 ‘A mulher pegou água muitas vezes’

Pelos dados em (211) e (212), vemos que a estrutura de leitura relacional é também uma possibilidade:

- (211) Sĭin ese tatarakat tykiri naotyyt ahop ese kyyn i.  
 sĭin ese tatarakat tykiri Ø-na-otyyt-Ø ahop-Ø ese kyyn i  
 pouco água pegar SUB 3-DECL-voltar-NFUT muito-NFUT água em 3P  
 ‘Quando ele pega pouca água, volta muitas vezes no rio’

- (212) Sĭin ese tatarakat tykiri naotyyt kandat ese kyyn i.  
 sĭin ese tatarakat tykiri Ø-na-otyyt-Ø kandat ese kyyn i  
 pouco água pegar SUB 3-DECL-voltar-NFUT muito água em 3P  
 ‘Quando ele pega pouca água, volta muitas vezes no rio’

Como é difícil trabalhar com ambigüidades de leitura em uma língua que conhecemos pouco, não será levada em conta a leitura proporcional de sentenças como (212b) que não possuem restrição explícita através de orações subordinadas. Ademais, De Swart 1993 fala pouco das leituras relacionais nesse contexto focando nas sentenças com restrição através de orações e trabalhando com a leitura de pura freqüência nos casos como (212a).

Levando em conta as observações feitas acima com os dados do Karitiana, é possível reforçar a hipótese de que *ahop* e *kandat* se comportam como um advérbio de freqüência como *souvent* do francês<sup>55</sup>. Assim vemos que *kandat* e *ahop* se encaixam na

<sup>55</sup> Segundo De Swart 1993, essas características também são compartilhadas pelo advérbio *often* ‘freqüentemente’ do inglês. O conjunto de dados abaixo mostra que o *muito* do português também se encaixa nessas definições: possibilidade de uso em classes temporais abertas (i) e em construções de leitura relacional e não-relacional (ii e iii):

subclassificação de advérbios de frequência que ora podem apresentar leitura proporcional e ora apresentam leitura cardinal cíclica.

Assim, vamos assumir que *kandat* e *ahop* são advérbios de frequência. Eles são advérbios de frequência tanto no sentido de De Swart 1993, porque podem operar com classes abertas como o habitual e podem fornecer leituras relacionais e não-relacionais, quanto no sentido de Doetjes 2007 porque eles não especificam um grau e sempre expressam uma multiplicação de eventos. Vamos considerar que essa leitura iterativa é disparada porque a contabilidade é sempre disponível, uma vez que sempre temos um predicado contável como alvo.

### 3.1.5 Contra uma análise de quantificadores de julgamento de valor

Com a análise proposta até aqui, vemos que não há necessidade de tratarmos dos quantificadores *kandat* e *ahop* como associados a um julgamento de valor do falante conforme Guimarães 2008. As avaliações do falante dizem respeito a como os valores dependentes do contexto vão ser escolhidos. É aí que entra a apreciação do falante sem a necessidade de levarmos o significado da sentença para uma esfera mais complexa que inclua questões da pragmática. Manipulando valores **n** (e proporções **m/n**) damos conta das sentenças com esses quantificadores. Um exemplo disso pode ser mostrado no par de sentenças apresentado por Guimarães 2008 que motiva a sua análise baseada no julgamento de valor do falante:

(213) Muitas pessoas reclamaram da organização do evento.

(214) Poucas pessoas reclamaram da organização do evento.

(exemplos (456) e (457) de Guimarães 2007, p. 140)

Segundo o autor, essas sentenças podem ser proferidas apropriadamente num mesmo contexto. Isso porque no primeiro caso podemos estar fazendo uma comparação

- 
- (i) O João corria muito no parque.
  - (ii) O João reclama muito, quando calcula o imposto de renda.
  - (iii) O João reclama muito.

com a quantidade de pessoas que reclamaram no ano anterior e no segundo com a quantidade de pessoas que compareceram ao evento. Mas esse fato é perfeitamente capturado pela análise que sugere um valor *n* sobre o qual opera o quantificador. Em cada um desses casos, esse *n* é diferente. Quando a frase (213) é proferida, o *n* nesse caso é construído levando-se em conta o número de pessoas que reclamaram do evento no ano anterior e quando a frase (214) é usada o *n* está relacionado à quantidade de pessoas no evento em questão. As duas frases podem ser proferidas inclusive pelo mesmo falante, não havendo aí nenhuma questão relacionada ao julgamento dele, mas a uma manipulação diferente dos valores de *n*. Não vamos utilizar, portanto, a noção de quantificadores de julgamento de valor do falante por acreditarmos na possibilidade de análise dos elementos que queremos investigar sem lançarmos mão de noções que extrapolam para o espaço da pragmática e do estatuto psicológico do falante. A noção de que há uma avaliação do falante tem uma tradução precisa na análise que manipula valores normais *n* sobre os quais operam os quantificadores que estamos analisando.

### 3.2 *Pitat*

Nesta seção, vamos investigar qual a semântica de *pitat* considerando a discussão teórica do capítulo anterior e a argumentação feita na análise de *ahop* e *kandat*. A primeira questão a ser considerada é o que diferencia *pitat* de *ahop* e *kandat*. O que pudemos observar na análise dos dados é que, embora a quantificação sobre ocorrências com sentenças com *pitat* seja uma possibilidade, ele também pode especificar um grau. Nesse sentido, ele é como o *beaucoup* do francês e o *muito* do português. Vimos que *beaucoup* pode expressar tanto um grau quanto iteratividade:

- (215) Il a plu beaucoup.  
 ele tem chovido muito  
 ‘Choveu muito tempo’  
 ‘Choveu muitas vezes’

(Exemplo 2a de Doetjes 2007, p. 2)

Em português, a sentença abaixo também é apropriada em contextos de múltiplos eventos ou que expressam grau.

(216) O João esperou muito.

Em Karitiana, as sentenças com *pitat* têm o mesmo comportamento:

(217) Õwã nakakydnkydn pitat.  
 õwã Ø-naka-kydn-kydn-Ø pitat  
 criança 3-DECL-esperar-DUPL-NFUT muito  
 ‘O menino esperou muito tempo’  
 ‘O menino esperou muitas vezes’

(218) Inácio iosednosedn pitat.  
 Inácio i-osedn-osedn-Ø pitat  
 Inácio PART-alegrar-DUPL- CONC.ABS. muito  
 ‘O Inácio ficou muito alegre’  
 ‘O Inácio ficou alegre muitas vezes’

Vamos considerar que *pitat* pode multiplicar os eventos porque isso é uma possibilidade dada pelo domínio verbal contável, do mesmo modo como propusemos analisar o *beaucoup* do francês na seção 8 do primeiro capítulo. Quanto a essa característica, *pitat* se assemelha a *kandat* e *ahop*. No entanto, *pitat* (como o *beaucoup* do francês) pode expressar, além da iteratividade, um grau. Retomando o que foi dito para o *beaucoup*, propomos que o grau é dado por um componente especial de certos quantificadores. Eles podem, dado um contexto apropriado, atribuir uma quantidade não discreta ao seu domínio. Explicamos essa atribuição de grau como uma operação nos átomos não-especificados dos domínios verbais atélicos, já que essas são as denotações que representam aqueles verbos que podem receber grau.

A análise de grau para o *pitat* dá conta do fato de que esse quantificador, diferentemente de *kandat* e *ahop*, aparece também associado a adjetivos e a outros advérbios:

- (219) Taso            se'a    pitat    iotam.  
 taso            se'a    pitat    i-otam-Ø  
 homem        bonito muito PART-chegar-CONC.ABS.  
 'O homem muito bonito chegou'
- (220) João naakat                    i-pon-pon                    kandat pitat    sojxaaty kyyn.  
 João Ø-na-aka-t                    i-pon-pon-Ø                    kandat pitat    sojxaaty kyyn  
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-atirar-DUPL-CONC.ABS. muito    muito    queixada em  
 'Um número indefinido de homens atirou em um número indefinido de queixadas  
 muitas vezes mesmo'

O grau poderá ser atribuído pelo quantificador sempre que seu domínio for um domínio graduável: adjetivos graduáveis, verbos atélicos (que possuem átomos não-especificados) e advérbios que podem ser intensificados. Assim, propusemos uma análise que dá conta dos usos de *pitat* na língua Karitiana utilizando como base a análise que oferecemos para *beaucoup* no capítulo 1, seção 8.

#### 4 Conclusões

Conforme foi exposta na introdução desta dissertação, esta pesquisa se propôs a responder as seguintes perguntas: (i) que tipo de quantificadores são *kandat*, *pitat* e *ahop*?; (ii) que restrições gramaticais possuem?; (iii) quais leituras proporcionam?; e (iv) qual a sua semântica?. Ao longo deste trabalho respondemos cada uma dessas questões aproximando os dados da língua Karitiana à teoria semântica dos quantificadores adverbiais, mais especificamente àquelas relacionadas aos itens que possuem a noção de muito, como *kandat*, *ahop* e *pitat*.

Quanto à primeira interrogação, que questiona que tipo de quantificadores são os itens focados na pesquisa, mostramos que eles são quantificadores adverbiais e não estão relacionados aos nomes, embora, à primeira vista, as leituras pudessem sugerir. Essa análise corroborou nossa afirmação de que o Karitina é uma língua que não possui quantificação-D (quantificação de determinante), mas apenas quantificação-A (quantificação adverbial).

Mostramos que *kandat* e *ahop* podem aparecer com verbos de todo tipo, sempre disparando leitura de multiplicidade de eventos, enquanto que *pitat* pode ocorrer com verbos, adjetivos e advérbios graduáveis podendo tanto proporcionar leituras iterativas (com verbos) quanto especificar um grau (com verbos, adjetivos e advérbios). Essa demonstração respondeu as perguntas (ii) e (iii) acima.

Quanto à última questão, a respeito da semântica dos elementos analisados, propusemos que *kandat* e *ahop* são quantificadores de frequência nos termos de Doetjes 2007 e De Swart 1993 e que *pitat* é um quantificador de grau (nos termos de Doetjes 2007). Além disso, refinamos a proposta teórica desses dois tipos de quantificadores levando em conta as assunções de Rothstein 1999, 2004, 2008a, 2008b de que todo o domínio verbal é contável. Propusemos que os quantificadores de frequência não possuem nenhum componente intrínseco especial, mas que podem multiplicar os eventos de uma sentença graças à natureza contável dos verbos e que os quantificadores de grau é que possuem uma característica particular, uma vez que, além de poderem multiplicar os eventos, podem atribuir-lhes um grau.

Este trabalho é relevante porque além de trabalhar com uma língua indígena brasileira que possui poucos estudos do ponto de vista formal, aproximou e reviu a teoria sobre os quantificadores de frequência e grau em Karitiana e no francês.

## Referências

- BACH, E. The Algebra of Events. *Linguistics and Philosophy* 9, p. 5-16, 1986.
- BACH, E.; JELIEK, E.; KRATZER A.; PARTEE, B. (eds.) Introduction. In: *Quantification in Natural Languages*. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1995.
- BARWISE, J.; COOPER R., Generalized quantifiers and natural language. *Linguistics and Philosophy* 4, p. 159-219, 1981.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CARVALHO, A. *O Aspecto em Karitiana*. São Paulo. Trabalho não publicado.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics* 6, p. 339-405, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Semântica*. Tradução de Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Londrina: Eduel; Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos dos Sintagmas Nominais em Karitiana: A Quantificação Universal*. 2008. 108f.. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – USP, São Paulo.
- COUTINHO-SILVA, T. *O Sintagma Nominal em Karitiana*. Trabalho apresentado no 13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, São Paulo, 2005.
- DAVIDSON, D. The Logical Form for Action Sentences. In: ASCHER (ed.) *The Logic of Decision and Action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967. p. 81-95.
- DOETJES, Jenny. *Quantifiers and Selection*. 1997. 316f.. Tese (Doutorado em Lingüística) - Leiden University, Holanda.
- \_\_\_\_\_. Adverbs and quantification: degree versus frequency. *Lingua*, 117, p. 685–720, 2007.
- EVERETT, Caleb. *Patterns in Karitiana: Articulation, perception, and grammar*. 2006. 486f.. Tese (Doutorado em Lingüística) - Rice University, EUA.
- EVERETT, Daniel. A note on ergativity S' e S'' in Karitiana. In: Derbyshire, Desmond (ed.). *Workpapers of the Summer Institute of Linguistics*. Grand Forks: University of North Dakota, v. 29, 1985. p. 69-81.



- \_\_\_\_\_. Case spreading and phrase structure in Karitiana. Trabalho apresentado no *Western conference on linguistics (WECOL)*, Seattle, 1993.
- \_\_\_\_\_. The syntax and phonology of case-spreading in Karitiana. In: *WECOL (Western Conference on Linguistics)*, 1994, Fresno. *Proceedings of WECOL*. California State University, Fresno.
- FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa*. Curitiba: Posigraf, 2004.
- FERREIRA, M. *Event Quantification and Plurality*. 2005. 138f.. Tese (Doutorado em Lingüística) – MIT, EUA.
- GUIMARÃES, M. R. *Dos intensificadores como qualificadores: os âmbitos de expressão da quantificação no português do Brasil*. 2007. 212f.. Tese (Doutorado em Lingüística) – UFPR, Curitiba.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE; MORGAN (Eds.) *Speech acts*. New York: Academic Press, 1975.
- HEIM, I. *The Semantics of definite and indefinite noun phrases*. New York & London: Garland Publishing, 1988.
- HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in generative grammar*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- HIGGINBOTHAM, J. Mass and Count Quantifiers. *Linguistics and Philosophy* 17, p. 447-480, 1994
- ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português Falado II: os níveis de análise lingüística*. Campinas: EDUNICAMP, 1992. p.151-191.
- KRIFKA, M. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, S. *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998. p. 197-235.
- KRATZER, A. *The Event Argument and the Semantics of Verbs*. 2003. Disponível em: <<http://semanticsarchive.net>>. Acesso em: 10 mai. 2008.
- \_\_\_\_\_. On the Plurality of Verbs. In: DÖLLING, J.; HEYDE-ZYBATOW, T. (eds.) *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- LANDIN, D. *Dicionário e Léxico Karitiana/Português*. Brasília: SIL, 1983.

- \_\_\_\_\_. An Outline of the Syntactic Structure of Karitiana Sentences. *Estudos Sobre Línguas Tupi do Brasil. Série Linguística 11*. Brasília: SIL, 1984.
- \_\_\_\_\_. As Orações Karitiana. *Série Linguística 9 (2)*. Brasília: SIL, 1988.
- LANDIN, R. Word Order Variation in Karitiana. *Arquivo Linguístico no. 149*. Brasília: SIL, 1982.
- \_\_\_\_\_. Conjunções Karitiana de Nível Superior. *Série Linguística 9(1)*. Brasília: SIL, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Kinship and Naming Among the Karitiana of Northwestern Brazil*. 1989. 71f.. Dissertação (Mestrado em Linguística) University of Texas, EUA.
- LANDIN, D. & R. LANDIN. A Preliminary Description of the Karitiana Phonological Structure. *Arquivo Linguístico No. 163*. Brasília: SIL, 1973.
- LASERSOHN, P. *Plurality, Conjunction, and Events*. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1995.
- LEWIS, D. Adverbs of quantification. In: KEENAN, E. L. (ed.) *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975. p. 3-15.
- LINK, G. The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: A Lattice-theoretical Approach. In: BÄUERLE, R.; SCHWARZE, A. von Stechow (eds.) *Meaning, Use, and Interpretation of Language*. Berlin; New York: Springer, 1983. p. 302-323.
- MATTHEWSON, L. Quantification and Cross-Linguistic Variation. *Natural Language Semantics 9*, p. 145-189, 2001.
- \_\_\_\_\_. On the Methodology of Semantic Fieldwork. *International Journal of American Linguistics 70*, p. 369-415, 2004.
- MILSARK, G. *Existential sentences in English*. 1974. 260f.. Tese (Doutorado em Linguística) – MIT, EUA.
- MÜLLER, A. The Expression of Genericity in Brazilian Portuguese. In: KUSUMOTO, K.; VILLALTA, E. (eds.) *UMOP23: Issues in Semantics*. Amherst: GLSA. 2000.
- MÜLLER, A. ; STORTO, L. ; COUTINHO-SILVA, T. Number and the mass/count distinction in Karitiana. In: *WSCLA: Workshop on the Structure and Constituency of the Languages in the Americas*, 2006, Vancouver. *Proceedings of the eleventh workshop on structure and constituency in languages of the Americas*. Vancouver: University of British Columbia Working Papers in Linguistics, 2006. v. 19.

- PARSONS, T. *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- PARTEE, B.; BACH, E.; KRATZER, A. *Quantification: A Cross-Linguistic Perspective*, NSF proposal, University of Massachusetts, Amherst, 1987.
- ROTHSTEIN, S. Adverbial quantification over events. *Natural Language Semantics* 3, p.1-31, 1995.
- \_\_\_\_\_. Fine-grained structure in the eventuality domain: the semantics of predicate adjective phrases and 'be'. *Natural Language Semantics* 7, p. 347-420, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Counting and the Mass Count distinction*. 2007. Disponível em: <<http://faculty.biu.ac.il/~rothss/Counting%20and%20the%20Mass%20Count%20Distinction%20june%202007.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Telicity and Atomicity*. In: ROTHSTEIN, S. (ed) *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam: John Benjamins, 2008a. p. 43-78.
- \_\_\_\_\_. 2008b. *Two puzzles for a theory of Lexical Aspect: the case of semelfactives and degree adverbials*. In: DÖLLING, J.; HEYDE-ZYBATOW, T. (eds.) *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008b.
- SANCHEZ-MENDES, L. A Expressão da Quantificação em Karitiana. *Caderno de Pesquisa na Graduação em Letras – Revista da Associação Nacional de Pesquisa na Graduação em Letras*. Ano III, número 3, p. 103-110, 2006.
- SANCHEZ-MENDES, L. ; MÜLLER, A. The Expression of Quantification in Karitiana: Pluractionality and Quantifiers. In: *4th Conference of semantics of under-represented languages in the Americas*, 2007, São Paulo. *UMOP 35: Proceedings of the 4th Conference of semantics of under-represented languages in the Americas*. Amherst: BookSurge Publishing, 2007. p. 247-257.
- SAPIR, Edward. Grading: a study in semantics. *Philosophy of Science* 11, p. 93-116, 1944.
- SPORTICHE, D. A Theory of Floating Quantifiers and its Corollaries for Constituent Structure. *Linguistic Inquiry* 19.2, p. 425-451, 1988.
- STORTO, L. 1994. Basic Word Order in Karitiana. In: Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas, 1993, Berkeley. *Report 8: Survey of*

- California and Other Indian Languages*, Berkeley: University of California at Berkeley, 1994. p. 138-144.
- \_\_\_\_\_. 1995. *Relatório de Pesquisa Dirigido à FUNAI - Descrição e Análise da Língua Karitiana*.
- \_\_\_\_\_. Verb Raising and Word order variation in Karitiana. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN) n° 20 - Homenagem a Aryon Dall'igna Rodrigues*, 1997a.
- \_\_\_\_\_. A Report on Language Endangerment in Brazil. *MIT Working Papers in Linguistics* 28, 1997b.
- \_\_\_\_\_. Karitiana: A verb Second Language from Amazonia. In: *Sixth Conference of Students of Linguistics of Europe (CONSOLE)*. 1998, Lisboa. *Proceedings of the Sixth Conference of Students of Linguistics of Europe*. Lisboa, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Aspects of Karitiana Grammar*. 1999a. 222f.. Tese (Doutorado em Lingüística) – MIT, EUA.
- \_\_\_\_\_. *Concordância Irregular em Construções de Foco do Objeto em Karitiana*. Trabalho apresentado na Associação Brasileira de Lingüística ABRALIN, Florianópolis. 2000.
- \_\_\_\_\_. Duas Classes de Verbos Intransitivos em Karitiana (Família Arikém, Tronco Tupi). In : QUEIXALOS, Francisco. (Org.) *Des noms et des verbes en tupi-guarani*. Muenchen: Lincom-Europa, 2001. p. 163-180.
- \_\_\_\_\_. Categorias Funcionais em Karitiana. In: CABRAL; RODRIGUES (Org.) *Atas do Grupo de Trabalho em Línguas Indígenas*. Belém: UFPA, 2002a.
- \_\_\_\_\_. Dicionário Karitiana-Português-Inglês: um produto do processo de educação na língua Karitiana. In: CABRAL; RODRIGUES (Org.) *Atas do Grupo de Trabalho em Línguas Indígenas*. Belém: UFPA, 2002b.
- \_\_\_\_\_. Algumas categorias funcionais em Karitiana. In: *Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, 2002, Belém. *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém : Editora Universitária, 2002c.
- \_\_\_\_\_. Interactions between verb movement and agreement in Karitiana. *Revista Letras*, n. 60, p. 411-433, 2003.
- STORTO, L. & P. BALDI. The Proto-Arikem Vowel Shift. Trabalho apresentado no LSA. 1994.

- STORTO, L.; DEMOLIN, D. The Phonetics and Phonology of Unreleased Stops in Karitiana. In: *Berkeley Linguistic Society 28*, 2002, Berkeley. *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society 28*. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 2002a.
- \_\_\_\_\_. Production and Perception of Vowels in Karitiana. Trabalho apresentado na *Acoustical Society of America*, Cancun, 2002b.
- \_\_\_\_\_. Pitch Accent in Karitiana. In: KAJI, S. (Org.) *Cross Linguistic Studies of Tonal Phenomena*. Tokyo: Tokyo University of Foreign Studies, p. 329-356. 2005.
- STORTO, L. & VANDER VELDEN, F.F. 2005. Karitiana. In: *Povos Indígenas do Brasil*. Acesso em: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/karitiana/karitiana.shtm>>. Acesso em 1 fev. 2009.
- de SWART, H. *Adverbs of Quantification: A Generalized Quantifier Approach*. Nova Iorque e Londres: Garland, 1993.
- VENDLER, Zeno. Verbs and times. *The Philosophical Review* 66.2, p. 143-160, 1957.
- YU, Alan C. L. Pluractionality in Chechen. *Natural Language Semantics* 11, p. 289-321, 2003.